ALENTEJO EM MUDANÇA

O IMPACTO DOS IMIGRANTES, AS ALTERAÇÕES NA VIDA QUOTIDIANA E NA PAISAGEM

A NEWSMAGAZINE MAIS LIDA DO PAÍS HÁ 31 ANOS WWW.VISAO.PT

VISÃO

MEMÓRIA
OS 50 ANOS DO INÍCIO DO GONÇALVISMO

ANTÓNIO ARAÚJO
"O 25 DE NOVEMBRO NÃO DEVE SER COMEMORADO COMO UM ANTI-25 DE ABRIL"

VISÃO Se7e
AS MELHORES RECEITAS PARA O VERÃO

CUIDADO COM AS COMPRAS!

As estratégias e os truques das grandes empresas de comércio eletrónico para nos fazer gastar dinheiro... em produtos de que nem sabíamos que precisávamos

- AUTORIDADES EUROPEIAS PREOCUPADAS COM MÉTODOS AGRESSIVOS DAS COMPANHIAS CHINESAS
- OS MILIONÁRIOS DA AMAZON, SHEIN, TEMU E ALIBABA
- COMO EVITAR COMPRAS SUPÉRFLUAS E POR IMPULSO

N.º 1640 . 8/8 A 14/8/2024

VISÃO

8 AGOSTO 2024 — Nº 1640

MARCOS BORGA

www.visao.pt

ONLINE
Últimos artigos no site da **VISÃO**

Rosário Barbosa
BOLSA DE ESPECIALISTAS
Investigar ou não investigar: eis a não questão!

Bruno Batista
OPINIÃO
Homens e/ou Mulheres

Manuela Niza Ribeiro
IGUALMENTE DESIGUAIS
Venezuela. E se...?

MARCOS BORGA

Alentejo em mudança

Em 2024, já poucos ficarão surpreendidos quando passam pelo Largo Gomes Freire, em São Teotónio, concelho de Odemira. No largo que todos conhecem como Quintalão, na Doce Amanhecer, é possível pedir uma "bica" e, para acompanhar, uma chamuça vegetariana ou, então, um quadradinho de barfi. Definitivamente, o Alentejo, região que os portugueses continuam a escolher como um dos seus destinos de férias preferidos, está a mudar.

O balcão da pastelaria Doce Amanhecer é apenas um pequeno exemplo do Alentejo em mudança, uma realidade que a nossa equipa de reportagem, constituída pela grande-repórter Rosa Ruela e pelo fotógrafo Marcos Borga, pôde comprovar durante os dias em que esteve no terreno. São Teotónio é, precisamente, a freguesia onde esta realidade migratória do Sudoeste Asiático tem sido mais intensa. No concelho de Odemira, onde só a produção de frutos vermelhos já gera 300 milhões de euros por ano, coabitam 80 nacionalidades, mas há muitos mais exemplos dessa região em mudança. Em Beja, há quem ateste que todos os dias há imigrantes a chegar. "Nem que se levantasse um muro, continuavam a entrar pessoas", diz Madalena Palma, de uma associação sem fins lucrativos, criada para ajudar quem precisa. Na opinião de Pedro Góis, professor de Sociologia na Universidade de Coimbra, este Alentejo em mudança "não voltará para trás". "São pessoas iguaizinhas a nós, mas que fazem grandes viagens para ir até um país que não conhecem, são muito empreendedoras e com coragem para melhorar a sua vida", continua. Para ler na VISÃO desta semana, a partir da página 40.

Nesta edição, há também mais um dossier dedicado às Olimpíadas de Paris, que terminarão no próximo domingo, 11. E ainda um longo artigo, assinado pelo jornalista Rui Barroso, sobre a entrada das lojas chinesas Shein e Temu no mercado europeu e as suas consequências para o comércio online. Por fim, na VISÃO Se7e, receitas de verão, pela chefe de cozinha Marlene Vieira. V visao@visao.pt

Subscreva as nossas newsletters

A melhor informação, gratuitamente, na sua caixa do correio.
www.visão.pt

ANTEVISÃO
VISÃO SETE
VISÃO PLUS
VISÃO VERDE

Nas bancas

JOSÉ AFONSO
O génio da música portuguesa

MÚSICA
Brasil em Portugal

RIBERALVES
Os segredos do negócio do bacalhau

CORREIO DO LEITOR

A arte ou o dom dessas faculdades provém de origens que nos transcendem
– **Diamantino Reis**, *Portimão*

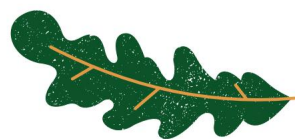
FALAR BEM EM PÚBLICO
Há diversos falares [*Os segredos para falar bem*, V1640]. Se uns contribuem para uma finalidade construtiva, outros são letais na manipulação ou sibilinos nos objetivos. O falar bem o que se quer transmitir nem sempre se orienta pelos melhores objetivos.
– **Eduardo Augusto de Sousa Dias Fidalgo**, *Linda-a-Velha*

VOLTA A PORTUGAL
Um elogio para transmissão da Volta pela RTP1. Uma crítica para o estado de muitas bermas das nossas estradas, com ervas e caniços a invadirem a faixa de rodagem. Para onde vai o nosso dinheiro do Imposto Único de Circulação (IUC)? Há muita irresponsabilidade e incompetência de quem dirige os serviços de manutenção e limpeza. Voltem, senhores cantoneiros de outros tempos.
– **Miguel Pinto**, *Peniche*

Contactos
visao@visao.pt
As cartas devem ter um máximo de 60 palavras e conter nome, morada e telefone. A revista reserva-se o direito de selecionar os trechos que considerar mais importantes.

Morada
CORREIO: Av. Jacques Delors, Edifício Inovação 3.1, Espaço nº 511/512, 2740-122 Porto Salvo

EDITORIAL

Desinformação em direto

Rui Tavares Guedes

— Diretor

Os Jogos Olímpicos são, para o melhor e para o pior, um espelho do mundo e, nos dias intensos e preenchidos em que se concentram as atenções planetárias, ajudam-nos a observar a realidade de uma forma diferente: ao vibrarmos com a proeza de um atleta, somos capazes de, imediatamente, passar a simpatizar com um país que, muitas vezes, nem sequer conseguíamos identificar no mapa; ao olharmos para as listas de medalhados, sentimo-nos obrigados, noutras ocasiões, a desfazer algumas ideias feitas sobre a relação entre economia, demografia e desenvolvimento desportivo; ao assistirmos a várias provas, das mais diversas modalidades, percebemos como, apesar de cada atleta envergar as cores da sua nação, o mundo é hoje um local mais diverso e miscigenado, e em que se desfazem, de forma imparável, os estereótipos de uma imagem associada à fisionomia e aparência física dos naturais de cada país.

Embora se tenha transformado num negócio colossal, o olimpismo não perdeu a magia de nos fazer acreditar, nem que seja por um instante fugaz, que é possível reunir os representantes de todas as nações do mundo num ambiente de paz e de respeito mútuo. E, quando esse espírito de união e de confraternização consegue alastrar pelas ruas da cidade que acolhe os Jogos Olímpicos, como se tem visto nestes dias em Paris, o efeito torna-se ainda mais forte. Pode ser só uma ilusão, mas as imagens de festa e de confraternização, despidas dos hooliganismos e de alguns tribalismos que se veem noutro tipo de competições, são um alento para as melhores utopias e ilustram, com cores vivas, o que pode ser viver em liberdade, igualdade e fraternidade, em plena e total diversidade.

A imagem, mesmo que fugaz e ilusória, de um mundo unido sob os Jogos Olímpicos é inspiradora para milhões de pessoas, mas é também terrivelmente perturbante para quem, todos os dias, repete o discurso do ódio, promove a intolerância e recusa o multiculturalismo. E isto não é de hoje. Todos sabemos – ou nunca deveríamos esquecer – que o impulso quase faraónico de Hitler, nos Jogos de Berlim 1936, não era promover o universalismo, mas procurar demonstrar que os arianos eram uma raça superior. Nesse ano, os resultados das competições, em especial as de um lendário Jesse Owens, desfizeram todas as teorias nazis, tanto as ideológicas como as pseudocientíficas. Agora, em 2024, o êxito popular e desportivo dos Jogos Olímpicos de Paris tem constituído a melhor resposta aos que, continuamente, procuram criar divisões na sociedade e destruir o espírito democrático.

A desinformação é a arma preferida para fomentar a polémica e, com ela, a divisão, quebrando o ambiente conjunto de fraternidade e de celebração. E o método é sempre o mesmo: pega-se num facto plausível e acrescenta-se-lhe uma mentira. Foi o que aconteceu com o caso das pugilistas femininas, alegadamente com níveis de testosterona altos, que rapidamente foram acusadas de serem homens disfarçados de mulheres pelos suspeitos do costume: os líderes da extrema-direita europeia, mais Donald Trump, Elon Musk e outras personagens que estão sempre prontas para deitar gasolina para qualquer fogueira de indignação.

A polémica não foi espontânea, no entanto. Ela foi plantada e, logo em seguida, ampliada pelo presidente da Associação Internacional de Boxe (IBA), uma organização desacreditada internacionalmente, com inúmeros casos provados de corrupção, e dirigida por um fiel escudeiro de Vladimir Putin. E não custa perceber as suas motivações: a Rússia foi impedida de participar nos Jogos Olímpicos e a IBA foi excluída do movimento olímpico. A vingança é mais do que óbvia.

Este caso ajuda-nos, no entanto, a perceber como funciona o coro de indignados numa cadeia de desinformação – como, uns a seguir aos outros, como que movidos pelo mesmo impulso instantâneo, repetem as mesmas falsidades, sem acrescentarem qualquer facto novo, ajudando a ampliar e a tentar criar um clamor global, baseado na raiva, no ódio e no confronto. O método está a ser usado para desacreditar uns Jogos Olímpicos de paz, festa e celebração, mas também para atiçar o ódio e os tumultos no Reino Unido, com o aproveitamento de uma tragédia, que a extrema-direita quis transformar em mais uma batalha contra os imigrantes. A desinformação é, neste momento, uma das maiores ameaças à paz, à democracia e à liberdade. É imperioso, por isso, que seja denunciada e duramente condenada. V

rguedes@visao.pt

A imagem, mesmo que fugaz e ilusória, de um mundo unido sob os Jogos Olímpicos é inspiradora para milhões de pessoas, mas é também terrivelmente perturbante para quem, todos os dias, repete o discurso do ódio

CASA ERMELINDA FREITAS
6 VINHOS PARA DEGUSTAR

Dona Ermelinda, marca-âncora da Casa Ermelinda Freitas, homenageia Ermelinda do Rosário Pires Freitas, a famosa Dona Ermelinda, terceira geração de mulheres da empresa

A qualidade Dona Ermelinda é de excelência, representa vinhos gastronómicos com um estilo mais "clássico". Tenta-se sempre usar as castas mais típicas da região de vinhas velhas, conjugadas com castas internacionais, quando se entende que elas melhoram os lotes, tornando-os distintos.

DONA ERMELINDA TINTO

NOTA DE PROVA

Vinho de cor vermelho-escura, granada, aroma bem conjugado com a madeira, confitado, rico em frutos vermelhos muito maduros, bem conjugado com a madeira, cheio, complexo, com taninos muito redondos, final de boca prolongado e agradável.

COMO CONSUMIR?

Ideal com pratos de carne, bacalhau e queijos.

DONA ERMELINDA TINTO RESERVA

NOTA DE PROVA

Vinho com cor granada, quase opaco, com aromas a lembrar frutos pretos, especiarias e fumo, com alguma compota devido à grande maturação atingida. Na boca, é um vinho denso, cheio, com grande estrutura, taninos presentes, mas integrados e macios. Final longo, persistente e muito agradável.

COMO CONSUMIR?

Carnes, carnes vermelhas, pratos de caça, queijos, queijos de pasta mole, queijos fortes.

DONA ERMELINDA BRANCO

NOTA DE PROVA

Vinho com cor palha, esverdeado, aroma frutado e intenso, com notas a frutos tropicais e a mel. Na boca, revela-se cheio, com grande equilíbrio entre os componentes: acidez – açúcares – álcool – madeira. Final longo, persistente e agradável.

COMO CONSUMIR?

Excelente em pratos de peixe, saladas, massas e carnes brancas.

DONA ERMELINDA BRANCO RESERVA

NOTA DE PROVA

Vinho com cor amarelo-esverdeada, aroma com notas de frutos doces e algum citrino, bem integrado com a madeira onde estagiou. Na boca, apresenta-se cheio e cremoso, com final elegante e persistente.

COMO CONSUMIR?

Excelente para pratos de peixe, saladas, massas e carnes brancas.

DONA ERMELINDA GRANDE RESERVA

NOTA DE PROVA

Vinho com cor granada, quase opaco, com aromas a lembrar frutos pretos, especiarias e fumo, com alguma compota devido à grande maturação atingida. Na boca, é um vinho denso, cheio, com grande estrutura, taninos presentes e bem integrados. Final longo e persistente.

COMO CONSUMIR?

Carnes vermelhas, pratos de caça, queijos de pasta mole e fortes.

NOVO MEMBRO DONA ERMELINDA ROSÉ

Neste ano, a gama Dona Ermelinda cresce com o novo Dona Ermelinda Rosé, que teve uma grande aceitação junto do consumidor. A referência está a reunir grande sucesso nos festivais, de norte a sul, em que a Casa Ermelinda Freitas está presente.

NOTA DE PROVA

Vinho com cor rosé, leve, com aroma frutado, intenso, com frutas vermelhas frescas, na boca apresenta-se refrescante e com grande equilíbrio entre a acidez e os açúcares.

COMO CONSUMIR?

Serve de aperitivo e acompanha bem pratos leves, como peixes, saladas, comida italiana, nomeadamente pizzas e pastas, e ainda comida asiática.

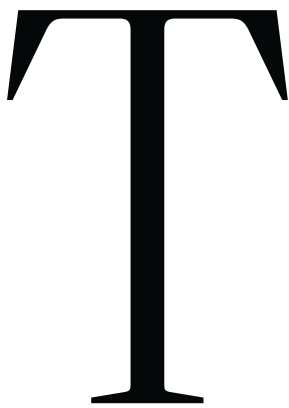
ERMELINDA VINHOS

Velibor Čolić

Escritor e jornalista

"Em minha casa, tenho uma biblioteca com três mil livros que incluem o 'Mein Kampf'. E isso não é problemático: o que é problemático é o mundo ser gerido por pessoas que leem apenas um livro"

— POR SÍLVIA SOUTO CUNHA

FRANCESCA MANTOVANI/EDITIONS GALLIMARD

Trata-se do proverbial caso da vida extraordinária que produziu um livro: *O Livro das Despedidas* (Gradiva, 184 págs., €15,50) é um exercício literário torrencial e lúcido, habitado pela biografia e pela circunstância de o seu autor ser um exilado fugido da guerra na antiga Jugoslávia, um homem propulsionado por um espírito cáustico, sedutor e, às vezes, propenso à vertigem do álcool, do sexo e da vaidade. Nascido em 1964 na pequena cidade de Modrica, na Bósnia, Velibor Čolić foi apanhado em 1991 no vendaval histórico da guerra dos Balcãs, com estudos de literatura feitos e profissão de jornalista dedicado à música (é um apaixonado por jazz, diga-se). Entrado nas fileiras do exército bósnio, desertou em maio de 1992 e foi sumariamente preso. Velibor protagonizou, então, uma fuga para França, aí refazendo a sua identidade como refugiado e como falante de francês – dupla condição que o faz testemunha e personagem das atuais contradições europeias. Mas ele quis mais do que fintar o destino da geopolítica: "O meu problema é simples: sou um refugiado ambicioso. Indesculpável. As coisas desculpáveis para um imigrante são a pobreza, o analfabetismo, a poligamia, as cáries, a corpulência, pelos do nariz a sair das narinas, e por aí fora. Mas a ambição não é um estado normal para um imigrante. E sobretudo quando se trata de uma ambição tão francesa: escrever livros." À VISÃO, falou do seu admirável mundo novo em francês, o idioma em que hoje escreve, e a sua verdadeira fronteira. "*Ça marche!*"

"Nunca viajei sem as minhas memórias. É preciso ter sempre algo sensacional para ler no comboio." Esta sua citação de Oscar Wilde denuncia que um exilado não tem autorização para viver o presente e projetar o futuro, está condenado a reviver o passado como um Sísifo moderno?

Sim, de alguma forma. *O Livro das Despedidas* faz parte da minha trilogia literária dedicada ao exílio, iniciada com *Manuel d'Exil – Comment Réussir son Exil en Trente-cinq Leçons* [*Manual do Exílio – Como Ter Sucesso no seu Exílio em Trinta e Cinco Lições*] e fechada há um ano com outro livro também editado pela Gallimard chamado *Guérre et Pluie* [*Guerra e Chuva*]. Apercebi-me de que mesmo os grandes escritores que enfrentaram o tema da saída da pátria de origem, como Stefan Zweig ou os grandes autores dissidentes russos, falam sobretudo e intimamente da alma. Escolho falar do corpo exilado, porque é através deste que esse exílio é vivido. *O Livro das Despedidas* fala de mim, do meu próprio corpo em mudança enquanto refugiado. Não trata tanto da questão de ir embora, mas de ficar num outro lugar. Antes da partida efetiva, acontecem muitas pequenas partidas: abandonamos o país, deixamos a nossa língua, despedimo-nos da família, separamo-nos de amores, despimos a nossa nacionalidade. O viajante desloca-se simplesmente do ponto A para o ponto B, é como ir de Paris a Lisboa. Mas o exilado é alguém que espera pela partida e pode chegar a um ponto incerto. A citação de Oscar Wilde… ilustra bem o propósito de usar a minha biografia, tornando as coisas interessantes para o leitor, e sublinhando que esta não é a história de um viajante. À época, eu era um nómada, e os nómadas são os primeiros proprietários da terra. Mas hoje eu já sou um viajante.

A sua escrita é uma cerimónia do adeus, para citar Beauvoir. Curiosamente, descreve a sua chegada a Rennes tendo apenas três palavras francesas na bagagem: Jean, Paul e Sartre. Como é que cruzou as fronteiras da linguagem?

Para mim, o exílio é a busca da humanidade perdida. E eu escrevi em francês. É como se os meus livros dissessem: "Vejam, eu choro, rio, embriago-me, apaixono-me, sou estúpido, tenho fome, adoeço, transpiro, sou grande, sou pequeno, sou também humano." Ser um exilado é como se tivéssemos uma esponja que apagasse o nosso rosto. E as obras que escrevi são tentativas de redesenhar esse rosto, e da necessidade tão humana de dizer: "Estou vivo."

O que diz reflete a atual tentativa de desumanização do imigrante, do refugiado, do nómada. A escrita tem o dever de a combater?

Exatamente. O exílio vivido pelo imigrante não é apenas um inferno: é uma nova oportunidade. Quando vivia na Bósnia, perdi tudo: queimaram-me a casa, os meus escritos, todas as coisas que possuía. No momento em que se atinge um grau zero, podemos avançar. Mas coloque-se essa "oportunidade" entre aspas cuidadosas: desejar um novo enraizamento pressupõe uma nova linguagem e um novo país literário. Defendo a ideia de que a tragédia e a comédia são duas faces do nosso destino humano. E o destino de um escritor é ainda mais complicado: ou seja, tentei criar coisas engraçadas que não são, por definição, divertidas. Não uso o mecanismo da casca de banana [no chão] que faz o homem cair. No outro dia, escutei uma entrevista de rádio a Jacques Tati em que o jornalista, algo enervado, o confrontava assim: "Mas nós vemos que o senhor é fortemente inspirado nas grandes figuras do burlesco norte-americano como Charlie Chaplin e Buster Keaton!" E Tati apenas responde, com aquele sotaque especial: "*Oooui!*" Nesse cinema, há efetivamente cascas de banana, o homem tropeça, toda a gente se ri e não pensa mais no assunto. A má literatura é isso. Acredito que a literatura do exílio é tentar acompanhar o homem caído.

***O Livro das Despedidas* resiste à vitimização. É uma tentação difícil de ignorar?**

Sim, isso depende do temperamento e da ambição de cada um e de cada uma. Ser vítima é algo desagradável, embora possa revelar-se, por vezes, muito confortável. "Ah, perdi o meu país, não tenho isto nem aquilo…" Pessoalmente, prefiro um movimento de ação-reação: o exílio pode abrir-nos portas. Tinha uma ambição não autorizada de ser um escritor francês, estava num processo desafiante de aprendizagem. Tenho consciência de que esse desejo parecia quase anedótico, e que devia ser algo irritante para outros… Mas ser vítima significa ser o ponto zero do humano. Por exemplo, o meu pai era um militante comunista convicto, e nunca refez a sua vida após o desmoronamento da Jugos-

lávia. A história foi terrível para os homens da sua geração que sofreram a queda do regime como uma catástrofe em 1938: aos 54 anos, ele vivia apenas no passado, ainda que essa Europa desaparecida tivesse questões terríveis. A Europa é uma casa complicada: veja-se o populismo que agora cresce.

O seu pai compreendeu as suas escolhas: desertar do exército e exilar-se em França?

Ele encorajou-me, mais ainda depois de o meu irmão mais velho ter sido ferido na guerra e morrido. No momento em que parti, o meu pai disse-me: "A primeira coisa que vais fazer é ir beber uma cerveja a Munique na brasserie [cervejaria] onde tudo começou em 1933." Em *Guérre et Pluie* abordo essa história, mas está na altura de eu seguir em frente. Comecei a escrever a trilogia do exílio em 2010, o que soma já 14 anos da minha vida – nada mau! Agora tenho vontade de me encaminhar para um realismo mágico, género de que gosto muito, e quero escrever sobre o Oriente, o Camboja, o Vietname.

Sente-se demasiado arrumado na prateleira da autoficção?

O próximo romance será uma ficção sobre o mundo. Mas era importante contar esta minha história de exílio. Costumo dizer que tê-la escrito em francês foi como ter três airbags. O primeiro airbag relaciona-se com o tempo: entre o momento em que cheguei como um refugiado a Rennes [no dia 22 de agosto de 1992] e a altura em que inicio a escrita de *Manuel d'Exil*, em 2012-2013, passaram umas décadas que trouxeram apaziguamento. O segundo airbag tem que ver com a distância confortável de muitos quilómetros entre a Bósnia e Estrasburgo. Por fim, o terceiro airbag relaciona-se com o idioma francês, que fui aprendendo em casa, na rua e nos restaurantes, e cujas contradições e vantagens fui descobrindo, por exemplo, na sua tradução de emoções como a cólera, a tristeza, o sentimento de proteção. Ainda me perguntam muitas vezes como escrevo: com dicionários, com desespero por vezes. Mas, paradoxalmente, esta língua francesa que aprendi já em adulto liberta-me: permite-me ser mais íntimo com o texto. A língua é um território próprio.

> **A democracia exige esforço. A ditadura é simples: há uma moldura e tu não participas nela. Isto é confortável para muitos: desde que o nível de água [da falta de liberdade] não lhes tape completamente o nariz, não fazem ondas**

"O exílio é exigente. O exílio recomenda: doseia bem a tua visibilidade. Faz-te notar apenas pelas mulheres, e não pela polícia. Toda uma arte. Tornar-se um cidadão anónimo, o Senhor Ninguém. Suavizar os nossos gestos. Cortar a barba. Mudar de penteado: substituir o estilo da Europa de Leste por outro mais descontraído, mais livre, à ocidental", lê-se em *O Livro das Despedidas*. Ser anónimo é uma proteção necessária?

Sim. Devo dizer que para mim, independentemente da ambição literária, o caminho que quis seguir primeiro foi o da normalidade. Esse objetivo foi mais fácil, já que sou um refugiado branco: sou invisível. Mas quando abria a boca, era remetido à minha condição de estrangeiro. Uma criança que fala "mal" é engraçada; um adulto que fala mal é estúpido. Portanto, todas as batalhas foram travadas, incluindo a da superação do sotaque. O meu romance preferido é *O Estrangeiro*, de Albert Camus: quando consegui lê-lo [em francês], foi uma enorme vitória.

Chocou-o sentir essas nuances da aceitação na França da "liberdade, igualdade, fraternidade"?

Sim e não. Sim, porque o meu "problema" prendia-se com o facto de ser um "bósnio" a comunicar a sua intenção de se tornar um intelectual francês. De ser um refugiado que não era uma mera estatística: esta questão foi uma linha vermelha. Temos de nos libertar dos clichés, como o da rapariguinha polaca que trabalha na caixa do supermercado...

Que conclusões retira das últimas eleições francesas e da ascensão da extrema-direita anti-imigração? Perdeu-se a memória nas gerações jovens?

Bem, se não aprendemos nada com a História, estamos condenados a repeti-la. E nós não aprendemos nada: a convivência entre a democracia e o populismo foi sempre complicada. "Estamos em nossa casa." Esta ideia do populismo repete-se nos momentos em que a democracia atravessa momentos de fraqueza. Por exemplo, na Bélgica, onde moro há três anos, apercebo-me do efeito da democracia horizontal: é preciso que toda a gente esteja de acordo com toda a gente. A democracia exige esforço. A ditadura é simples: há uma moldura e tu não participas nela. Isto é confortável para muitos: desde que o nível de água [da falta de liberdade] não lhes tape completamente o nariz, não fazem ondas. Mas os problemas estão a aumentar na Alemanha, em França... Quero manter-me otimista, mas é como dizia o Groucho Marx – e eu sou um grande marxista – quando lhe perguntaram se era otimista ou pessimista: "Mas como é que eu hei de saber?"

Para os leitores portugueses, há um pequeno prazer em ler a alusão a Fernando Pessoa, a sua "sombra". É só um cliché literário?

Bem, todos nós já passamos por Pessoa. Estou a brincar... Todos gostamos dos clássicos porque estamos aqui: se pararmos de ler as obras de Pessoa, de Thomas Mann, de Kafka, eles ficarão mortos. Também admiro a produção literária contemporânea de França, mas as raízes da literatura francesa moderna são demasiado burguesas e aristocráticas. São pessoas que vivem muito bem, que têm problemas que não me interessam, que querem eliminar certas emoções e eu não compreendo porquê... Durante um período mais complicado do meu exílio, criei um pequeno panteão de escritores. Recordo-me de estar no aeroporto a caminho da Estação de Clichy, o único lugar que

conhecia em Paris, e pensava: "Tenho frio, tenho fome, mas o Henry Miller também passou pelo mesmo que eu." Podemos pedir muita coisa à literatura, mas não que seja melhor do que o mundo... Mas toda a literatura deve existir. Em minha casa, tenho uma biblioteca com três mil livros que incluem o *Mein Kampf* [o manifesto nazi de Hitler]. E isso não é problemático: o que é problemático é o mundo ser gerido por pessoas que leem apenas um livro.

A dada altura, critica o realismo literário como a encarnação de Lúcifer e atribui a bandas de jazz (Miles, Coltrane...) o papel de apóstolos. É o jazz, e não a literatura, que vai salvar o mundo?

Há que reivindicar tudo: Pessoa, Miles Davis, Fassbinder... Isso é que pode salvar o nosso mundo. Gutenberg inventou o nosso "passaporte", a palavra impressa. Quando vou falar enquanto escritor com alunos de liceu, há sempre alguém que levanta a questão das minhas origens. A nossa história é importante, mas eu defendo que é preciso combater o olhar uniforme e coletivo sobre os refugiados, sejam estes franceses, portugueses, belgas, ciganos, negros, brancos... Somos sempre um mais um mais um mais um – até ao infinito. É neste território que envolve o mundo inteiro que a literatura deve operar.

É verdadeira a história de que levou consigo uma fotografia da poeta americana Emily Dickinson para a frente de batalha na Bósnia?

Sim, ela foi uma companhia constante guardada dentro do caderno de bolso que transportei comigo. Emily Dickinson era uma pacifista, representava todos os valores que se opunham à guerra que eu estava a viver, de Kalashnikov na mão. Quanto mais tempo passava na frente de batalha, mais evidentes se tornavam os absurdos das trincheiras e eu compreendia tudo o que tinha a perder. Há um provérbio aterrorizador nos Balcãs que vou tentar traduzir: os homens ricos fazem a guerra com a lama e os homens pobres fazem a guerra com os filhos. Depois da guerra, os ricos voltam a comprar a lama e os pobres procuram as sepulturas.

A guerra está de regresso à Europa. Crê que os jovens soldados a combater na Ucrânia poderiam ter a opção de desertar, face à pressão internacional e às vozes que defendem ser eles a última barreira antes do conflito em larga escala na Europa e, possivelmente, no mundo?

Eu sou um velho punk, um velho anarquista. Direi apenas isto: não há um único filho de ricos em certas trincheiras. Porque tem de existir sempre o dever de o pobre defender o rico? Quem tem o poder de pesar na balança o quanto custam a nossa liberdade e as vidas que se perdem? Estou do lado dos soldados, das suas mães, das suas companheiras. Não sei como irá terminar o conflito na Ucrânia, mas o preço dos prováveis quatro anos de duração desta guerra vai sentir-se. Profundamente trágica para mim é a ideia de que a Europa não tenha grandes meios para enfrentar este novo mundo. O que podemos fazer? Deixo o pensamento de que não há pequenas vitórias na vida: todas as vitórias são grandes. V scunha@visao.pt

R

RADAR

PONTOS DA SEMANA

FILIPE LUÍS*

SNS: quem diz é quem é

Cerca de uma dúzia de urgências de Obstetrícia e Ginecologia fecharam, temporariamente, por falta de meios humanos. Algumas, nos principais hospitais públicos nacionais, como o de Santo André, em Leiria, tendo a crise afetado, mesmo, a principal unidade do País, o Hospital de Santa Maria. A situação replica o problema sentido, invariavelmente, nos últimos anos, sempre que se chega a agosto, mas que também surge noutros momentos críticos de redução de pessoal, por férias ou folgas, como o período das festas de dezembro. Como sempre, quem sofre é o mexilhão, ou seja, as populações afetadas, mas, além dos prejuízos causados aos utentes, a gritaria centra-se, quase sempre, na questão política e nas responsabilidades partidárias pela degradação do Serviço Nacional de Saúde. É nestas alturas que PS e PSD trocam acusações sobre qual é mais culpado, discutindo pela rama um problema de fundo, relacionado com a falta de pessoal médico, nestas especialidades – dizer que se deve contratar mais profissionais é fácil, mas onde se vão buscar? – e na fuga de quadros para o setor privado, onde se ganha mais e se tem menos chatices. Na verdade, as reações pavlovianas dos partidos são demasiado previsíveis para serem levadas a sério: na oposição, o PS está a vingar-se, reagindo exatamente como o PSD fazia quando estava no seu lugar. Esta semana, os socialistas promoveram uma série de reuniões com as administrações dos hospitais afetados, para se "inteirarem do assunto", como se não o conhecessem de trás para a frente: ainda no ano passado, eram eles que fechavam urgências e serviços de Obstetrícia... E nem a criação da Comissão Executiva resolveu o problema: apenas se mudaram as pessoas que têm de o gerir. No Governo, por outro lado, o PSD (que ia resolver tudo em 60 dias, lembram-se?...) comporta-se exatamente como o PS quando estava no seu lugar, acusando os socialistas de quererem aproveitar-se das dificuldades do SNS para "atacar o Governo"... A sério?! Não me digam!...

A troca de argumentos e de acusações seria risível se a situação não fosse dramática. O ridículo atinge o apogeu quando ambos os partidos se acusam mutuamente de querer liquidar – ou de ter destruído – as capacidades do SNS. Mas o PS, que justamente reivindica a paternidade de um dos serviços de saúde públicos, apesar de tudo, mais eficientes do mundo (malgrado os sinais de rotura dos últimos anos), tem de ter a responsabilidade maior, por ter exercido durante muito mais tempo funções governativas, nas últimas duas décadas. Bater no peito pelo SNS e pela glória da sua criação é como o dirigente daquele clube que se ufana de um passado glorioso, mas que nada fez para impedir a descida de divisão. Neste caso, tanto socialistas como sociais-democratas tenderam sempre a achar que os problemas do SNS se resolvem despejando lá dinheiro. Quando os principais problemas foram sempre as políticas públicas e a gestão. Percebeu isso o anterior governo quando foi buscar o mais bem-sucedido gestor hospitalar, Fernando Araújo, para liderar a nova Comissão Executiva (recebida com ceticismo pelo PSD que, uma vez no Governo, a manteve, embora com outra liderança...). Mas era tarde. O problema resolve-se (mitiga-se?) com políticas e não com milagreiros. Enquanto isso, vão acontecendo episódios como o das Caldas da Rainha, onde uma grávida com uma hemorragia ficou que tempos à porta do hospital... Até quando?

*Subdiretor
fluis@visao.pt

1 116 MILHÕES

NÚMERO

Gastos em medicamentos pelos hospitais públicos

O número de gastos em medicamentos, em hospitais, nos primeiros seis meses deste ano, aumentou 126 milhões, relativamente a igual período do ano passado. Isto representa um agravamento percentual de 12,5%.

BOLSAS

Segunda-feira negra

A desconfiança sobre a saúde da economia norte-americana, cujos últimos indicadores deixaram os mercados preocupados, precipitou, nesta semana, uma espécie de segunda-feira negra, um terramoto com epicentro em Tóquio, onde o índice local afundou mais de 12%. As réplicas não tardaram a fazer-se sentir, globalmente, de Hong Kong a Nova Iorque, passando pela Europa, (embora menos afetada). Em Lisboa, o PSI 20 caiu 1,87%. O Dow Jones e o Nasdaq, índices nova-iorquinos, desceram, respetivamente, 2,6% e 3,4%. A situação no Médio Oriente, com a possível escalada do conflito a envolver Irão e Israel, também não ajuda nada. Ainda assim, na terça-feira, quando fechávamos esta edição, havia ténues sinais de recuperação.

LUÍS BARRA

ORÇAMENTO

Já não é só o chumbo...

O ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, numa entrevista ao *Público* e à Rádio Renascença, subiu a parada, relativamente às negociações do Orçamento. Ainda nenhum membro do Governo tinha sido tão explícito a agitar a possibilidade de eleições antecipadas, "caso a proposta de Orçamento do Governo seja desvirtuada". Ou seja, já não se trata apenas da eventualidade do chumbo. O Governo acredita, aliás, que o Orçamento será viabilizado, pelo menos, pelo PS, na generalidade. Então, o que quer dizer Sarmento com a expressão "desvirtuar"? Seriam tantas alterações, aprovadas pelos socialistas e pelo Chega, na especialidade, que o documento deixaria de ser o que era. Ora, ao que parece, isso também pode provocar eleições.

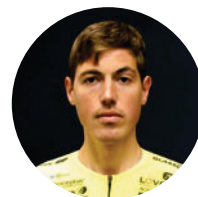
FRASE

"A nova estratégia do PS é bloquear medidas sociais"

CARLOS MOEDAS Presidente da CML, reagindo à recusa da freguesia socialista de Santa Maria Maior de receber o Hotel Social, destinado a migrantes. O autarca do PS justifica que o centro histórico já tem problemas que cheguem e não precisa de mais um fator disfuncional

REVIRAVOLTA

Porto de honra

Uma velha fábula dá-nos conta de uma corrida entre a lebre e a tartaruga – que, por displicência da favorita, a tartaruga venceu. No passado sábado, foi a uma réplica dessa corrida que se assistiu, no Estádio de Aveiro, quando o Sporting, campeão nacional, e o detentor da Taça de Portugal, o FC Porto, disputaram a Supertaça Cândido de Oliveira. Depois de os "leões" estarem a ganhar por 3-0 (3-1 ao intervalo), foi preciso deixarem-se empatar para que Rúben Amorim acordasse e mexesse na equipa. Mas era tarde: o Porto estava embalado e, no prolongamento, marcou o golo da vitória.

VOLTA

Russo amarelo

Opositor à guerra na Ucrânia, o ciclista russo Artem Nych fugiu com uma mochila às costas e "refugiou-se" em Portugal para prosseguir a sua carreira desportiva. Este domingo, foi recompensado com a vitória na 85.ª edição da Volta a Portugal em Bicicleta. O russo corria pela equipa da Sabgal-Anicolor, tendo batido a concorrência na decisiva penúltima etapa, na mítica Senhora da Graça. O melhor português da geral foi Gonçalo Leaça, em 4.º lugar.

António Vitorino
O “melhor da sua geração”?

O ex-diretor geral da OIM é o nome escolhido por Luís Montenegro para liderar o novo Conselho Nacional para as Migrações e Asilo. O advogado e político que já foi quase tudo continua a reunir consensos

— POR JOÃO AMARAL SANTOS

A escolha de Montenegro

António Vitorino foi escolhido pelo Executivo de Luís Montenegro para presidir o novo Conselho Nacional para as Migrações e Asilo. O convite foi apenas uma meia surpresa, pois, numa entrevista recente ao *DN*, Vitorino, ligado ao PS, tinha elogiado o Plano de Ação para as Migrações do Governo.
O ex-diretor-geral da Organização Internacional para as Migrações (OIM), entre 2018 e 2023, considera que o documento foi “feito com bom senso” e constitui “uma base de trabalho positiva, no tom e na narrativa”. Vitorino concorda também com a polémica revogação da manifestação de interesse que permitia aos imigrantes aceder à autorização de residência em Portugal.

Político quase tudo

Foi quase tudo na política, e houve quem gostaria que fosse ainda mais. António Vitorino tem currículo para mostrar: foi deputado, secretário de Estado, secretário do Governo de Macau, juiz do Tribunal Constitucional, eurodeputado, ministro (duas vezes) e comissário europeu.
O destino estava traçado. Mas faltou-lhe a liderança do PS e a candidatura ao cargo de primeiro-ministro. Chegou a ser desejo “presidenciável” de José Sócrates, que, um dia, o descreveu como “o melhor da nossa geração”, mas o tiro de partida para a corrida a Belém não chegou a soar. Pelo menos, até este momento...

O ex-radical e o “caso Sisa”

Logo no pós-25 de Abril, o jovem António Vitorino começou a dar nas vistas, mas Mário Soares “torcia o nariz” à fama de “radical” que carregava. O histórico do PS chegou a pedir a António Guterres para “controlar” o “agitador”, mas Vitorino não aquiesceu, preferindo seguir movimentos dissidentes. Regressaria ao PS no início da década de 1980, e não mais saiu. Como ministro da Defesa, viveu o trauma do “caso Sisa”, quando o jornal *Público* revelou que não tinha pagado o antigo imposto (substituído pelo IMT) relativo a um monte em Almodôvar, Beja. Pediu a demissão, e nunca mais quis cargos governativos. “Não gostei de ser ministro”, chegou a admitir publicamente.

CV recheado

A biografia de António Vitorino vai muito além da política. O capítulo da advocacia e dos negócios é longo. Licenciado em Direito e mestre em Ciências Jurídico-Políticas pela Universidade de Lisboa, Vitorino foi, durante vários anos, sócio do escritório de advogados Cuatrecasas e professor universitário. Desempenhou diversos cargos, em mais de uma dezena de empresas, passando por entidades como a Brisa, a Siemens Portugal, a Novabase, a Finipro, o Santander Totta, o Banco Caixa Geral Totta de Angola, os CTT ou a EDP, entre outras. Foi comentador residente (e influente) no *Telejornal* de domingo à noite da RTP1, numa rubrica intitulada *Notas Soltas*, em que era acompanhado por Judite de Sousa.

Rendimento à lupa

O rendimento mediano em Portugal foi €10 679 em 2022, o que representa uma subida de 5,4% face ao ano anterior, segundo o INE

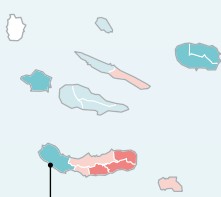
— POR PAULO M. SANTOS

€10 679
Valor mediano do rendimento bruto declarado e reduzido de IRS por sujeito passivo, em Portugal, em 2022, um aumento de **5,4%** em relação ao ano anterior

70
O número de municípios em Portugal (**308 no total**) que apresentam valores de rendimento mediano superiores à média nacional

20%
dos sujeitos passivos tiveram um rendimento líquido anual inferior a **€6 486**, cerca de **61%** do valor mediano nacional

FONTE INE

MT/VISÃO

O vírus de verão do SNS

Os constrangimentos de verão nos serviços de urgência de ginecologia e obstetrícia motivaram trocas de acusações entre PSD e PS

"É evidente que o Plano de Emergência e Transformação na Saúde da AD está a falhar. O processo em curso é de degradação, não de transformação"

PEDRO NUNO SANTOS
Secretário-geral do PS

"O PS tem de meter a mão na consciência. O desafio de recuperar o SNS do colapso, que resultou dos últimos oito anos, é enorme e precisa da ajuda de todos"

HUGO SOARES
Líder parlamentar do PSD

INDISCRETOS

As acrobacias de Rita

A deputada Rita Matias tem acompanhado de perto a modalidade de boxe, que está a ser disputada nos Jogos Olímpicos de Paris. Orgulhosa conservadora, a parlamentar viral do Chega tem usado as redes sociais para espalhar desinformação sobre a argelina Imane Khelif, a mulher muçulmana que a extrema-direita global tem acusado (erradamente) de ser homem ou transgénero. Para quem anda há anos a reclamar que o género se define pelo sexo com que se nasce, Rita Matias parece, agora, contradizer-se, argumentando com uma condição invisível e não confirmada, numa pirueta capaz de causar inveja à nossa ginasta Filipa Martins.

Quem tem medo de livros?

A associação Habeas Corpus, do ex-juiz Rui Fonseca e Castro – expulso da magistratura –, retomou a sua *tour* contra os livros, parando em Idanha-a-Nova (Castelo Branco) para impedir a apresentação da obra *Mamã, Quero Ser Um Menino!*, da autoria de Ana Rita Almeida. O grupo de extrema-direita tinha anunciado com antecedência o programa de festas nas redes sociais e a GNR estava no local, mas a apresentação acabou mesmo por ser cancelada, e quem teve de sair da sala foi... a autora do livro. Nas redes sociais, o líder parlamentar do BE, Fabian Figueiredo, dirigiu ao Ministério da Administração Interna uma pergunta: quando este "bando criminoso", como lhe chamou, vai ser "desmantelado"?

O vandalismo da IL

A IL instalou, na Praça Hugo Chávez, no município da Amadora, um novo *outdoor* em que pede "liberdade" para a Venezuela. Das imagens publicadas nas redes sociais, chamou a atenção a pichagem a vermelho na placa toponímica. Os liberais têm tido uma posição (muito) crítica em relação a atos de vandalismo noutros protestos, mas parece que se terão deixado conquistar pela estratégia do que costumam chamar extrema-esquerda.

Comunistas desavindos

O secretário-geral do Partido Comunista da Venezuela (PCV), Óscar Figuera, afirmou, em declaração à Rádio Observador, não compreender a posição dos comunistas portugueses sobre as eleições presidenciais da Venezuela. O PCP preferiu não comentar estas declarações, com o dirigente Bernardino Soares a referir que o partido não tem "muito a acrescentar". A Internacional já esteve mais unida. — **J.A.S.**

15 MINUTOS DE FAMA

A vez de Rangel

Portugal vai ter um novo chefe de Governo, entre os dias 12 e 27 de agosto. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, o segundo na hierarquia do atual elenco governativo, passa a ser o primeiro-ministro em exercício durante as férias de Luís Montenegro. Rangel deve presidir à reunião do Conselho de Ministros, prevista para este mês (em data ainda a confirmar). Esta não é a primeira vez que um ministro assume este papel na atual legislatura, depois de Joaquim Miranda Sarmento, ministro das Finanças – que ocupa o terceiro posto na hierarquia –, o ter feito em julho, quando Montenegro e Rangel participavam na cimeira da NATO, em Washington.

Extrema-direita não sai das ruas
Violência sem causa no Reino Unido

— POR LUÍSA OLIVEIRA

Nas imagens difundidas pelas televisões, dá para perceber que os rostos das pessoas que vemos a causar distúrbios em várias cidades do Reino Unido transparecem demasiada raiva. Há muita violência a sair dos seus corpos, por atos, gestos ou expressões agressivas. Ateiam fogo a automóveis, arremessam pedras, partem vidros, assaltam lojas, soltam palavras de ordem carregadas de ódio.

Do outro lado da barricada, a polícia de choque, com carta-branca para pôr termo a dias infindáveis de rebelião, usa carrinhas blindadas, mune-se de capacetes com viseiras, bastões e outras armas, protege-se em escudos antimotim.

O cenário parece de guerra, de facto. Ou de um campo de batalha, em que quem sofre os ataques é, pelo menos no princípio disto tudo, a comunidade imigrante. Mas não se trata de uma "guerra civil inevitável", como escreveu Elon Musk, na sua rede social, depois de todos criticarem a excessiva permissividade do X, antigo Twitter. Foram palavras infelizes.

É que o vandalismo a que temos vindo a assistir desde 29 de julho – o dia em que um jovem de 17 anos, natural do País de Gales (*ver caixa O que Se Sabe do Autor dos Crimes?*), entrou numa sala de aula em Southport, uma cidade costeira de 100 mil habitantes, no Noroeste de Inglaterra, perto de Liverpool, onde vários meninos ocupavam o tempo não letivo, e esfaqueou quem apanhou pela frente – moldou-se precisamente nessa rede social. Primeiro, os gangues de extrema-direita começaram a tomar forma em pequenos grupos de Telegram ou WhatsApp, plataformas em que as redes são encriptadas.

Depois de se saber que havia três vítimas mortais (mais sete pessoas em estado crítico) – Elsie Dot Stancombe, 7 anos, a lusodescendente Alice Dasilva Aguiar, 9 anos, e Bebe King, 6 anos –, os cabecilhas desses grupos foram para o X disseminar a palavra neonazi, repleta de mensagens de ódio, especialmente anti-imigrante, baseadas em *fake news* que davam como certo que o criminoso era um refugiado.

Este tipo de ideologia da direita radical adora associar o crescimento da criminalidade e de atos violentos a um maior número de população imigrante. E não é só no Reino Unido. Até em Portugal, Pedro Passos Coelho tentou fazê-lo durante a campanha para as legislativas, quando reapareceu num comício de Luís Montenegro, em Faro.

Os destabilizadores do Reino Unido não estão ao abrigo do direito democrático ao protesto e à reunião pacífica. Eles são violentos, estão a causar distúrbio público e o caos civil

Mais tarde, e uma vez todos mobilizados para a rua em várias redes sociais, os delinquentes têm usado o TikTok, para fazer *live streaming* dos seus próprios protestos. Há, neste momento, vídeos com mais de três milhões de visualizações.

ONDE PARA A LIBERDADE DE EXPRESSÃO?

Este caminho virtual de formação de grupos de ataque é verdade para a atual onda de violência no Reino Unido, mas o padrão pode replicar-se em qualquer país, visto que as redes não

Manchester Os cenários de guerra multiplicam-se pelo Reino Unido. Mas nada disto é inevitável, como aventou Elon Musk, dono do X

FOTOWARE FOTOSTATION/LUSA

alastrar de grupos violentos de extrema-direita por esse mundo.

A FORÇA DA LEI

Apesar de existir o direito democrático ao protesto e à reunião pacífica, os desacatos dos últimos dias não se inserem neste enquadramento legal. Os destabilizadores do Reino Unido são violentos, estão a causar distúrbio público e o caos civil.

E é por isso que o primeiro-ministro, o trabalhista Keir Starmer, indigitado no cargo há cerca de um mês, já acionou todos os mecanismos legais para combater a onda de destruição que alastrou a quase todo o reino, de Londres a Belfast, com passagem por Plymouth, Hull, Liverpool, Bristol, Manchester, Stoke-on-Trent e Blackpool.

Mais de quatro centenas de manifestantes foram presos, há alguns polícias feridos nos confrontos quase bélicos e carrinhas militares danificadas. Também se reforçaram as prisões nacionais para fazer face a esta onda de detenções.

Da reunião de emergência do governo, que juntou, na segunda-feira, 5, na sala Cobra de Downing Street, ministros, funcionários públicos, polícias e agentes dos serviços de inteligência, saiu a determinação de acionar todos os mecanismos legais para resolver os distúrbios. Assim como a idealização de um "exército permanente" de polícias especializados para combater os protestos. Starmer clama por uma justiça criminal intensificada e a identificação imediata dos envolvidos na desordem. Numa só expressão, o governante prometeu usar a "força total da lei". Haja esperança de que ela possa mais do que uma amálgama de gente descontrolada e a lutar sem causa.

são nacionais e o processo funciona de forma idêntica, quaisquer que sejam o território e as pessoas envolvidas.

Então, levantem-se agora questões para precaver o futuro, as mesmas que já deveriam ter sido soluções no passado.

Teresa Pina, ex-diretora-executiva da Amnistia Internacional, em Portugal, lembra mais uma vez a "importância de regulamentar as redes sociais", pois nelas tudo é apreendido como verídico, sem qualquer tipo de verificação. "E a sua capacidade de disseminação em nada se compara com a dos órgãos de comunicação social", conclui.

A questão é complicada, porque pôr ordem na casa pode significar ir contra a liberdade de expressão, sem fronteiras, tão apregoada nesta era da globalização. As Nações Unidas, até na pessoa de António Guterres, já vieram alarmar para o impacto destabilizador e destrutivo que pode ter qualquer publicação nas redes sociais, pois normalmente procura-se o lado emocional dos assuntos, indo ao encontro daquilo que certas e determinadas pessoas querem ouvir. "Tem de haver mecanismos para limitar o discurso de ódio", nota Teresa Pina, em sintonia com a preocupação demonstrada pela ONU com o

loliveira@visao.pt

O QUE SE SABE DO AUTOR DOS CRIMES?

A entrada de rompante, de arma branca em punho (uma faca de cozinha de lâmina curva), acabou tragicamente com uma aula de dança, em que crianças aprendiam ao som de Taylor Swift. O suspeito está detido desde então e a sua identidade foi revelada três dias depois, numa tentativa de acalmar os ânimos que estalavam um pouco por todo o país e abafar as *fake news* acerca da sua história. O que corria nas redes sociais, disseminado pela extrema-direita, era que o autor dos crimes seria um imigrante ilegal que teria chegado ao Reino Unido de barco, em 2023, como refugiado. Tudo errado. Aqui está o que já foi revelado

NOME:
Axel Rudakubana

IDADE:
17 anos (faz 18 esta semana)

NATURALIDADE:
Cardiff, País de Gales

MORADA:
Southport, desde 2013

ASCENDÊNCIA:
Ruandesa

FAMÍLIA:
pais e irmão mais velho

MOTIVAÇÃO PARA OS CRIMES:
desconhecida

12 DE AGOSTO DE 1984

O primeiro ouro olímpico

— POR RUI TAVARES GUEDES

Em Portugal, viviam-se as primeiras horas de segunda-feira, 13, mas para a História ficou a data inscrita no fuso horário da Costa Oeste dos Estados Unidos da América: 12 de agosto de 1984, último dia dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, e a derradeira oportunidade de Carlos Lopes, então com 37 anos, conquistar a medalha de ouro que lhe tinha fugido, em 1976, na volta final dos 10 000 metros dos Jogos de Montreal, quando foi ultrapassado pelo finlandês Lasse Virén. E este podia ser também um fecho histórico para umas Olimpíadas já inesquecíveis, depois das medalhas de bronze de Rosa Mota (maratona) e de António Leitão (5 000 metros). Confiante, motivado, Carlos Lopes posicionou-se na linha de partida, com o número 723 colado à camisola branca, com duas riscas horizontais, verdes e vermelhas. O Sol já tinha iniciado a curva descendente, mas o ar ainda continuava abafado. No ecrã eletrónico, os números do termómetro davam a confirmação: 35 graus e 76% de humidade. Sentado na relva, esticando os músculos, Carlos Lopes parecia não se importar com o calor. Com o olhar tenso, mas sereno, mostrava estar só compenetrado na corrida que iria iniciar dentro de momentos. "Sentia-me muito, muito bem. Estava confiante, supermotivado, e confesso que nem olhava para os adversários. Os meus únicos e verdadeiros adversários eram os 42,195 km que estavam à minha frente até à meta no Estádio Olímpico", recordou, anos mais tarde, à VISÃO.

"Sabia exatamente o que precisava de fazer", continuou. "Tinha-me preparado para aquele momento durante dois anos e meio. Desejava-o desde a final dos 10 000 metros dos Jogos de Montreal. Foi nesse dia que decidi que ainda iria ser campeão olímpico, que ainda iria ganhar a medalha de ouro, que tinha perdido naquela última volta. Não pude ir aos Jogos de Moscovo, em 1980, porque estava lesionado e, então, rapidamente fiz contas e vi que, nas Olimpíadas seguintes, em 1984, já teria 37 anos, uma idade quase impossível para ganhar medalhas nos 10 000 metros. Tinha de ser, então, na maratona."

Foi uma longa e dura preparação, que lhe fortaleceu o físico mas também a mente: "Quando cheguei a Los Angeles, levava 12 mil quilómetros nas pernas. Mas, mais importante, todos eles corridos em grande velocidade, como se estivesse a treinar para as provas de 5 000 ou de 10 000 metros".

A prova, segundo Carlos Lopes, foi "uma das mais fáceis" da carreira, já que correu tudo exatamente como tinha planeado: seguir no grupo da frente, atacar aos 37 km e, a partir daí, aumentar sempre o ritmo. Os últimos cinco quilómetros foram corridos em incríveis 14 minutos e 33 segundos, entrando já isolado no Estádio Olímpico. O tempo de 2h 9m e 21s estabeleceu um novo recorde olímpico, que se manteve durante 24 anos.

"Quando cortei a meta, a alegria foi indescritível. Tinha conseguido aquilo que mais queria. Sei que sou muito frio e que, portanto, não fui muito emotivo; limitei-me a levantar os braços e a sorrir. Não quis entrar em folclores, mas sentia-me extremamente realizado. Sabia que tinha condições para ser campeão olímpico, lutei por isso, trabalhei muito e, no fim, consegui." Em Portugal, já passava das três horas da madrugada. Soltaram-se foguetes, abriram-se garrafas de champanhe, gritou-se nas ruas, acordaram-se os vizinhos. Milhões de portugueses lembram-se exatamente de onde e com quem estavam nesse 12 de agosto (que, afinal, para nós já era 13...) e do momento em que a bandeira nacional subiu ao mastro e, pela primeira vez na história olímpica, *A Portuguesa* ecoou no estádio.

2:13:33.5
723

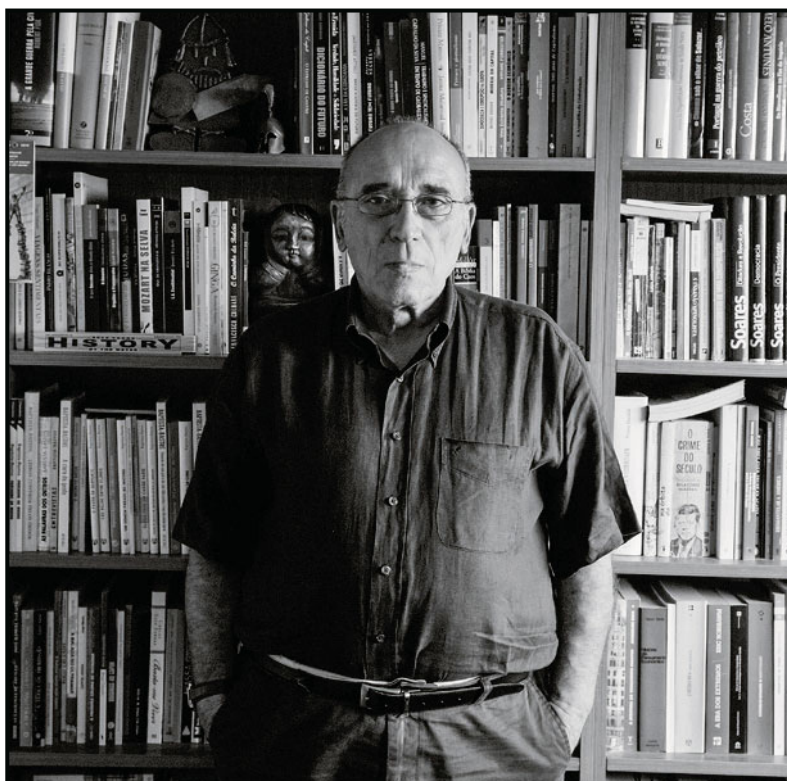
MORTE

Tsung-Dao Lee

Robert Oppenheimer, conhecido como o “pai” da bomba atómica, chegou a descrevê-lo como um dos mais brilhantes físicos teóricos da época: “notável frescura, versatilidade e estilo”. Nasceu em Xangai e, entre 1946 e 1950, estudou na Universidade de Chicago com Enrico Fermi. Em 1957, aos 31 anos, venceu, com o chinês Chen-Ning Yang, o Nobel da Física, pelo trabalho de exploração da simetria das partículas subatómicas, quando estas interagem com a força que mantém os átomos unidos. No domingo, 4, aos 97 anos, em São Francisco, EUA.

PRÉMIO

Djaimilia Pereira de Almeida

A escritora Djaimilia Pereira de Almeida ganhou, com o livro *Toda a Ferida É Uma Beleza*, editado em junho do ano passado pela Relógio d’Água, o Grande Prémio Romance e Novela 2023, da Associação Portuguesa de Escritores. O júri – constituído por Carina Infante do Carmo, Carlos Mendes de Sousa, Cândido Oliveira Martins, Cristina Robalo Cordeiro e Francisco Tropa, coordenado por José Manuel de Vasconcelos – decidiu “privilegiar uma novela que faz da brevidade o lugar do mistério e da poesia: na contenção da sua escrita reside o essencial da estranheza de um mundo, ao mesmo tempo ingénuo e cruel, infantil e adulto”. Patrocinado pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, Câmara Municipal de Grândola, Fundação Calouste Gulbenkian e Instituto Camões, o galardão tem um valor pecuniário de 15 mil euros. Dia 31 de julho.

1942 – 2024

João Paulo Guerra
A voz que não se apaga

Era ainda estudante universitário quando teve o primeiro contacto com os microfones num projeto da Rádio Renascença, o *Nova Vaga*, que juntava, nas tardes de sábado, os jovens João Paulo Guerra (1942-2024), a irmã um ano mais nova, a atriz Maria do Céu Guerra (ele a falar de música, ela de teatro), Lauro António (cinema) e Fernando Correia (desporto). À época, foi levado para a rádio pela mãe, Maria Carlota Álvares de Guerra, que, em 1956, se tornara chefe de redação da revista *Crónica Feminina*. “De maneira que a Maria Carlota, além de mãe, uma amiga e uma irmã mais velha, passou também a ser camarada de profissão”, recordava o jornalista e radialista, que morreu no passado domingo, 4, aos 82 anos, num texto de memórias sobre a mãe, escrito para a Casa da Imprensa.

Desde 1962 e ao longo de 60 anos de carreira, durante a qual formou gerações de jornalistas e radialistas, a voz serena de João Paulo Guerra passou pela Renascença, Rádio Clube Português, Rádio Nacional de Angola, Telefonia de Lisboa (cofundador) e ainda pela TSF e Antena 1, onde editou a *Revista de Imprensa* e, entre 2017 e 2021, foi provedor do Ouvinte do Serviço Público de Rádio. A Imprensa escrita surgiu pelo meio: como jornalista d’*O Diário*, editor e redator principal do *Diário Económico*, colaborador do *Público*, *O Jornal* e em suplementos, como *A Mosca*, no *Diário de Lisboa*, e no jornal *Memória do Elefante*, além de guionista da SIC. O seu trabalho foi galardoado com os prémios Casa da Imprensa, Repórter X, Gazeta, Reportagem de Rádio e Igrejas Caeiro. Escreveu várias obras de pesquisa histórica, nomeadamente *Memórias das Guerras Coloniais*, *Savimbi – Vida e Morte* e *Descolonização Portuguesa – O Regresso das Caravelas*, e de ficção, com *Romance de Uma Conspiração* e *Corações Irritáveis*, além de ter adaptado para teatro o romance *Claraboia*, de José Saramago. Numa entrevista, a irmã, a encenadora Maria do Céu Guerra, terá dito que era ele o ator da família. João Paulo Guerra sai de cena, mas o seu feito e voz não se apagam. **— F.A.**

Cancro precoce em crescimento
Geração X e millennials sob alerta máximo

— POR J. PLÁCIDO JÚNIOR

Continuam a soar as campainhas de alarme quanto ao crescimento da incidência do cancro precoce e da mortalidade associada. Agora, um novo estudo vem indicar que pessoas com um intervalo de idades entre os 28 e os 59 anos têm mais probabilidades de desenvolver cancro do que as gerações anteriores.

Em concreto, os resultados da pesquisa da Sociedade Norte-Americana do Cancro e da Universidade de Calgary, no Canadá, publicada na revista científica *The Lancet Public Health*, mostram que a *Geração X* (1965-1980) e os *Millennials* (1981-1996) têm mais probabilidades de desenvolver 17 formas de cancro do que as gerações mais velhas, sugerindo que a exposição a agentes cancerígenos e a outros fatores de risco é maior hoje do que no passado. Os investigadores analisaram dados acerca da incidência de 34 tipos de cancro em cerca de 24 milhões de pessoas e registos sobre a morte provocada por 25 tipos de cancro em mais de sete milhões de pessoas, nascidas entre 1920 e 1990. Após o estudo, concluíram que o período de nascimentos de 1990 tinha taxas de cancro muito maiores do que as de gerações anteriores, variando entre uma incidência 12% mais elevada de cancro do ovário e 169% acima no cancro do endométrio.

O grupo de 1990 também registou taxas de incidência duas a três vezes superiores às do agrupamento etário de 1955 para os cancros do intestino delgado, da tiróide, do rim e pélvis renal e do pâncreas. Os investigadores observaram, igualmente, que, à medida que as taxas de cancro diminuíam entre as pessoas mais velhas, a incidência em pacientes mais jovens aumentou para nove tipos de tumor, incluindo o cancro da mama, do útero, colorretal, dos ovários e dos testículos.

Embora o estudo chegue à conclusão de que as taxas de mortalidade diminuíram ou estabilizaram na maioria dos tipos de cancro entre as gerações mais jovens, abrangidas na pesquisa (o que se deverá a uma mais eficiente deteção precoce da doença), as pessoas mais novas, ainda assim, apresentam maiores probabilidades de morrer de cancro do endométrio, de cancro do fígado e das vias biliares intrahepáticas, de cancro da vesícula biliar e de outros tumores biliares, e de cancros testiculares e colorretais, em comparação com a geração dos *baby boomers* (1945-1964). O estudo assinala, aliás, que as taxas de mortalidade aumentaram entre pacientes mais jovens por cancro do fígado, do útero, da vesícula biliar, do testículo e colorretal.

> Investigadores notaram que, à medida que as taxas de cancro diminuíam entre as pessoas mais velhas, a incidência em pacientes mais jovens aumentou em nove tipos de tumor

Perante este quadro, os investigadores estimam que os diagnósticos de cancro quase dupliquem até 2050. "Como o risco elevado nas gerações mais jovens se prolonga à medida que os indivíduos envelhecem, poderá ocorrer um aumento global no peso do cancro no futuro, interrompendo ou revertendo

Previsão Cientistas estimam que o número global de incidência e de mortalidade associada a cancros, em pessoas com menos de 50 anos, poderá aumentar 31% e 21%, respetivamente, até 2030

JOSÉ CARLOS CARVALHO

décadas de progresso contra a doença", diz Ahmedin Jemal, dirigente da Sociedade Norte-Americana do Cancro. "Os dados destacam a necessidade crítica de identificar e abordar os fatores de risco subjacentes nas populações das gerações *X* e *Millennial*, para construir as estratégias de prevenção", acrescenta.

CENÁRIO GLOBAL

Apesar de o estudo da Sociedade Norte-Americana do Cancro e da Universidade de Calgary se cingir aos EUA, os resultados que obteve batem completamente certos com os de uma pesquisa anterior, coordenada pela Universidade chinesa de Zhejiang e publicada, em setembro de 2023, na revista científica *BMJ Oncology*.

Com a colaboração de investigadores dos EUA, do Reino Unido e da Suécia, o estudo dirigido por aquela universidade chinesa teve uma dimensão bem mais ampla: baseou-se em dados do *Global Burden of Disease Study 2019* sobre 29 tipos de cancro em 204 países e regiões. Como principal resultado, concluiu que os novos casos de cancro entre pessoas com menos de 50 anos aumentaram 79,1% em todo o mundo, de 1990 a 2019, enquanto o número de mortes subiu 27,7%.

Estes investigadores notam que, em 2019, os novos diagnósticos de cancro entre as pessoas com menos de 50 anos totalizaram 1,82 milhões (o que explica o aumento de 79,1% em relação a 1990), com particular incidência no cancro da mama, que foi responsável pelo maior número destes casos e mortes associadas.

Mas foram os novos casos de cancro da traqueia e da próstata que aumentaram mais rapidamente durante o período em causa, com variações percentuais anuais estimadas em 2,28% e 2,23%, respetivamente. Globalmente, 1,06 milhões de pessoas com menos de 50 anos morreram de cancro em 2019, o que traduz o aumento de 27,7% em relação a 1990. Também os cancros do pulmão, do estômago e do intestino causaram numerosas mortes nesta faixa etária.

O estudo coordenado pela Universidade de Zhejiang estima que o número global de incidência e de mortalidade associadas a cancros nesta idade poderá aumentar 31% e 21%, respetivamente, até 2030, com maior risco para as pessoas com cerca de 40 anos. Já a Organização Mundial da Saúde informou que cerca de 20 milhões de pessoas foram diagnosticadas com cancro, em 2022, e que 9,7 milhões morreram.

Impõe-se agora a pergunta: a que se devem os casos de cancros precoces, que cada vez mais contribuem para aqueles números trágicos? Os investigadores dos dois estudos aqui referidos assumem que as razões não são totalmente claras. Mas sugerem, como possíveis culpados, a exposição a poluentes e a outras toxinas ambientais, a obesidade, os estilos de vida sedentários, as dietas pouco saudáveis, ricas em gorduras saturadas e alimentos ultraprocessados, e os maus hábitos de sono. Só podem estar certos. V jjunior@visao.pt

ESPERANÇA GENÉTICA

"Os medicamentos de edição genética estão a passar do laboratório para a clínica à velocidade da luz", dizem especialistas

O CRISPR/Cas9 é uma ferramenta de edição genética descoberta em laboratório, em 2012. Três anos depois, uma empresa de biotecnologia em Cambridge, Massachusetts, usou-a para editar embriões de porco, por forma a criar órgãos mais eficazes para transplantes em humanos. Desconhece-se o desfecho de tal técnica, mas sabe-se que, em 2016, uma terapia CRISPR/Cas9 foi aprovada, nos EUA, para ensaios clínicos com doentes oncológicos. Em síntese, células imunes são removidas do paciente e, depois de editadas geneticamente, são introduzidas no doente, para um mais eficiente combate ao cancro.

Ninguém fala em cura, embora especialistas assinalem que "os medicamentos de edição genética estão a passar do laboratório para a clínica à velocidade da luz".

Dois óbices, porém, subsistem: há o perigo de a técnica "falhar o alvo" e de as tentativas para resolver o problema conduzirem à interrupção da função celular.

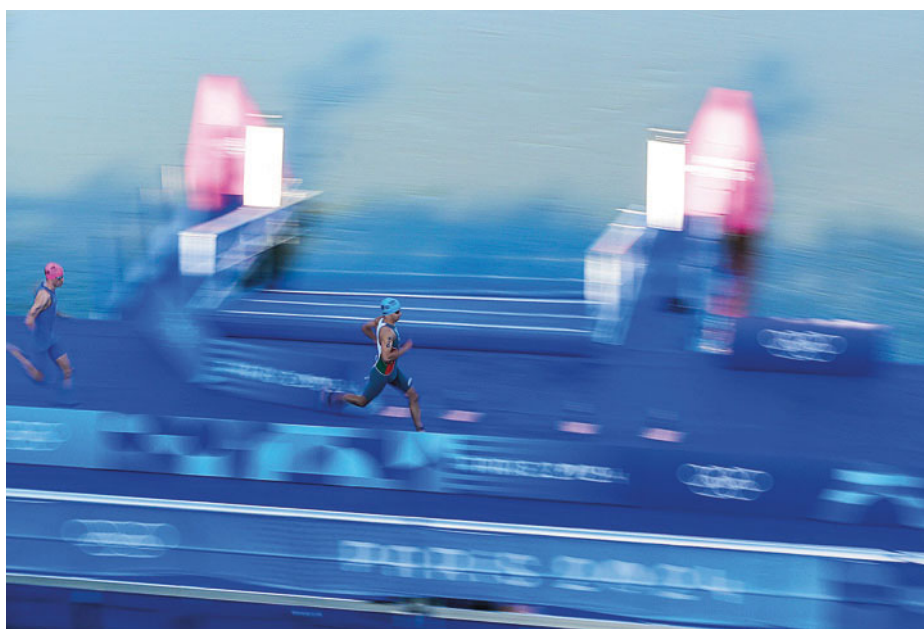
O outro óbice é o custo. Por exemplo: um só tratamento para reverter falhas genéticas nas instruções para produzir hemoglobina, uma proteína que ajuda os glóbulos vermelhos a transportar oxigénio, tem o preço tabelado de 2,2 milhões de dólares...

Mais alto, mais rápido

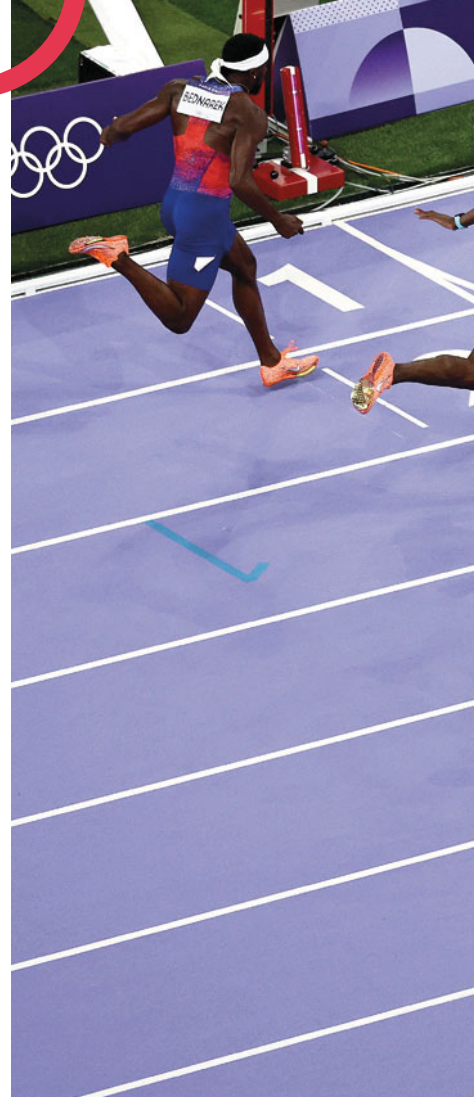
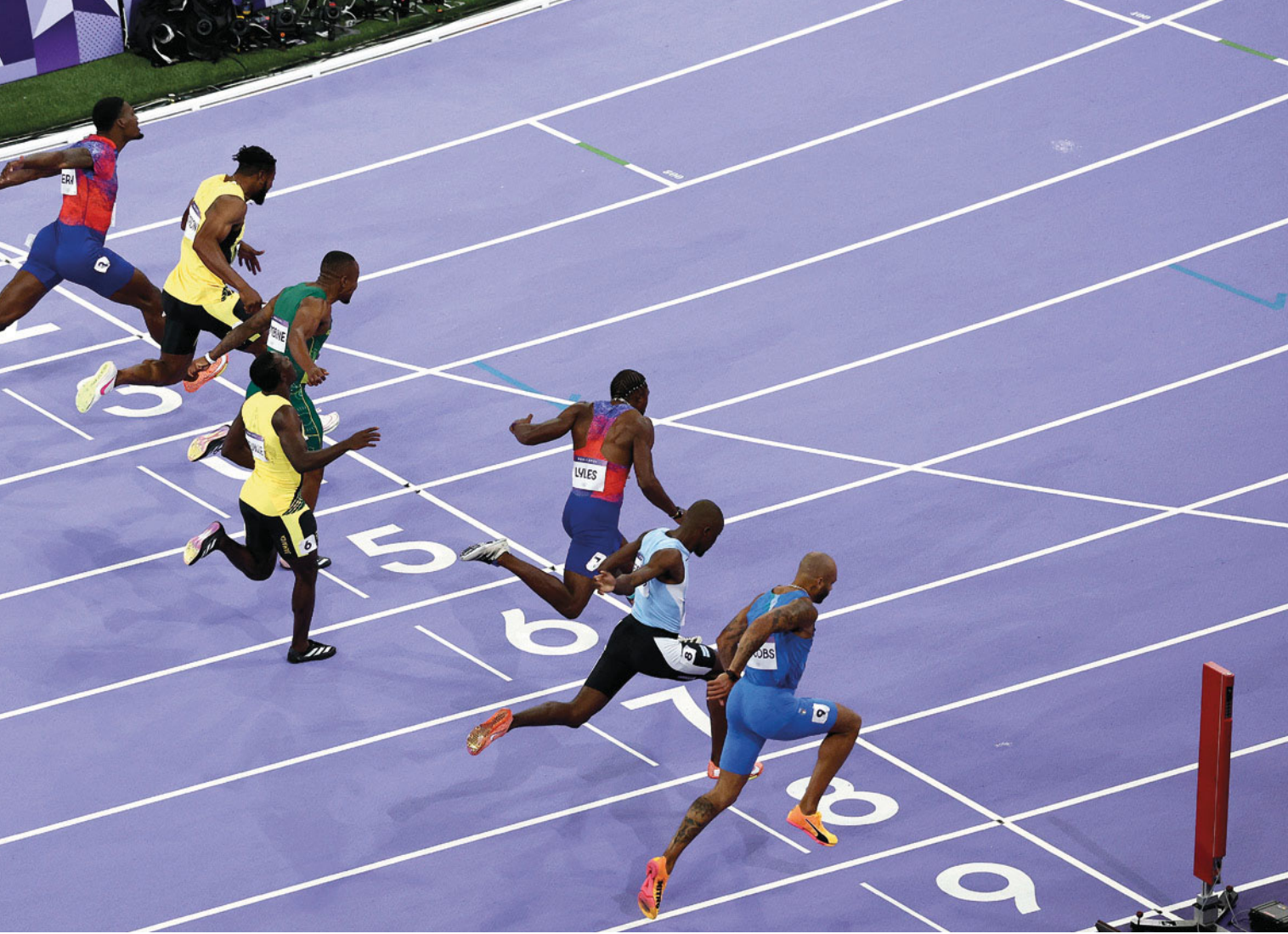
Do homem mais veloz do mundo àquele que salta mais alto, os Jogos Olímpicos de Paris têm dado bons momentos também aos atletas portugueses, com grandes desempenhos no triatlo e na ginástica artística

SALTO COM VARA

O sueco Armand Duplantis ultrapassou a barreira aos 6,25 metros, estabelecendo um novo recorde mundial na final masculina da vertente de atletismo. Atingiu os 38,2 km/h, elevando-se a um máximo de 6,72 metros

EPA/RONALD WITTEK

TRIATLO

A equipa lusa, formada por Vasco Vilaça (*na foto*), Ricardo Batista, Maria Tomé e Melanie Santos, terminou a prova de estafeta mista em 5.º lugar, conseguindo um diploma olímpico

HUGO DELGADO/LUSA

ATLETISMO

Noah Lyles é o novo campeão olímpico dos 100 metros masculinos, com 9,79 segundos, e os EUA voltam, assim, a ter o homem mais rápido do mundo, mas ainda longe do recorde mundial do jamaicano Usain Bolt, em 2009, com 9,58 segundos

EPA/ANNA SZILAGYI

TRAMPOLIM

Aos 18 anos, o ginasta Gabriel Albuquerque, o elemento mais novo da comitiva portuguesa em Paris, fez uma exibição notável na final da vertente de trampolim, alcançando o 5.º lugar, com direito a diploma olímpico

JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

COMÉRCIO ELETRÓNICO
A FÓRMULA PARA NOS FAZER COMPRAR MAIS

A entrada da Shein e da Temu no mercado europeu veio alterar o equilíbrio de forças no setor de comércio eletrónico. Especializadas em otimização de publicidade e fazendo com que as compras pareçam um jogo, as duas plataformas estão a crescer a um ritmo rápido, alavancadas pela política de preços baixos. Mas as estratégias agressivas dos dois marketplaces chineses causam apreensão às autoridades europeias e às associações de consumidores

— POR RUI BARROSO

Amazon A gigante fundada por Jeff Bezos, o qual detém ainda mais de 8% da empresa, estuda formas de responder ao crescimento da Shein e da Temu

"Compre como um bilionário." Se abriu recentemente o Facebook ou fez uma pesquisa num motor de busca, com quase toda a certeza que já se deparou com este slogan. É a ideia-chave de uma arrojada estratégia publicitária da Temu que tem permitido à aplicação de comércio eletrónico – detida por uma empresa chinesa fundada por um antigo funcionário da Google – crescer a um ritmo acelerado na Europa e nos EUA. Em Portugal, a aplicação está também entre as mais descarregadas e visitadas.

A entrada de rompante desta plataforma, e também da igualmente chinesa Shein, veio alterar o jogo de forças no setor de comércio eletrónico, causando problemas à todo-poderosa Amazon e dificultando a vida a empresas ocidentais, portuguesas incluídas, na tarefa de vender online. Algumas das táticas destas plataformas são consideradas manipulativas por associações de consumidores e têm como objetivo fazer com que os utilizadores comprem mais… Mesmo que sejam produtos de que não precisam.

A estratégia agressiva da Temu e de outras plataformas chinesas como a Shein, por exemplo, tem gerado apreensão junto das autoridades europeias e americanas. Aliás, em Bruxelas e em Washington, têm sido tomadas medidas para tentar refrear o ímpeto daquelas plataformas, o que pode abrir mais uma frente nas batalhas comerciais entre o Ocidente e a China. Por um lado, existem suspeitas de que estas empresas não controlam o respeito pelos direitos humanos dos comercializadores que vendem produtos na sua plataforma. Por outro, a Temu e a Shein aparentam ter-se especializado em contornar as regras da União Europeia e dos EUA para a importação de produtos de baixo valor. Além disso, existem preocupações sobre se os produtos vindos da China cumprem as normas de segurança europeias.

Também as associações de consumidores têm expressado preocupações. No caso da Temu, a Deco e outras 16 entidades que integram a Organização Europeia de Consumidores apresentaram queixa aos coordenadores de serviços digitais nacionais sobre a plataforma. "O que motivou a nossa queixa, bem como as das restantes organizações de consumidores, é o facto de, no nosso entender, esta plataforma não estar a cumprir várias das suas obrigações legais, não garantindo assim aos seus utilizadores um ambiente online seguro, previsível e confiável conforme exige a lei", refere Luís Pisco. O jurista da Deco detalha à VISÃO que, "entre outras coisas, entendemos que os consumidores desta plataforma estão a ser vítimas de técnicas de manipulação, como a utilização de padrões obscuros, falta de transparência sobre a forma como recomenda produtos aos utilizadores, ou o facto de a Temu não garantir a rastreabilidade dos comer-

Os consumidores [da Temu] estão a ser vítimas de técnicas de manipulação, como a utilização de padrões obscuros e falta de transparência

LUÍS PISCO
Jurista da Deco

LUSA

ciantes que operam na sua plataforma". Na sequência dessa queixa e da entrada da Temu e da Shein na lista das plataformas em linha de muito grande dimensão, a Comissão Europeia solicitou às duas empresas mais informações, sob pena de lhes abrir um processo por não respeitarem as regras europeias. Bruxelas quer saber de que forma as duas aplicações permitem aos utilizadores notificar produtos ilegais, se os interfaces salvaguardam a obrigação de não enganar ou manipular os utilizadores e obter garantias de que a proteção de menores, a transparência dos sistemas de recomendação e a rastreabilidade dos comerciantes estão asseguradas.

Do lado das empresas, a mensagem é de quererem cumprir o exigido por Bruxelas. Questionada, fonte oficial da Temu garantiu que a empresa "está totalmente comprometida em aderir às regras e aos regulamentos delineados no Regulamento dos Serviços Digitais para assegurar a segurança, a transparência e a proteção dos nossos utilizadores na União Europeia". Também a Shein, num comunicado, afirmou que partilhava a ambição da Comissão Europeia de garantir que os consumidores na UE possam fazer compras online com tranquilidade. "Estamos empenhados em desempenhar a nossa parte", afirmou Leonard Lin, o diretor global de relações públicas da plataforma de venda de produtos de moda.

Jeff Bezos O segredo estava em juntar os livros à internet

Há 35 anos fundou a Amazon e atualmente detém a segunda maior fortuna do mundo e um império que vai do comércio eletrónico aos serviços de computação, passando pelos média e pelo entretenimento

206
MIL MILHÕES DE DÓLARES
Valor da fortuna de Jeff Bezos

"Não é uma experiência se soubermos que vai funcionar." Este é um dos vários aforismos sobre negócios de Jeff Bezos, que aos 60 anos é o segundo na lista dos mais ricos do mundo. O empresário fundou a Amazon em 1994, quando tinha 30 anos. Nessa altura, depois de analisar várias previsões sobre o crescimento exponencial no número de utilizadores de internet, decidiu criar um plano de negócios para fundar uma empresa que pudesse tirar partido daquela revolução tecnológica. A convicção nessa ideia foi de tal ordem, que Bezos se despediu de um emprego bem pago num fundo de investimento de Wall Street para lançar uma empresa de comércio eletrónico numa garagem em Seattle. Um dos pontos críticos do plano de negócios era decidir o que começar a vender. Numa entrevista em 1997, Bezos explicou porque resolveu apostar nos livros. "Há, de longe, mais itens nessa categoria do que em qualquer outra. A música é número dois, existindo mais de 2 000 CD ativos em qualquer momento. Mas no mercado livreiro, há mais de três milhões de livros em todas as línguas, mais de 1,5 milhões apenas em inglês. Quando se tem tantos itens, pode literalmente construir-se uma loja online que não poderia existir de nenhuma outra forma."

Para lançar o negócio, Bezos tentou convencer familiares e amigos a investir. A maior parte rejeitou a proposta, mas, ainda assim, o empresário conseguiu angariar cerca de um milhão de dólares, com 25% desse valor a ser assegurado pelos pais. A partir daí foi sempre a crescer. Em 1997, a Amazon entrou em bolsa, num negócio de 54 milhões de dólares, com cada ação a valer 18 dólares (ou 7,5 cêntimos de dólar se o valor for ajustado aos sucessivos desdobramentos de ações). Aos livros juntaram-se a música, os DVD e quase tudo o que se possa imaginar, incluindo retalho alimentar. A estratégia permitiu à Amazon tornar-se a grande empresa mundial de comércio eletrónico. A empresa não se diversificou apenas nos produtos que vende na sua plataforma de e-commerce, já que atualmente está presente em muitas outras áreas de negócio. Através da Amazon Web Services, é líder de mercado nos serviços de computação em nuvem e tem subsidiárias dedicadas a Inteligência Artificial, entretenimento, satélites e carros autónomos.

No ano passado, a gigante americana teve um lucro de 30,4 mil milhões de dólares e receitas de 575 mil milhões de dólares. Atualmente, os títulos da Amazon valem cerca de 180 dólares e a capitalização bolsista é de 1,9 biliões (milhões de milhões) de dólares, estando no top 5 das cotadas mais valiosas do mundo. Já Jeff Bezos tem um património avaliado em 206 mil milhões de dólares e, além da Amazon, tem investimentos noutros setores. É um dos multimilionários na corrida ao Espaço, numa competição aguerrida com Elon Musk, e investiu também no setor da comunicação social com a compra do *Washington Post* por 250 milhões de dólares.

Segundo vários artigos sobre os bastidores da fundação da Amazon, quando Bezos propôs aos pais e amigos investirem numa empresa de comércio eletrónico que iria vender livros, calculou que estes teriam 70% de risco de perder o dinheiro. No entanto, 35 anos depois, a experiência certamente que funcionou muito melhor do que o esperado.

A FÓRMULA DA SHEIN E DA TEMU

A grande questão é como é que a Shein e a Temu conseguiram ganhar tantos utilizadores em tão pouco tempo. O percurso dos fundadores das duas empresas dá algumas pistas para responder a essa pergunta. Colin Huang, que criou a dona da Temu, é um antigo engenheiro da Google, que se especializou na utilização de publicidade segmentada e em técnicas de otimização de motores de busca (SEO, na sigla em inglês). Utilizou essas ferramentas para dar visibilidade aos vários sites de comércio eletrónico e de jogos online que foi lançando antes de fundar a PDD Holdings, que detém a plataforma Pinduoduo na China e se lançou, em setembro de 2022, mais nos mercados ocidentais com a Temu. A experiência do fundador da empresa na criação de videojogos pode ajudar a explicar os jogos semelhantes aos de casinos online na plataforma e que incentivam a que se consuma cada vez mais. Também Chris Xu, o líder da Shein, se especializou em estratégias de SEO antes de lançar a sua empresa.

No entanto, os segredos das duas empresas vão bem além do domínio das técnicas para se destacarem na infinidade de vendedores e de conteúdos na internet. Carolina Afonso, CEO do Gato Preto e professora convidada no ISEG na área de Gestão Estratégica e Marketing, detalhou à VISÃO o que permitiu àquelas empresas alcançarem uma expansão rápida nos mercados europeus. A especialista considera que conseguiram combinar fatores que criam um "ecossistema atrativo que acelera a adoção e a popularidade destas marcas".

A começar pelos "preços muito baixos, atraindo consumidores sensíveis ao preço", destaca Carolina Afonso. Mas incluindo também uma "vasta gama de opções de moda e acessórios, o que permite que os consumidores encontrem facilmente produtos que correspondam às suas preferências e também artigos de compra por impulso, criando necessidades supérfluas que acabam por resultar em vendas devido ao baixo preço". A juntar a isso, a Temu e a Shein fazem grandes investimentos "em marketing nas redes sociais, influenciadores digitais e anúncios de publicidade segmentados, aumentando a visibilidade e atraindo novas audiências. Construíram ainda "sistemas eficientes de logística e parcerias estratégicas que permitem entregas rápidas e a preços baixos, aumentando a satisfação do cliente" e "aplicações com interfaces

Jack Ma Da ascensão nos negócios à pressão de Pequim

O fundador da Alibaba foi um dos empresários chineses mais bem-sucedidos. Mas, após ter perdido o seu estado de graça junto das autoridades chinesas, deixou as funções executivas e passou a ter uma atuação bem mais discreta

32
MIL MILHÕES DE DÓLARES
Valor do património de Jack Ma

O percurso de Jack Ma tem poucas semelhanças com o dos maiores magnatas da tecnologia. O empresário chinês, de 59 anos, reprovou por duas vezes nos exames de acesso ao Ensino Superior, com notas fracas a Matemática, e foi rejeitado em mais de 30 candidaturas de emprego. Num discurso, o cofundador da Alibaba revelou que nem o KFC, em Hangzhou, sua terra natal, o quis contratar: "34 pessoas concorreram. 33 foram aceites. Fui o único rejeitado."
Apesar desses desaires, Ma não desistiu, mote que escolheu para o livro em que partilha ensinamentos sobre a vida e os negócios. Contra a vontade da família, quis repetir os exames de acesso à universidade. Conseguiu aceder ao Ensino Superior, no curso de Inglês, e integrou a lista dos melhores alunos da sua universidade, acabando por ficar algum tempo a lecionar nessa área.
O percurso académico inspirou-o a lançar a primeira empresa. A meio da década de 90, ao descobrir as potencialidades da internet, fundou uma agência de tradução online. Seguir-se-iam mais empresas ligadas ao setor. Rapidamente, Ma começou a construir sites para empresas chinesas, que queriam estar na internet, com a ajuda de parceiros norte-americanos. Essa experiência levou-o a ser escolhido pelo Ministério do Comércio da China para dirigir um departamento relacionado com tecnologias da informação. Sairia dessas funções nos finais da década de 90 para fundar a Alibaba, que começou a operar no apartamento de Ma, em Hangzhou, com a ajuda de alguns amigos.
A partir daí, o crescimento foi rápido. Ao observar o sucesso da Amazon nos EUA, bancos, como o Goldman Sachs, e fundos, como o japonês SoftBank, apostaram fortemente na então empresa de comércio eletrónico. Jack Ma criou várias subsidiárias, com novas plataformas e soluções de pagamento digitais, como a Alipay.
O empresário conseguiu resistir à entrada do eBay no mercado chinês nos primeiros anos do século XXI, e, em 2005, contou com um investimento de mil milhões de dólares por parte da Yahoo.
A expansão quase imparável permitiu à Alibaba bater, em 2014, o recorde de maior entrada em bolsa, ao encaixar 25 mil milhões de dólares numa oferta que ocorreu nas bolsas norte-americanas e que avaliou a empresa em 230 mil milhões de dólares. Quase uma década depois, aquele valor apenas foi batido por outra empresa: a Saudi Aramco, a companhia saudita de petróleo.
Ainda assim, outra das empresas de Jack Ma esteve prestes a recuperar esse recorde, não tivesse sido a queda em desgraça junto do regime de Pequim. Em 2020, quando a Alibaba se preparava para colocar o Ant Group – a divisão financeira do grupo – na bolsa de Hong Kong, com uma oferta pública inicial 34,5 mil milhões de dólares, as autoridades chinesas atuaram em força, travando a operação. Coincidência ou não, uns meses antes, o empresário tinha criticado os reguladores financeiros e os bancos chineses. No entanto, os sinais de que Ma tinha conquistado uma influência além do que era desejado pelo regime já vinham dantes. Em 2018, o empresário abdicara das funções executivas no grupo. Apesar dos rumores de que tinha sido forçado a abdicar, Jack Ma tem reiterado que não foi pressionado pelas autoridades para sair de cena.
Nos últimos anos, o investidor passou a ter uma presença discreta. Porém, as participações que detém na Alibaba e na Ant Financial levam a Bloomberg a estimar que tenha uma fortuna de 32 mil milhões de dólares, a 51.ª maior do mundo.

Alibaba A empresa fundada por Jack Ma está entre as mais afetadas pelo crescimento da dona da Temu

DREAMSTIME

Guia para evitar compras supérfluas e por impulso

As aplicações de comércio eletrónico estão desenhadas para incentivar a compra por impulso ou de produtos que não são necessários. Porém, há algumas estratégias para ter o controlo do que se quer comprar e gastar

Definir um orçamento
Tendo em conta os rendimentos mensais, definir e cumprir um limite máximo para o valor a gastar em compras por mês pode ser uma boa maneira de prevenir gastos acima do pretendido. É importante que esse montante seja estipulado de forma realista, refletindo a situação financeira do consumidor e os custos com bens e serviços essenciais que precisam de ser pagos mensalmente.

Usar filtros na pesquisa
Quando se procura um produto numa aplicação de comércio eletrónico, é possível filtrar a pesquisa para ir direto à categoria onde se insere o item que está a pensar comprar. Usar essa funcionalidade ajuda a ir diretamente ao que pretende sem ter de navegar por vários produtos, diminuindo a probabilidade de comprar algo de que não precisa.

Fazer uma lista dos produtos de que necessita
Definir os produtos de que precisa e manter-se fiel a essa lista é uma boa estratégia para resistir à vontade de comprar itens supérfluos sugeridos pelas plataformas de comércio eletrónico.

Apontar despesas
Uma estratégia eficaz para não perder o fio à meada nos gastos em plataformas de comércio eletrónico é anotar numa folha de cálculo ou num caderno os valores das compras que são feitas nessas aplicações.

Desativar notificações e emails
Algumas aplicações de comércio eletrónico bombardeiam os ecrãs com notificações ou inundam caixas de email com anúncios de ofertas especiais, desenhadas para serem tentadoras. Assim, desativar essas funcionalidades no telemóvel ou cancelar a subscrição de emails é uma boa maneira de impedir que se seja impelido frequentemente a entrar nas plataformas.

Aguardar antes de comprar
Há plataformas de comércio eletrónico que tentam criar a urgência da compra, oferecendo descontos ou promoções por tempo limitado. Isso incentiva as compras por impulso, mas definir e cumprir a regra de aguardar um razoável período de tempo antes de concluir a transação é uma boa maneira de evitar gastar dinheiro de forma não planeada. Por vezes, a melhor solução pode ser mesmo dormir sobre o assunto.

Comparar preços
Antes de fazer uma compra, gastar algum tempo a comparar os preços nas diversas plataformas pode ajudar a poupar dinheiro na obtenção do produto pretendido.

Desconfiar de ofertas demasiado boas
Diz a sabedoria popular que "quando a esmola é grande, o pobre desconfia". Assim, produtos que tenham um preço muito abaixo dos valores normais são motivo para ter cuidados redobrados e fazer uma pesquisa adicional sobre o item e o vendedor em causa.

intuitivas e uma experiência de compra agradável e que contribuem para a fidelização”. E por fim, conclui a professora do ISEG, estas plataformas recorrem a “campanhas agressivas de promoções, descontos e programas de fidelização que incentivam compras recorrentes”.

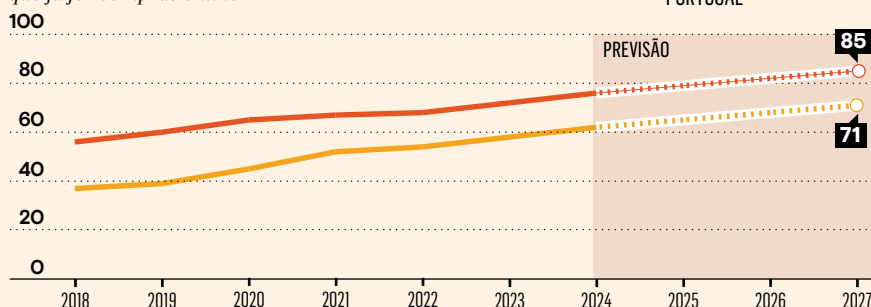
Com todos estes ingredientes é fácil perceber a disseminação rápida destas plataformas. Assim, num ciclo económico em que os consumidores ainda estão a sarar as feridas abertas pela crise inflacionista dos últimos anos, a questão do preço é essencial. Mas como é que a Temu e a Shein conseguem valores tão baixos? Pedro Lopes Sousa, que já passou pela AliExpress e pela Amazon e dirige atualmente a consultora Porto Advisors, considera que as estratégias “hiperagressivas” neste campo são “suportadas por subsidiação de preços pela plataforma como estratégia de aquisição de clientes e de captação de dados, além de seguirem o modelo fast-retail, de replicar rapidamente os produtos oferecidos por cadeias semelhantes como a Zara, a preços inferiores”.

No caso da Shein, por exemplo, a empresa argumenta que os seus preços baixos se devem a ganhos tecnológicos e a uma estratégia eficiente. Fonte oficial da plataforma refere à VISÃO que, “contrariamente a algumas perceções erradas, mantemos os nossos preços acessíveis através do nosso modelo de negócio que tem como base a tecnologia, a procura em tempo real e uma cadeia de abastecimento flexível”. Detalha que a empresa começa apenas com entre 100 a 200 peças de cada novo produtos e que depois recolhe e avalia as opiniões dos clientes em tempo real, e apenas faz o restock dos produtos que os consumidores querem. “Esta estratégia evita os problemas da superprodução e reduz drasticamente o desperdício em comparação com o modelo tradicional de fast fashion”, defende a Shein, asseverando que tem “taxas não vendidas consistentemente na casa de um dígito, em comparação com até 40% de desperdício para os retalhistas tradicionais”.

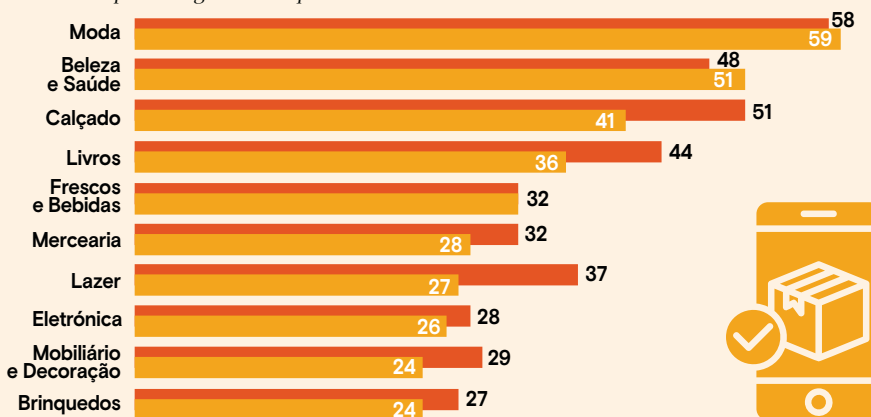
O LADO B DOS PREÇOS BAIXOS

Além da proteção dos consumidores, há outros receios em torno de algumas plataformas de comércio eletrónico. Abrindo mais uma frente de tensão com a China, o Congresso dos EUA aprovou, em 2021, a Lei de Prevenção ao Trabalho Forçado de Uigures. No âmbito dessa legislação, são produzi-

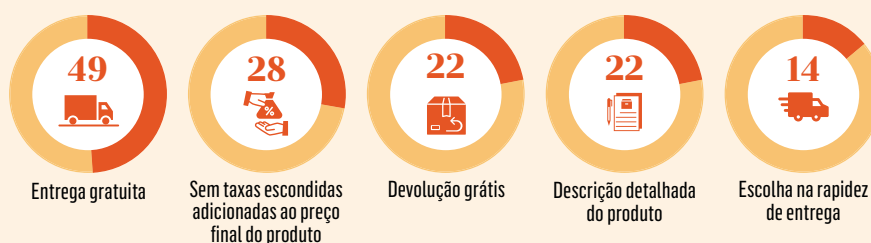
O rápido crescimento dos compradores online

Percentagem de utilizadores de internet que já fez compras online

FONTE Eurostat e previsões IDC entre 2023 e 2027

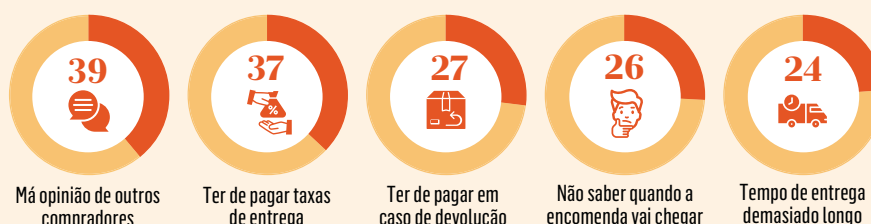
Produtos de moda e de beleza são os mais procurados

Categorias em que os compradores online estão mais ativos, valores em percentagem dos inquiridos

FONTE Barómetro e-Shopper 2023

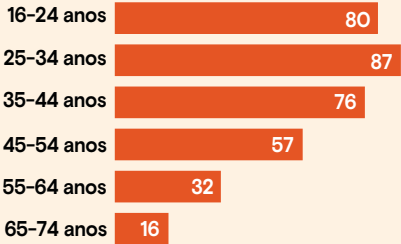
Entrega gratuita é o principal critério de compra

Top 5 dos fatores que motivam a compra, valores em percentagem dos inquiridos

FONTE Barómetro e-Shopper 2023

Opiniões negativas nas redes sociais são o grande efeito dissuasor

Top 5 dos fatores dissuasores de compra, em percentagem dos inquiridos

FONTE Barómetro e-Shopper 2023

GERAÇÕES MAIS JOVENS SÃO QUEM MAIS COMPRA ONLINE

Valor em percentagem dos utilizadores de internet em Portugal que fizeram uma compra online nos últimos 12 meses

FONTE Eurostat

OS CINCO SITES DE COMÉRCIO ELETRÓNICO MAIS VISITADOS EM PORTUGAL

FONTE e-commerce connect (dados de abril de 2024)

OS CINCO SITES DE COMÉRCIO ELETRÓNICO COM MAIOR VOLUME DE VENDAS EM PORTUGAL

FONTE eCommerceDB

AS CINCO LOJAS ONLINE COM MAIOR VOLUME DE VENDAS A NÍVEL GLOBAL

FONTE eCommerceDB

RL/VISÃO

Chris Xu O superdiscreto patrão da Shein

O fundador da plataforma de moda raramente aparece em público e há casos em que nem os próprios funcionários o reconhecem

11,2
MIL MILHÕES DE DÓLARES
Valor da fortuna de Chris Xu

A discrição é uma virtude no meio empresarial chinês. Essa característica tornou-se ainda mais vital após a pressão regulatória do regime de Pequim sobre as grandes tecnológicas do país. Ainda assim, segundo alguns perfis, o líder da Shein, Chris Xu (também conhecido por Sky Xu), leva a necessidade de recato a um extremo mesmo para os padrões chineses.

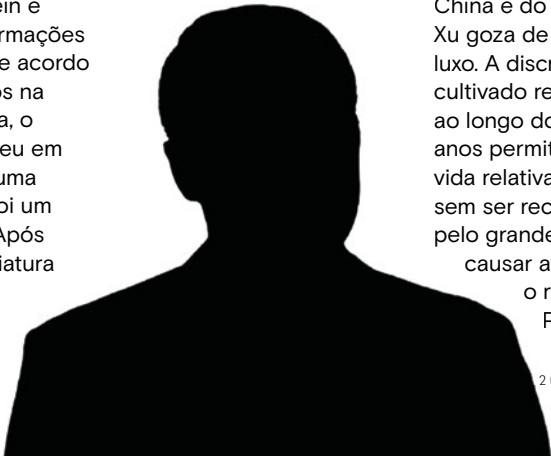
O empresário não dá entrevistas, não faz discursos nem aparece em público e são poucas as fotos que existem do multimilionário. Aliás, segundo alguns relatos, alguns dos seus próprios funcionários nem sequer o reconhecem quando se cruzam com ele.

A plataforma de venda online de roupa fast fashion até está a preparar a sua entrada na bolsa de Londres. Mas nem assim Chris Xu quebra a sua aparente regra de manter a discrição em todas as circunstâncias.

Desse modo, não é de estranhar que pouco se saiba da vida do fundador da Shein e que existam informações contraditórias. De acordo com relatos feitos na imprensa chinesa, o empresário nasceu em 1984. Cresceu numa família pobre e foi um aluno mediano. Após concluir a licenciatura em Economia e Comércio Internacional em 2007, começou a trabalhar numa consultora de marketing, onde se especializou na otimização de motores de busca (SEO, na sigla em inglês). Além de ter passado a dominar essa técnica, terá também percebido o valor de conseguir vender com lucro produtos fabricados na China para outros mercados.

Dessa forma, saiu da consultora para, com dois sócios, criar uma loja online que vendesse produtos baratos. O objetivo era encontrar algo que tivesse procura e em que pudesse cortar substancialmente os preços. A escolha recaiu em vestidos de noiva. Após ter a resposta para o seu negócio, há relatos de que abandonou os seus parceiros, com um dos antigos sócios a acusá-lo de fugir com as contas de PayPal e com a equipa de SEO da antiga empresa.

Polémicas à parte, em 2009 Chris Xu lançou a SheInside, a empresa que deu origem à Shein. Contrariamente a outras grandes empresas de comércio eletrónico, a Shein ainda não está cotada em bolsa. E, por isso, torna-se mais difícil estimar o valor da fortuna do fundador e líder da empresa. Ainda assim, a *Forbes* calcula que Chris Xu tenha um património de cerca de 11,2 mil milhões de dólares. Esse valor poderá ser ajustado caso a Shein venha a concretizar a entrada na bolsa de Londres. No ano passado, a empresa ponderou ir para o mercado americano, mas as críticas sobre práticas não sustentáveis do ponto de vista humano e ambiental da empresa acabaram por fazer cair o negócio.

Apesar de ter uma das maiores fortunas da China e do mundo, Chris Xu goza de um outro luxo. A discrição que tem cultivado religiosamente ao longo dos últimos anos permite-lhe ter uma vida relativamente normal, sem ser reconhecido pelo grande público nem causar atritos com o regime de Pequim.

Colin Huang Da Google para uma ideia de negócio imparável

O fundador da dona da Temu combinou a experiência no motor de busca e na criação de jogos online para criar sites de comércio eletrónico imersivos para os clientes. Após ter feito uma grande fortuna, quer agora dedicar-se à Ciência

45
MIL MILHÕES DE DÓLARES
Valor da fortuna

Uma das maiores ameaças ao império da Alibaba veio de bem perto. Colin Huang nasceu há 44 anos em Hangzhou, a mesma cidade da gigante asiática do comércio eletrónico. Fundou a dona da Temu, uma empresa que está a expandir-se a um ritmo rápido, conquistando terreno à rival fundada por Jack Ma. Apesar de conterrâneos, os dois empreendedores têm percursos bem diferentes. Colin Huang, filho de dois operários fabris, teve uma carreira académica praticamente imaculada. Formou-se na área de Ciências da Computação, passando por instituições de ensino na China e nos EUA e conseguindo obter algumas bolsas de estudo. Finalizados os estudos, seguiram-se estágios na Microsoft e na Google, o objetivo de muitos dos recém-formados nesta área. Conseguiu fazer carreira no setor, sendo promovido na dona do motor de busca e regressando à China para ajudar a expandir os serviços da gigante tecnológica nesse mercado. Em 2007, com menos de 30 anos, decidiu despedir-se. Colin Huang, que tem cultivado uma imagem de empreendedor em série, revelou que os motivos para sair da Google e se lançar por conta própria foram fazer dinheiro e ter um pouco mais de diversão. E não lhe têm faltado ideias. Lançou um site de consumo eletrónico que vendeu pouco tempo depois por mais de dois milhões de dólares. A seguir, fundou uma empresa para ajudar grandes marcas a venderem em sites de comércio eletrónico. Com os conhecimentos adquiridos na Google, lançou vários sites de compras online para atingirem o topo nos resultados do motor de busca. Além disso, fez ainda algumas incursões nos jogos eletrónicos. Da mistura dessas experiências surgiu o seu negócio mais bem-sucedido: a Pinduoduo, conhecida também como PDD Holdings. Fundada em 2015, a empresa de comércio eletrónico cresceu de forma rápida. Além desta área de negócios, a entidade esteve também sempre presente no setor agrícola. Os investimentos crescentes nesta área levaram alguns observadores a considerar que a empresa está empenhada em ajudar a concretizar a visão de prosperidade comum do regime de Pequim, que implica a redução da pobreza nas zonas rurais da China. O crescimento tem sido rápido. Em 2018, a PDD Holdings entrou nas bolsas americanas e atualmente tem um valor de mercado de 177 mil milhões de dólares, acelerado pela expansão rápida da Temu, criada em 2022. A fortuna de Colin Huang, assente na participação que detém na cotada, está avaliada em 45 mil milhões de dólares, tornando-o o 30.º mais rico na lista de multimilionários da Bloomberg. Em 2021, o empreendedor deixou de ter cargos executivos na empresa. Justificou essa decisão com a vontade de se dedicar à investigação científica.

dos relatórios regulares. Num deles, divulgado em junho do ano passado, uma das conclusões foi que existia "um risco extremamente elevado de as cadeias de abastecimento da Temu estarem contaminadas com trabalho forçado". Essa investigação levou os congressistas a pedirem informações também a outras empresas, como a Shein, a Nike e a Adidas, para avaliar se estavam a recorrer a fornecedores que usassem mão de obra forçada.

Mais recentemente, quando surgiram notícias de uma possível entrada da Shein na bolsa de Londres, a Amnistia Internacional denunciou más práticas da plataforma. "É profundamente preocupante que uma empresa com normas laborais e de direitos humanos questionáveis e um modelo de negócio de ultrafast fashion insustentável possa vir a colher centenas de milhões de libras através de uma venda de ações e de uma cotação na Bolsa de Valores de Londres", referiu a organização não governamental.

Bruna Coelho, da Amnistia Internacional Portugal, detalha à VISÃO que "o sistema da Shein envolve a subcontratação do fabrico de peças de vestuário numa cadeia de pequenos produtores na China – com pouca transparência e responsabilidade relativamente ao salário ou às condições suportadas pelos trabalhadores – e onde não existe qualquer direito legal de reunião ou de sindicalização". A organização não go-

DREAMSTIME

Tarifas A Comissão Europeia planeia acabar com algumas isenções de taxas aduaneiras para proteger as empresas europeias da concorrência desleal da Shein e da Temu

vernamental mostra-se "preocupada com as acusações de que é utilizado algodão colhido em condições de trabalho forçado (da região de Xinjiang)". Também existe apreensão porque "grande parte desta ultra-fast fashion acaba rapidamente por ser despejada em aterros, poluindo frequentemente as comunidades do Sul Global".

Questionada pela VISÃO, fonte oficial da Shein revelou que se reuniu com a Amnistia Internacional para responder a esses receios. E garantiu que "as nossas auditorias regulares a fornecedores têm mostrado uma melhoria consistente no seu desempenho e na sua conformidade. Isso inclui melhorias para assegurar que os trabalhadores são compensados de forma justa pelo trabalho que fazem", afirmando que uma análise recente que incidiu sobre as condições "de mais de 4 000 trabalhadores de fornecedores da Shein concluiu que ganhavam salários base que, em média, eram duas vezes superiores ao salário mínimo local". A análise abrangeu fornecedores da área de Shenzhen, onde a remuneração mínima mensal ronda os €300.

A Shein e a Temu criam necessidades supérfluas que acabam por resultar em vendas devido ao baixo preço

CAROLINA AFONSO
Professora convidada de Gestãono ISEG

As preocupações com as condições de trabalho na China e os receios de mão de obra forçada não são novos. Em 2020, um relatório do centro de estudos Australian Strategic Policy Institute identificou 82 empresas chinesas e ocidentais que poderiam estar a beneficiar, direta ou indiretamente, da utilização de trabalhadores uigures que foram forçados a ir trabalhar para várias regiões da China. Entre elas estavam a Amazon, mas também outras marcas bem conhecidas, como a Microsoft, a Apple ou a Zara, por exemplo.

Geralmente, após esses relatórios, as empresas reforçam os seus mecanismos de vigilância das cadeias e abastecimento. A Amazon, por exemplo, considerou as alegações do relatório "alarmantes" e pediu "uma resposta forte e coordenada dos governos e da comunidade empresarial", realçando que iria aprofundar as investigações dos fornecedores da sua cadeia de abastecimento. Além de auditorias independentes, as empresas podem evitar fornecedores que recorrem a trabalho forçado dos uigures, consultando a lista coligida pelas autoridades dos EUA sobre entidades suspeitas de produzir bens com recurso a mão de obra forçada de minorias étnicas.

No entanto, no caso da Temu, o relatório do Congresso dos EUA concluiu que esta "não tinha nenhum sistema que assegurasse o cumprimento da Lei de Prevenção ao Trabalho Forçado de Uigures".

O CONTRA-ATAQUE DA AMAZON

A Temu e a Shein estão a crescer rapidamente. No ano passado, a PDD Holdings quase duplicou as receitas totais, para 34,9 mil milhões de dólares. Também o resultado líquido cresce 90% para cerca de 8,5 mil milhões de dólares, impulsionado sobretudo pela plataforma Pinduoduo na China. No mesmo sentido, a Shein reportou um lucro recorde de cerca de dois mil milhões de dólares em 2023, mais do que duplicando face ao ano anterior. Vendeu produtos no valor de cerca de 45 mil milhões de dólares.

No seio da Amazon, começam a surgir alguns sinais de preocupação e de adoção de estratégias defensivas. De acordo com algumas notícias na imprensa internacional, uma das soluções poderá passar pela criação de uma nova secção no seu site dedicada a produtos com preços baixos e, eventualmente, de menor qualidade. Questionada pela VISÃO sobre a forma como pretende responder a esta nova concorrência, fonte oficial da Amazon referiu: "Estamos sempre a explorar novas maneiras de trabalhar com os nossos parceiros de venda para satisfazer os nossos clientes com mais seleção, preços mais baixos e maior conveniência."

Por seu lado, Carolina Afonso nota que "a Shein e a Temu apresentam vários desafios para empresas estabelecidas como é o caso da Amazon. Com produtos a preços extremamente baixos, forçam a que se tenha de reconsiderar estratégias de preço e margens para competir". Ainda assim, o impacto poderá ser maior em empresas com modelos de negócio mais semelhantes aos da Temu, como é o caso da AliExpress. Aliás, uma análise no *Financial Times* recomendava à Amazon que não entrasse na batalha dos produtos low cost e que até poderia ser positivo ceder alguma quota de mercado, tendo em

Pedro Lopes Sousa

— Fundador e diretor-geral da Porto Advisors

"É provável uma alteração das regras do comércio eletrónico na UE "

Pedro Lopes Sousa já dirigiu a AliExpress, em Portugal e Espanha, e também trabalhou na Amazon. Em resposta à VISÃO, o consultor analisa o modus operandi *da Temu e da Shein e a ameaça que estas plataformas podem constituir para as empresas portuguesas. Salienta ainda que a União Europeia poderá alterar as regras e criar novas taxas aduaneiras, mesmo arriscando medidas retaliatórias por parte de Pequim*

O que se explica a popularidade rápida da Shein e da Temu na Europa?
A Shein e a Temu recorrem a estratégias hiperagressivas de preço, suportadas por subsidiação de preços pela plataforma como estratégia de aquisição de clientes e de captação de dados, além de seguirem o modelo *fast-retail* de replicação rápida dos produtos oferecidos por cadeias semelhantes, como a Zara, a preços inferiores. Adicionalmente, a maioria dos produtos entra no Espaço Económico Europeu sem pagar taxas aduaneiras, por não chegar ao limite de preço a partir do qual é cobrado o imposto (€150), o que permite aplicar preços que dificilmente as empresas locais conseguem praticar. Por fim, estas empresas têm abordagens limitadas no que diz respeito à proteção da propriedade intelectual por parte dos vendedores, e há suspeitas de uso de práticas ilegais, como trabalho forçado e o recurso a margens comerciais negativas. O Estado chinês acaba indiretamente por suportar estas práticas com a ausência de correção monetária, ou seja, a moeda está significativamente desvalorizada, para suportar o excedente comercial do país de forma artificial.

Que desafios a Shein e a Temu trazem para outras empresas do setor, como a Amazon e a AliExpress?
Empresas como a AliExpress, que se centram no mesmo nicho de comércio eletrónico *cross-border*, já aplicaram parte destas estratégias, mas com menor agressividade. Tendencialmente, as empresas chinesas tendem a copiar o modelo concorrente e a adaptar-se rapidamente. No caso da Amazon, uma percentagem significativa dos vendedores já tem origem na China, mas a proposta de valor acaba por estar dirigida a um cliente mais afluente, urbano e que valoriza a qualidade, bem como o serviço. Empresas como a Amazon sofrerão concorrência em setores que se proporcionam ao fenómeno de *vertical search*, ou seja: o afunilamento da procura numa categoria (por exemplo, moda), mas empresas com propostas de valor mais parecidas com a Shein e a Temu, como a AliExpress, são as que têm mais a perder.

Que problemas a Shein e a Temu podem criar às empresas portuguesas?
As empresas portuguesas, quer no pequeno quer no grande retalho, poderão sofrer significativamente, em primeiro lugar pela sensibilidade ao preço do cliente português e, depois, pela incapacidade de competirem no mesmo plano do que as empresas chinesas. Para as marcas portuguesas, há um risco sério de infração de propriedade intelectual. O setor do grande retalho português é dos mais sofisticados da economia nacional, mas simplesmente não pode competir com as mesmas ferramentas. Uma possível estratégia poderá ser a valorização dos serviços de economia circular, do reforço de propostas de valor ecológicas, da transparência e traçabilidade das cadeias produtivas e das práticas laborais, bem como a promoção de produtos *buy for life*, o que os vai diferenciar da concorrência chinesa. A indústria como um todo também pode beneficiar da fusão entre fabricantes e retalhistas regionais, por forma a obterem maior escala competitiva. Dada a previsão de imposição de novas tarifas aduaneiras sobre produtos de proveniência chinesa, os retalhistas devem também elaborar estratégias para promoverem a resiliência da cadeia produtiva, diversificando origens e bases de fabrico.

O crescimento da Shein e da Temu pode ser travado devido a questões regulatórias?
O crescimento do comércio eletrónico *cross-border* já antes fora refreado na Europa, com a passagem de novas regras, como a eliminação da que permitia a importação sem IVA de produtos abaixo de €22 e a obrigatoriedade de as plataformas coletarem o IVA em nome dos vendedores –, mas a UE manteve a isenção de tarifas aduaneiras para bens abaixo de €150. A partir desse momento, estas empresas centraram-se nos EUA, onde dispõem de um limite de importação isento de tarifas aduaneiras consideravelmente mais alto. Contudo, em ambos os casos, a regulação veio acompanhada de tentativas de "saltar" as regras por parte dos vendedores das plataformas. Dado este cenário, torna-se provável que haja um aumento de taxas aduaneiras ou a alteração das regras de comércio eletrónico na UE – e uma possível retaliação por parte da China. A aplicação deste tipo de regras requer uma consulta com especialistas do setor, dado que pode ter consequências indesejáveis para as empresas europeias.

> **Crescimento** A subida do comércio eletrónico em Portugal permitiu aos CTT um aumento de 49% das receitas no segmento de expresso e encomendas

conta os processos relacionados com práticas anticoncorrenciais que tem enfrentado na UE e nos EUA.

Apesar do rápido crescimento da Temu e da Shein, para já, alguns analistas não anteveem estragos de maior no negócio da Amazon. No caso do mercado dos EUA, por exemplo, a equipa de análise da consultora financeira Morningstar estima que a Temu não vá além de uma quota de mercado de 2,5% até 2028.

IMPACTO EM PORTUGAL

Já para muitas empresas portuguesas, esta concorrência feroz no comércio eletrónico pode trazer problemas. As compras online cresceram rapidamente e as estimativas é de que tenham cada vez mais importância para o negócio de retalho. Mas estes novos marketplaces chineses podem gerar dificuldades. "Criam desafios significativos para as empresas de retalho portuguesas, nomeadamente para aquelas que têm como fator de diferenciação os preços baixos", observa Carolina Afonso. Defende que, nesses casos, "há que repensar estratégias de pricing e pensar em como criar valor para lá do preço".

Além disso, realça a especialista em Gestão Estratégica e Marketing, a Temu e a Shein "são também um forte concorrente a todas as que têm uma ampla gama de produtos e que apostam na variedade de stock e de novidades constantes. Para estas, a aposta na inovação é essencial." A resposta das empresas nacionais, conclui Carolina Afonso, pode passar pela aposta "na sua diferenciação, focando-se em produtos únicos, de qualidade superior e com atendimento personalizado, em estabelecer parcerias locais para oferecer exclusividade, em fortalecer a presença online e em apostar em modelos de logística mais eficientes e na sustentabilidade, na economia de proximidade e no made in Portugal".

Contudo, as empresas de logística e distribuição estão a conseguir aproveitar o crescimento do comércio eletrónico. É o caso dos CTT. Depois de ter tido o negócio sob pressão devido ao menor volume de serviços postais, a empresa está a aumentar as receitas no segmento de expresso e encomendas. Subiram 49% no primeiro semestre, para €210 milhões. "Temos feito parcerias com players logísticos internacionais muito relevantes, como a Amazon, e capturado grandes clientes internacionais, como a Temu ou a Shein, e é inegável que a entrada dos e-sellers chineses no mercado europeu ajudou a aumentar as compras online e criou novos hábitos de consumo, trazendo mais pessoas para o comércio eletrónico e reforçando o hábito de consumo em quem já comprava", revela à VISÃO fonte oficial dos CTT. Adianta ainda que, em 2023, a empresa processou 100 milhões de objetos nos 17 centros logísticos que servem Portugal e Espanha.

NOVA FRENTE NA GUERRA COMERCIAL

Além das preocupações sobre a proteção dos consumidores e os eventuais abusos nas cadeias de abastecimento das empresas, as autoridades europeias e dos EUA também estão atentas à forma como a Temu, a Shein e a AliExpress tiram partido da isenção de tarifas aduaneiras para conseguirem colocar produtos com preços muito baixos nos mercados ocidentais.

Na UE, por exemplo, as importações de produtos abaixo de €150 não precisam de pagar essas taxas. No ano passado, foram comprados mais de 2,3 mil milhões de produtos fora da UE abaixo desse valor, muitos deles vindos da China. Já nos EUA, onde o limite são 800 dólares, cerca de um terço das importações isentas de taxas aduaneiras vieram da Temu e da Shein.

> **"É inegável que a entrada dos e-sellers chineses no mercado europeu ajudou a aumentar as compras online e criou novos hábitos de consumo**
>
> **FONTE OFICIAL DOS CTT**

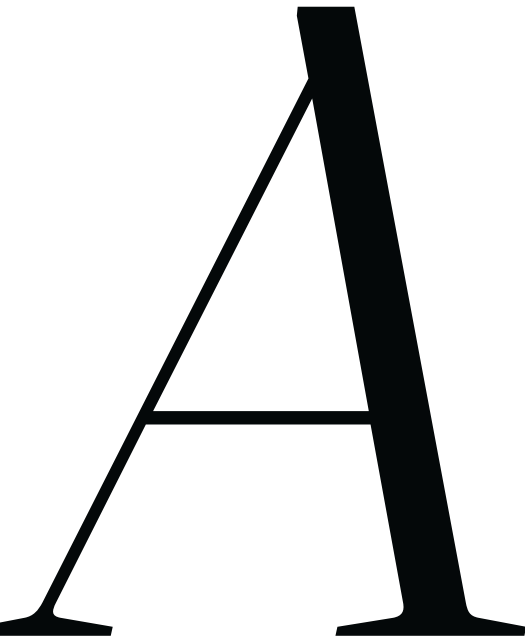
Na prática, essas exceções permitem que as empresas chinesas não tenham grandes custos para inundar o mercado europeu e americano de bens com valores de produção muito mais baixos, afetando as concorrentes ocidentais. Assim, segundo o *Financial Times*, a Comissão Europeia está a avaliar o fim dessa isenção. Também nos EUA se avaliam formas de restringir a entrada de produtos de baixo custo oriundos de marketplaces chineses. Esta é mais uma frente de batalha nas disputas comercias entre os blocos económicos, que tem sido marcada pela introdução de novas tarifas, como aconteceu recentemente na Europa com o aumento das taxas de importação de carros elétricos made in China.

No entanto, a Shein e a Temu aparentam estar a tomar medidas para se distanciarem das tensões entre o Ocidente e Pequim. A plataforma de produtos de moda tem sede em Singapura, enquanto a Temu instalou o seu quartel-general na Irlanda. Além disso, de acordo com o *Financial Times*, a empresa dá sinais de querer recrutar vendedores que tenham armazéns na Europa e nos EUA para não ser penalizada por eventuais alterações nas isenções de tarifas aduaneiras. Essa mudança de estratégia aumenta os custos para as empresas que fornecem na sua plataforma, o que motivou protestos à frente de escritórios da PDD, na China.

Caso Bruxelas aperte o cerco a estas plataformas, é bem provável que as dificuldades da Temu, da Shein ou da AliExpress em colocarem produtos baratos na Europa aumentem. Mas a história recente destas empresas mostra que podem ser bastante rápidas e criativas a adotar novas estratégias para criar nos consumidores a sensação de que estão a comprar como se fossem bilionários. rbarroso@exame.pt

Um Alentejo em mudança

O território mudou. A paisagem humana mudou. De Odemira a Beja, à boleia da agricultura e dos imigrantes que continuam a chegar, todos os dias, já nada é como dantes. E dificilmente voltará a ser

— **POR ROSA RUELA** TEXTO E **MARCOS BORGA** FOTOS

“A VISÃO tem de humanizar os imigrantes.” Estamos já no final da entrevista quando o investigador Pedro Góis se sai com este conselho. O especialista em migrações sabia que estávamos prestes a rumar ao Alentejo e adivinhou que o seu conselho, em tom de pedido, iria ficar a pairar nos dias seguintes – como não?

Como não nos desmancharmos ao ver o sorriso de Bhima, que diz logo à cabeça, orgulhosa, ter sido ela a levar outros nepaleses para o restaurante onde trabalha, na região de Odemira, ou ao darmos pelo ar triste do marroquino Rachid, enquanto abre o seu saco-cama, escondido entre casuarinas frondosas q.b., na mata de frente para o parque de merendas da cidade de Beja?

Como não nos comovermos com a solidão dos jovens timorenses Simão e Julião, que moram numa antiga estação de comboios, nas imediações de Aljustrel, cujos edifícios andam a reabilitar, ou com o olhar de curiosidade do bebé Ahmadou, filho de uma cabo-verdiana e de um senegalês, nascido há oito meses em solo alentejano?

E como, por favor digam-nos, como regressar indiferentes ao conforto das nossas casas, ao dia a dia passado na companhia de familiares e amigos, à segurança de um trabalho constante, depois de ficarmos a conhecer as histórias de vida dos imigrantes com que nos cruzámos?

“Eles são pessoas iguaizinhas a nós”, começara Pedro Góis, “mas que fazem grandes viagens para ir até um país que não conhecem. São muito empreendedores e com coragem para melhorar a sua vida”, lembra.

“É curioso que, 500 anos depois, a viagem seja feita ao contrário. Os marinheiros portugueses também iam à procura de uma melhor vida. Hoje, estamos a receber o retorno dessas caravelas, e sem conflitos”, nota o investigador. “Quantos são os casos de problemas com esta comunidade? Se pudéssemos escolher, escolhíamos este perfil de imigrantes tão trabalhadores. Experimentem entrar numa estufa... onde estão 50 graus.”

UM CAFÉ E UMA CHAMUÇA

De Odemira a Beja, este é um Alentejo em mudança “e que nunca mais voltará atrás”, vaticina o professor de Sociologia da Universidade de Coimbra *(ver entrevista, pág. 47)*. Certo é que a onda, que começou no Litoral e entretanto chegou ao Interior, não encontra parança. Nem a extinção, em junho, do regime de manifestação de interesse, que permitia o pedido de autorização de residência, travou os imigrantes à procura de trabalho.

No concelho de Odemira, em meados de julho, foram detetados 66 estrangeiros que não tinham comunicado a entrada em território nacional, dentro do prazo obrigatório de três dias úteis. Em Beja, quem está no terreno garante que os imigrantes não param de chegar, diariamente. “Nem que se levantasse um muro, continuavam a entrar pessoas, todos os dias”, acredita Madalena Palma, da Estar, associação sem fins lucrativos, criada para dar resposta rápida e sem burocracias a quem precisa de ajuda.

O território mudou. A paisagem humana mudou. Entre Vila Nova de Milfontes e Aljezur, onde antes havia mato, agora há mares imensos de estufas até onde a vista alcança, mais brilhantes do que o Atlântico ali à beira. E por todo o lado veem-se pessoas oriundas de paragens longínquas.

Em agosto de 2024, já poucos ficarão surpreendidos ao ler uma descrição atual do Largo Gomes Freire,

Dolly e Bhima

32 e 34 anos

+ EMPREGADAS DE MESA

Além da indiana e da nepalesa, há mais 17 imigrantes no restaurante A Azenha do Mar, perto de São Teotónio.

Entre Vila Nova de Milfontes e Aljezur, onde antes havia mato, agora há mares imensos de estufas até onde a vista alcança. E por todo o lado veem-se pessoas oriundas de paragens longínquas

DOIS TIMORENSES E UMA LINHA PARADA

OS CARRIS CHEIOS DE ERVA, FRENTE AO APEADEIRO CASTRO VERDE-ALMODÔVAR, NO CARREGUEIRO, SERVEM DE METÁFORA PARA A VIDA ATUAL DE JULIÃO E DE SIMÃO

No verão de 2022, as notícias deram conta de um "fenómeno novo". Entre junho e setembro, tinham chegado a Portugal cerca de três mil timorenses – quase dez vezes mais do que no ano anterior. Em outubro, eram perto de 600 só no Baixo Alentejo, que ali tinham aparecido sem contrato nem experiência na agricultura.
Os cidadãos de Timor-Leste não precisam de visto durante 90 dias em território nacional, podendo depois dar início ao processo de legalização. Alguns teriam viajado à boleia de promessas de trabalho; outros terão interpretado mal a mensagem deixada pelo Presidente português numa visita oficial a Timor, em maio desse ano.
Em Díli, Marcelo Rebelo de Sousa incentivara jovens universitários a visitar Portugal. A 31 de outubro, no final de um encontro com o Presidente de Timor-Leste, José Ramos-Horta, em Lisboa, sublinhou que o fizera nesse contexto, mas terão sido os trabalhadores indiferenciados a ouvi-lo com mais atenção. Certo é que se fizeram ao caminho milhares de timorenses, e eram, então, notícia por terem ficado em situação de sem-abrigo em diversas localidades. Só em Beringel, a dez quilómetros de Beja, juntaram-se mais de 100, depois de terem sido apoiados pela associação Estar, chamada de urgência pelo presidente da junta, que andou a distribuir comida durante vários dias.
"Estivemos numa casa onde havia uns 50 timorenses, novíssimos, todos esganados de fome e sem falar português", recorda Madalena Palma, uma das fundadoras da Estar. "Eram os pobres dos pobres, que se empenharam para viajar."
Agosto de 2024. Quando alguém entra na antiga estação de caminho de ferro do Carregueiro, a nove quilómetros de Aljustrel, dá logo pelo pequeno altar a Nossa Senhora de Fátima que Simão e Julião improvisaram numa velha mesa de cabeceira, com imagens, uma vela, um terço e uma palma.
Os dois primos-irmãos já foram a Fátima, "claro", que conheciam de ouvir falar em Maliana, capital do município de Bobonaro, no Interior de Timor-Leste e a poucos quilómetros da fronteira com a Indonésia.
Simão dos Santos, licenciado em Economia e Empreendedorismo pela Universidade da Paz, em Díli, chegou a Portugal em outubro de 2022, quatro dias antes de Marcelo e de Ramos-Horta debaterem o drama dos timorenses. Estava nas obras, mas sem perspetivas, e vislumbrou uma boa oportunidade quando uns amigos lhe garantiram que havia trabalho para ele na Salvada, perto de Beja.
Andou na apanha da azeitona, até que o patrão, um marroquino, deixou de pagar. Sem dinheiro para a renda, acabou a dormir na rua, duas ou três noites de um dezembro gelado e que lhe pareceram uma eternidade.
Eram, ao todo, 15 timorenses, e no grupo estava também Julião Oliveira, mais novo um ano, já casado e com uma filha de 5 anos, que tinha começado por tentar a sorte em Santarém. Foram todos ajudados pela Cáritas e, quatro meses depois, os dois eram contratados para reabilitar os vários edifícios do antigo apeadeiro. Entretanto, também já trabalharam noutras obras, no Alentejo e no Algarve.
O patrão aparece ao domingo, diz-lhes quais são as tarefas da semana seguinte e leva-os a comprar comida, em Aljustrel. Noutros dias, pode calhar pegarem nas bicicletas para visitar uns amigos timorenses que trabalham nas minas da Almina. "Nos tempos livres, vemos coisas na net, no telemóvel, ou telefonamos à família."

RETRATO DE FAMÍLIA

O SONHO DO SENEGALÊS MAME GOR SENE ERA TER EM PORTUGAL TODOS OS FILHOS

Aos 42 anos, o senegalês Mame Gor Sene é um homem realizado, embora ainda não completamente feliz. "O meu sonho era o resto de a minha família estar cá amanhã, mas o reagrupamento é muito difícil; com o IRS do ano passado, só consigo trazer duas pessoas." Em Dakhar, deixou a primeira mulher, Coumba, e três filhos, de 16 anos, 13 e 3. Já tentou convidar o mais velho, Bassirou, para 20 dias de férias, mas o pedido de responsabilidade foi-lhe recusado. Pediu, entretanto, o reagrupamento familiar e acredita que o miúdo vai conseguir frequentar cá o Secundário.
Em Beja, Mame celebrou uma cerimónia religiosa com Fatu, de origem cabo-verdiana, mas que cresceu no Senegal. Os dois conheceram-se no Alentejo, através de um amigo comum, e são pais de um bebé, de oito meses. Mame trabalhou em Marrocos, Espanha e Itália, antes de rumar a Portugal. Começou logo pelo Alentejo, a apanhar azeitona e uvas, e depois quase fazia carreira como soldador, mas não desistiu até conseguir abrir uma loja de produtos senegaleses, a dois passos do Luiz da Rocha, o café mais antigo de Beja.

em São Teotónio, que nesta vila do concelho de Odemira todos conhecem como Quintalão, mas para muitos visitantes ainda será novidade entrar na pastelaria Doce Amanhecer e poder pedir uma chamuça vegetariana e logo a seguir um quadradinho de *barfi* suficientemente doce para cortar o picante do frito.

Numa tarde quente de verão, claro que são vários os imigrantes à sombra das decorações coloridas, que sobraram do Festival dos Mastros de junho, a justificar encontrarmos aqui um kebab e um minimercado com produtos asiáticos, mas a coexistência com os habitantes de sempre parece pacífica. Na esplanada da antiga pastelaria, cujos para-ventos anunciam ter comida indiana e italiana, continuamos a ver alentejanos a beber o cafezinho depois do almoço.

Quando Rima Rabeya telefona a avisar que já chegou ao Quintalão, demoramos a reconhecê-la. Os estereótipos traem-nos, e ela, embora seja do Bangladesh, tem um aspeto europeu, muito provavelmente porque cresceu em Dakha, foi jornalista num canal de televisão e emigrou há oito anos.

Tinham-nos dito que Rima era "muito empoderada", boa para falar sobre as mulheres imigrantes. Num instante, ficamos a saber que saiu do seu país por razões de segurança ("Lá não é fácil ser mulher e querer a liberdade", diz, em inglês, enfatizando a palavra *freedom*) e que passou por 13 países antes de chegar a Portugal.

Há quase cinco anos, entrou por Lisboa, onde tinha amigos, mas desiludiu-se com a cidade "demasiado populosa" e com o trabalho num restaurante, que sentiu ser "um negócio muito masculino". Acabou por procurar emprego na região de Odemira, numa empresa que produz vegetais e ervas aromáticas para os mercados nacional e internacional, e pouco tempo depois tornou-se mediadora da Taipa, cooperativa para o desen-

Ao início, Carla foi criticada por dar emprego a imigrantes, mas com o tempo vários colegas seguiram-lhe o exemplo. "Se não fossem eles, eu não conseguiria ter o restaurante aberto"

Coabitação Na pastelaria Doce Amanhecer, em São Teotónio, há café português e doces indianos

volvimento integrado que ajuda os migrantes que chegam a Odemira (tem protocolos com a câmara e parcerias com empresas).

"Vinha por três meses, com muitos livros na mala, mas fiquei três anos", ri-se. Teve de regressar entretanto a Dakha, quando a mãe adoeceu, e há dois meses que está de novo em São Teotónio, onde espera, aos 38 anos, ter tempo para o mestrado em Estudos sobre as Mulheres, na Universidade Aberta, e conseguir voltar ao trabalho de mediação.

"As mulheres imigrantes, sejam elas do Bangladesh, da Índia ou do Nepal, veem o exemplo das portuguesas e querem o mesmo para elas, mas muitas ainda nem sequer conhecem os seus direitos", diz. "As Três Marias levantaram as suas vozes há 53 anos, por cá, e nós só agora estamos a passar por isso", compara, "mas há muitas Marias na nossa comunidade".

A nepalesa Bhima, de 34 anos, é uma dessas Marias. Conhecemo-la no restaurante A Azenha do Mar, a uns passos do lindíssimo porto de pesca da povoação com o mesmo nome e a uma dúzia de quilómetros de São Teotónio. Mal acaba de servir umas lulinhas fritas, que cheiram pela vida, diz, batendo no peito: "Sou a primeira empregada daqui! E os outros nepaleses vieram por causa de mim."

"TUDO NOVO, SEM AMIGOS..."

Oriunda de Pokhara, a 200 quilómetros de Katmandu, Bhima chegou sozinha a Portugal, há quase seis anos, e já se habituou a responder por Vilma. Antes, passou três anos na Dinamarca, cinco na Suécia e três meses em Espanha, a trabalhar no campo e em hotelaria. Portugal, mais barato do que os outros países europeus, só não é absolutamente perfeito porque não conquistou o filho, Sanjal, hoje com 17 anos.

No ano passado, Sanjal esteve quatro meses em São Teotónio e não se adaptou. "Tudo novo, sem amigos, com uma língua diferente na escola... E é uma zona demasiado tranquila para um jovem, eu entendo", ri-se Bhima.

O futuro próximo de ambos deverá, por isso, passar pelo Reino Unido ou pela Noruega, onde têm familiares. Uma pena, diz ela, porque gosta do seu emprego. "Noutros lados, força-se muito a trabalhar. Aqui, se não temos o que fazer, podemos descansar. E é o que fazemos, não andamos a gastar o dinheiro que é para mandar para a família."

Há quase quatro anos, quando Carla Dâmaso decidiu tomar conta deste restaurante famoso pelo arroz de marisco e o peixe grelhado, apareceu-lhe logo Bhima, que foi passando palavra a amigos e a conhecidos. Hoje, dá emprego a 16 nepaleses (mais homens do que mulheres), duas indianas, uma cubana e duas portuguesas. "O nosso chefe de cozinha, o Hari, é nepalês. Tem só 24 anos e é uma máquina, aprendeu os pratos todos só a

A nova paisagem humana Ao final do dia, há indianos siques com o turbante e roupa de trabalhadores nos estendais

observar. Já lhe disse que devia fazer formação com um grande *chef*, mas ele ri-se, envergonhado."

De início, Carla foi criticada por dar emprego a imigrantes, mas com o tempo vários colegas seguiram-lhe o exemplo. "Se não fossem eles, eu não conseguiria ter o restaurante aberto", garante. "Os clientes gostam muito deles, e são todos tratados como família, até porque estão cá sozinhos. Defendo-os sempre, em qualquer situação."

Agora, de cada vez que precisa de um empregado, aparecem-lhe dez, muitos com histórias de exploração laboral. "Aqui, o ordenado é bom. Comem cá, as gorjetas dão para pagar o quarto, o dinheiro do salário é para guardar. Já todos foram aos seus países e antes não conseguiam ir", nota.

"Na restauração fazemos muitas horas, comprei umas carrinhas para as viagens de ida e volta dos que moram em São Teotónio, mas nem sempre há tempo. Então, ficam pela Azenha e descansam, jogam à bola num campo aqui perto ou fazem doces que comemos juntos", conta. "Não vão à praia, porque têm vergonha de se despir, mas divertimo-nos a dançar as músicas deles, e já está prometido que vou ao Nepal quando algum se casar."

Dolly, hoje com 32 anos, nunca tinha visto marisco na vida. Há cinco anos, depois de uma experiência curta em Londres, veio de Nova Deli, na Índia, quase diretamente para São Teotónio, após uns dias em Lisboa. Antes de trabalhar como ajudante de cozinha na Azenha, passou pelo armazém de uma empresa de floricultura. "Uma sorte, porque era um bom patrão", recorda. "E, agora, a Carla é uma amiga."

Já no restaurante, Dolly percebeu que era importante começar a aprender português com maior afinco. Há dois anos, quando houve uma falha no serviço de mesas, estava pronta a explicar o menu. "Faz tudo para não me desiludir", emociona-se Carla, "e quer integrar-se na nossa cultura".

Bhima e Dolly chegaram ao Alentejo sozinhas, mas a maioria das mulheres vem ao abrigo do reagrupamento familiar, e o desafio de as integrar tem sido mais complexo, porque o choque cultural ainda é maior, explica-nos Teresa Barradas, vice-presidente da Taipa, com quem nos encontramos em Odemira.

"O projeto Mulheres Numa Só Voz, que tivemos entre 2020 e 2021, nasceu da necessidade de as empoderar e, agora, já andam na rua e muitas trabalham. Mas também foi bom para conseguirmos chegar aos homens e aos filhos, porque percebemos que a mulher era a *gate keeper* (a guardiã) da família."

Fragilidade É fácil um imigrante "desorganizar-se", diz Filipa Duarte, coordenadora do projeto Estou Tão Perto que Não Me Vês, da Cáritas de Beja

O desafio de integrar as mulheres tem sido mais complexo, porque o choque cultural é maior, mas quem está no terreno sabe ser através delas que se chega aos homens e aos filhos

Nos últimos 11 anos, a Taipa tem criado projetos para dar resposta às necessidades sentidas no terreno. A lógica é sempre igual, mas a realidade mudou. "Em 2013, tínhamos aqui uma grande comunidade búlgara. Havia o choque da língua e o choque cultural, porque eram de etnia cigana. Hoje, temos imigrantes do Sudeste Asiático; já foram mais indianos, agora são mais nepaleses."

O reagrupamento familiar, a acontecer com mais intensidade há cinco anos, é um indicador positivo de integração. "A família vai ser uma âncora para a integração", já ouvíramos a Pedro Góis. "Enquanto houver 20 homens metidos no T2, não há integração, porque é como viver num estaleiro."

Teresa Barradas perspetiva o mesmo: "O filho leva a língua e a cultura para casa. E não temos a ilusão de que as famílias ficam para sempre, mas a possibilidade aumenta se os filhos pedirem para ficar."

Em São Teotónio, a freguesia onde a realidade migratória tem sido mais intensa e onde havia muitas crianças e adolescentes a chegar, a Taipa tem o projeto ST, numa relação próxima com o agrupamento de escolas, para promover o sucesso escolar, e um espaço comunitário que funciona um pouco como um ATL.

DERRUBAR BARREIRAS

Às duas da tarde de uma segunda-feira boa para uns mergulhos

Pedro Góis

— Professor de Sociologia das Migrações, na Universidade de Coimbra

"Se eles se forem embora, ficaremos pior"

No Litoral Alentejano, encontramos sobretudo imigrantes do chamado subcontinente indiano. Como se explica?
É sobretudo uma migração laboral e tem que ver com a forma como se obtém trabalho: através do passa-palavra. Mas sabemos que são os grandes supermercados, nomeadamente britânicos, a induzir a imigração, porque a produção depende de quem a compra. São eles que provocam a necessidade de uma migração. E as empresas de trabalho temporário fornecem-lhes a mão de obra.

Nada disto é exatamente novo, pois não?
Estudo migrações há mais de 20 anos, não apenas em Portugal, e sei que é um padrão. O fenómeno no Alentejo não é muito diferente do que aconteceu na Andaluzia, por exemplo; a fonte é que deixou de ser a África subsariana e passou a ser muito o subcontinente indiano. Também já estamos com quilómetros de estufas, vê-se bem no Google Maps.

Tem sido muito rápido.
Os terrenos estavam disponíveis e eram suficientemente baratos. Há mão de obra também disponível e constante, ou até crescente, o que mantém o preço baixo. O que eu temo que tenhamos? Algum subpagamento – o pagamento feito às empresas não chega aos trabalhadores, retiram-lhes uma parte do salário para alojamento, despesas inventadas... Estes povos não projetam a sua voz no espaço mediático, por isso são invisíveis, o que pode estar a jogar contra eles. Há uma ausência dos nossos sindicatos nestas relações laborais. Deviam estar mais presentes nestes territórios, porque estes jovens trabalhadores precisam de ser protegidos.

O que mudou quando olhamos para o território?
Mudou a paisagem humana. Quem parar ao final do dia naquelas povoações vai ver indianos siques com o turbante, muitas pessoas com o tom de pele diferente da nossa e uma população jovem. Também vai ver muitas casas habitadas, com roupas nos estendais, mas provavelmente são roupas de trabalhadores, não são de família, porque são dormitórios destes imigrantes. Além disso, espaços que estavam quase ao abandono são hoje oportunidades de exploração agrícola. Este processo está a fazer voltar o Alentejo ao que ele não tinha sido nas últimas décadas.

Porque era uma região em envelhecimento, desde o 25 de Abril.
Sim, nessa altura as pessoas foram para a Margem Sul de Lisboa, e a região nunca mais se recompôs. Esta gente que está a chegar traz esta nova paisagem humana diferente e que nunca mais vai ser outra. E se eles se forem embora, por causa de uma crise económica, ficaremos pior.

refrescantes na praia, 15 miúdos imigrantes juntam-se num rés do chão, a um minuto a pé do Quintalão. Hugo Gomes, o professor de serviço, recorre ao inglês para ensinar os pronomes pessoais em português e vai pedindo ajuda a quem está mais avançado.

"*How do you say 'beautiful' in portuguese*?", ainda não acabou de perguntar e já se ouvem vários "bonito!" pela sala, à mistura com palavras em hindi. Quem não sabe inglês precisa de tradução simultânea. "Eles são sempre muito prestáveis", nota Hugo, mesmo que, em tempo de férias, estejam desertos por ficar na sala dos computadores.

A Taipa também gere o Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes (CLAIM) de Odemira, onde se dão os primeiros passos do processo de legalização. Além de ter um gabinete fixo, os seus técnicos trabalham em itinerância por várias freguesias, porque a mobilidade dos imigrantes é grande, e sempre com o apoio de uma equipa de mediadores que anda um pouco por todo o lado (escola, Finanças, Segurança Social), sempre que for preciso ultrapassar a barreira da língua.

Como todos os anos chega gente nova, a cooperativa mantém ainda ações de sensibilização nas empresas, desde a segurança rodoviária à questão do lixo, passando pelo acesso à saúde. "É importante repeti-las, porque os movimentos migratórios são voláteis", nota Teresa Barradas.

São precisos serviços públicos. "Se Odemira representa €300 milhões em exportações, o Governo devia investir, como contrapartida, neste território", pede o presidente da câmara

Zakaria Cahkay

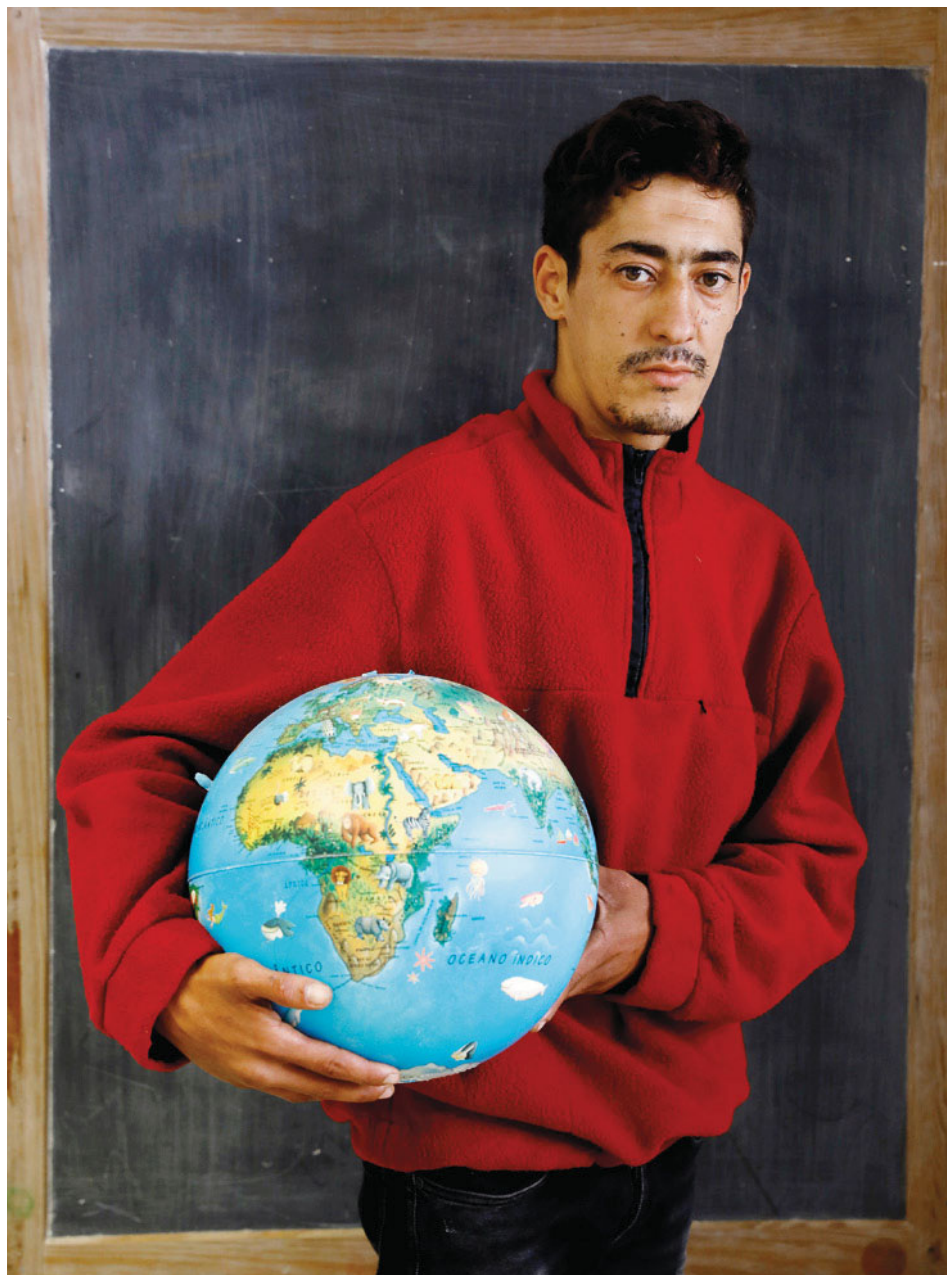
31 anos

+ TRABALHADOR AGRÍCOLA

Em Melilla, "Ziko" tanto era mecânico de automóveis como estucador. Em Beja, onde chegou há três anos, tem trabalhado sempre no campo. "Saí de Marrocos há sete anos. Era um miúdo, queria conhecer o mundo." Fala quatro línguas.

"São sobretudo compostos por homens avulso que levam essa bagagem cultural, mas ela não se transmite."

O acesso à saúde tornou-se uma questão crucial com a chegada de mulheres e crianças. "Estamos, por isso, a capacitar os profissionais para lidarem com esta população, a fazer a ponte com a medicina do trabalho nas empresas e a promover atividades na comunidade sobre a importância da atividade física e a alimentação saudável", desfia o enfermeiro Vítor Gomes, há 17 anos em Odemira.

Em junho, foi feito um inquérito à população imigrante no centro de saúde. Os dados ainda não estão disponíveis, mas já se sabe que a grande maioria é por norma jovem, em idade

ativa e está a ter muitos filhos. "Em 2022, dois terços das crianças que nasciam no concelho eram de mãe estrangeira", sabe de cor o enfermeiro.

Vítor Gomes também sabe que a maioria trabalha na agricultura, mas já começa a ter outros empregos, seja em hipermercados (na reposição e no talho) seja em empresas de mármores, construção civil e gestão florestal (no corte de árvores).

"Grosso modo, já temos imigrantes em todos os setores", há de corroborar o presidente da Câmara Municipal de Odemira, Hélder Guerreiro, eleito em setembro de 2021, pelo PS. "Precisamos da mão de obra, mas a pressão sobre os serviços públicos é enorme", queixa-se.

Os fluxos migratórios não são uma novidade em Odemira, onde coabitam mais de 80 nacionalidades. De início, o concelho foi procurado por russos, ucranianos, polacos, búlgaros e romenos. Também houve – e há – tailandeses, hoje uns 600, instalados nas quintas onde trabalham.

Atualmente, mais de um terço da população do concelho é imigrante, sobretudo do Sudeste Asiático, já se escreveu, e a maioria a trabalhar na agricultura. Só a produção de frutos vermelhos no concelho gera €300 milhões ao ano, mas as empresas acabam por pagar apenas €70 mil em derrama municipal, porque têm as sedes no estrangeiro. Quando os imigrantes eram quase só homens, a pressão sobre a saúde era pouca. Agora que há muitas crianças e já houve mais nascimentos de mulheres de nacionalidade estrangeira do que portuguesas, a câmara investiu numa construção modular temporária e vai em breve duplicar o serviço básico urgente. "Mas não chega fazer as infraestruturas, precisamos de mais médicos", alerta o autarca.

"O número crescente de casos de reagrupamento familiar também tem um forte impacto sobre a oferta da educação. No ano letivo passado, foram abertas mais nove turmas e, no próximo, deverão abrir mais umas seis", contabiliza Hélder Guerreiro. "É

ATAQUES RACISTAS

OS IMIGRANTES TÊM SIDO VÍTIMAS DE CRIMES POR XENOFOBIA

Na noite de 5 de novembro do ano passado, Shahil Gurpreet Singh estava na casa que partilhava com outros cinco indianos, em Praias do Sado, uma localidade a sete quilómetros de Setúbal, quando foi morto com um tiro de caçadeira no peito. Tinha 25 anos, trabalhava na agricultura e teve o azar de ficar na mira de dois jovens irmãos portugueses, com antecedentes criminais, que confessaram a intenção de matar os seis imigrantes por ódio racial.

No início de maio deste ano, no Porto, Lakehal Zakaria e vários outros imigrantes magrebinos foram agredidos por homens encapuçados que, na mesma madrugada, protagonizaram três ataques violentos. No primeiro, usaram tacos de basebol para bater em dois argelinos, na zona do Campo 24 de Agosto; no segundo, munidos também de facas e de uma arma de fogo, invadiram uma casa na Rua do Bonfim, onde morava uma dezena de imigrantes e espancaram-nos, enquanto proferiram insultos; no terceiro, lincharam um marroquino, nas imediações de um kebab, na zona da Batalha. Um português, com pena suspensa por crimes violentos, foi detido logo após as agressões, tendo confessado as motivações racistas dos ataques.

NÚMEROS

SEMPRE A AUMENTAR

OS IMIGRANTES CONTINUAM A RUMAR AO ALENTEJO, SOBRETUDO AO DISTRITO DE BEJA

28,6%

Percentagem de estrangeiros a residir em Odemira, segundo o Censos 2021 (mais 13,5% do que em 2011)

76,1%

Peso dos estrangeiros no total de trabalhadores por conta de outrem, no concelho de Odemira em 2023

2/3

Proporção de filhos de mãe estrangeira entre as crianças nascidas no concelho de Odemira, em 2022

17 813

Número de imigrantes no distrito de Beja, em 2022 (mais 11% do que no ano anterior)

450

Atestados de residências passados até ao final de julho deste ano pela junta de freguesia de Beringel, Beja

uma situação insustentável, porque implica reabilitar escolas que estavam fechadas, além de ser necessário recrutar mais professores."

"O GOVERNO DEVIA INVESTIR"

O desafio passa, agora, por conseguir vincular as famílias ao território, "o que é mais fácil do que um homem sozinho", nota. "E queremos criar o sentimento de que toda esta comunidade é bem-vinda, porque há qualidade de vida para todos. Os serviços públicos de interesse geral, que foram diminuindo ou mesmo saindo do concelho, têm de regressar em força, para acompanhar o aumento da população em quantidade e em complexidade. Se Odemira representa €300 milhões em exportações, o Governo devia investir, como contrapartida, neste território."

A necessidade não é exatamente de hoje. "Comecei a alertar para isto há seis anos, em Odemira, porque já era coordenador da ANAFRE [Associação Nacional de Freguesias] no distrito de Beja", lembra Vítor Besugo, presidente da Junta de Freguesia de Beringel. "Na altura, o colega de São Teotónio dizia que não havia disponibilidade para toda a gente no serviço de Finanças, na Segurança Social ou no médico de família."

Nessa altura, o problema era "lá longe", em Odemira, no Litoral. "Agora, eles estão por todo o lado", sublinha o mesmo autarca. Em Beringel, vila a uns 15 minutos de carro de Beja, o Censos de 2021 contabilizou 1 188 habitantes. Chegados a agosto de 2024, a junta estima haver cerca de 1 500 fregueses, sendo perto de um quinto deles imigrantes.

Longe vão os tempos em que o "Rossio", como é ali conhecida a Praça Dr. Carlos Moreira, se enchia apenas ao fim de semana ou ao final da tarde, por famílias à coca de ar fresco ou de brincadeiras no parque infantil. Agora, há permanentemente homens jovens, oriundos do Sudeste Asiático, sentados na relva e nos bancos de jardim de cimento, à conversa uns com os outros, de cerveja ou telemóvel na mão.

E o mesmo acontece por todo o lado, repete Vítor Besugo. "Numa destas tardes, em Beja, passei por 22 bancos, contei eu, da Praça da República até ao tribunal [são 500 metros, seis minutos a pé], e não havia um livre. Estavam todos ocupados por homens imigrantes."

Na noite em que chegámos a Beja, lembramo-nos daquilo que o presidente da câmara de Odemira disse ao fechar a entrevista: "A criminalidade não aumentou, mas os habitantes sentem-se inseguros. O Governo tem de investir na segurança." Será um paradoxo?

A paisagem humana também mudou radicalmente nesta cidade. São

Uma imensa maioria
Os imigrantes são sobretudo homens jovens do Sudeste Asiático. Na cidade de Beja, também já se veem africanos

dez horas de uma noite quente da semana e o centro histórico está quase deserto, à exceção de alguns homens de origem asiática ou africana, isolados ou em pares, a percorrer as ruas. Na Praça da República, meia dúzia de adolescentes portugueses conversa animadamente, aparentemente indiferente aos vários imigrantes sentados nos bancos.

Destes últimos, nem todos terão casas em condições ou sequer um quarto onde dormir; há um número crescente de estrangeiros em situação de sem-abrigo em Beja. Na manhã seguinte, imaginamos que lhes saberá bem entrar na sede da associação Estar, onde Madalena Palma, de 48 anos, e Inês Féria, de 41, recebem como se estivessem em suas casas.

As empresas de trabalho temporário arranjam 200 pessoas, que são dispensadas quando acaba essa campanha. Passado um mês e meio, chamam outras 200, sabe-se em Beja

Num espaço aberto, dividido por estantes com livros, há duas zonas com grandes sofás, um mapa de Portugal e outro do mundo. Para lá de uma porta, outro espaço faz as vezes de armazém, cheio de comida e de bens essenciais. Quem entra é cumprimentado, muitas vezes, pelo nome próprio.

Fez em julho cinco anos que as duas assistentes sociais decidiram tentar fazer a diferença. "Pensámos 'O que faz falta? Estará tudo inventado?' e começámos a encontrar buracos na rede – a verdade é que não havia uma resposta de emergência", conta Madalena. "Aqui, a pessoa chega com fome, e colmatamos logo essa necessidade básica. Depois, vamos perceber o que a levou àquela situação, e não estamos cá a fazer agendamentos, a abrir processos no sistema."

"RECEBEMOS O REFUGO"

Hoje, esta associação sem fins lucrativos apoia pessoas em situação de sem-abrigo, não só imigrantes mas sobretudo imigrantes. "Recebemos o refugo do refugo", diz Madalena. "Pessoas que não reúnem condições para serem ajudadas por outras instituições, porque já se portaram muito mal ou estão completamente indocumentadas."

Como são uma entidade privada, ajudam quem querem – e trabalham 24 horas por dia, não dá para ser das 9h às 5h. Ainda na véspera, quase de noite, Madalena tinha ido com a polícia até um dos grandes cubos de contraplacado de uma exposição junto à Casa da Cultura. Passara por lá a pé e dera com umas mantas e um saco com produtos de supermercado no seu interior. "É de alguém novo em Beja, porque não identifiquei material nosso. Vamos ficar atentas."

Como tem dois filhos de 24 e 25 anos, custa-lhe particularmente receber jovens. "É desolador. Vieram de barco ou a pé, de muito longe. E, quando cá estão, são miúdos tão subservientes que dá pena. Tivemos dois rapazes argelinos que foram chicoteados nas costas por um encarregado português", conta.

"Mudem-se as leis ou os governos, Portugal continua a ser o sítio mais fácil para se obter documentos falsos. Há um ano, sei que havia imigrantes a pagar €800 por um atestado de residência. Nós já deixámos de comprovar as moradas deles, estávamos a alimentar o problema. Por exemplo: agora em agosto, sabemos que quem não está já a trabalhar é porque está cá a mais."

Rachid Boukarch

44 anos

+ TRABALHADOR AGRÍCOLA

Saiu de Marrocos em 2008 e andou pela Europa até chegar a Portugal, no final de 2023. Em Beja, encontrámo-lo a dormir numa mata, mas nunca deixou de se exercitar. "Fui boxeur, sei como treinar é muito importante para a cabeça."

No entanto, continuam a chegar imigrantes ao Alentejo. "E, nem que se levantasse um muro, continuariam a entrar pessoas, todos os dias", acredita Madalena Palma. "É o negócio do século, dá dinheiro a ganhar que é uma coisa louca. As empresas de trabalho temporário arranjam 200 pessoas, que são dispensadas quando acaba essa campanha. Passado um mês e meio, chamam outras 200, porque o que dá dinheiro é mandar vir esta malta para Portugal – cada pessoa vale 14 ou 15 mil euros."

FAMÍLIAS ENDIVIDADAS

Sem trabalho nem sítio onde morar, os imigrantes batem-lhes à porta sem nada, só com uma pequena mochila. "Conhecem-nos do passa-palavra e eles sabem que nunca os trairíamos", diz Madalena. Ela e Inês ouvem-nos, então, contar como endividaram a família para conseguirem viajar e como o número de telemóvel de alguém, que iria arranjar-lhes trabalho, nem sequer funciona.

"Nós dizemos-lhe 'Vocês estão cá, estão em casa' e damos-lhes cabazes de comida, roupa, produtos de higiene pessoal, mobília, eletrodomésticos... Temos apoios da câmara e da Caixa de Crédito Agrícola, a Sonae dá-nos €12 mil por mês de alimentos, o grupo Pestana dá-nos 150 litros de leite por semana e mobiliário. Daqui a dois dias, vamos ao Alvor buscar 30 *sommiers* e colchões. A Força Aérea cedeu-nos três armazéns, e o Politécnico um. Temos ainda 35 voluntários, sem eles nada disto seria possível."

Até ao final de agosto, a Estar irá submeter um projeto de balneário social, cacifos e oito camas de emergência, ao abrigo do programa Portugal Inovação. O CAES (Centro de Alojamento de Emergência Social), criado pela Cáritas Diocesana de Beja, em parceria com a Segurança Social, na antiga Casa do Estudante, no centro da cidade, só tem 35 camas.

Acrescente-se que o município anunciou recentemente a criação de um centro de acolhimento temporário, com mais umas três dezenas de camas, num antigo lar, em Santa Clara do Louredo, a cerca de cinco quilómetros de Beja, mas ainda não há data de abertura. "Temos procurado evitar a solução dos contentores", sublinhou entretanto o presidente da Câmara Municipal de Beja à VISÃO. "Ocupar pavilhões municipais ou despejar na rua as pessoas, porque estão em casas sem condições, também não seria uma solução."

Tudo isto já Madalena nos conta dentro do seu carro, numa volta pela cidade que tem como pontos-chave locais onde os imigrantes foram ou são notícia, começando pelo antigo edifício da Refer, propriedade da Cruz Vermelha Portuguesa, um gigante, agora entaipado, que chegou a albergar 40 pessoas, todas realojadas em março, nuns contentores instalados no Estádio Flávio Santos e geridos pela Estar.

Passamos por uma vivenda, com oito quartos, arrendada a imigrantes pelo tutor legal de um rapaz que vive na Cerci Beja, pelo chamado Jardim do Bacalhau, onde param as carrinhas que transportam os trabalhadores entre a cidade e as explorações agrícolas, e ainda pelo hostel, cuja filha da dona se apaixonou por um homem de origem africana que ali esteve realojado (estão de casamento marcado, também há histórias que acabam bem).

Só depois rumamos ao centro histórico, cujas ruas estreitas estão cheias

Por vezes, basta o imigrante ficar sem telemóvel para cair na rua. Se já só era chamado ao dia, e nunca em dias seguidos, o patrão deixa de poder contactá-lo e ele perde o trabalho

UM MÚSICO EM ODEMIRA

EM ODEMIRA, BASTAM-LHE AS TABLAS E O HARMÓNIO PARA ENSINAR A TOCAR E A CANTAR MÚSICA CLÁSSICA INDIANA

"Portugal é a minha segunda casa. Ao início, sentia que não gostavam de mim aqui, por ser asiático, mas, agora que já me conhecem, sei que gostam." Inderjeet Singh diz isto tudo de seguida, em inglês, e pede desculpa. Um ano depois de chegar a Odemira, entende português, mas ainda não o suficiente para conseguir conversar.
Antes de aqui rumar, passou pela Bélgica, Nova Iorque, Japão, Coreia do Sul e China, sempre a tocar e a ensinar, muitas vezes do atelier da holandesa Helena Loermans, onde pousou para a fotografia. Tem a própria escola na Índia e continua a dar aulas online. Gosta muito dos doces portugueses, mas faz por ter uma alimentação equilibrada. "O meu avô dizia: 'Se tiveres boa saúde, tocas melhor', e eu acredito nisso."

de quartos usados em "sistema de cama quente" (porque por vezes o emprego inclui alojamento no local), e há um majestoso solar que todas as noites "esconde" 40 imigrantes.

Nem um minuto de carro e estamos na Praça da República, onde vamos almoçar de frente para a antiga Residencial Coelho, devoluta já há dois anos. Segundo Madalena, alguém tem a chave e cobra €150 por mês a cada um dos mais de 30 imigrantes que ali partilham quartos em muito mau estado. "Já denunciámos, mas ainda não aconteceu nada."

Na belíssima praça, reedificada a mando do rei D. Manuel I, no local onde antes se ergueu o fórum romano, cruzamo-nos com o jovem marroquino Zakaria Cahkay, com quem tínhamos passado umas horas, nas instalações da Cáritas de Beja, e que Madalena trata por "Ziko".

"Já o conheço há muito tempo... A situação aqui agudizou-se há dois anos, em termos de quantidade e de más condições de vida dos imigrantes. A dignidade desapareceu", lamenta, "e nós contribuímos para este estado de coisas. Somos todos responsáveis. Claro que eles vêm porque não estão bem nos seus países, mas, se precisamos da mão de obra, devemos acolhê-los condignamente. Nós, portugueses, quando emigrávamos para França, sabíamos que íamos para os *bidonvilles* [bairros de lata]. Eles não sabem ao que vêm."

É essa também a perceção de quem recebe imigrantes em situação de sem-abrigo no espaço Estórias, da Cáritas. Naquele rés do chão, em pleno centro histórico, onde é possível tomar o pequeno-almoço, tomar duche e trocar de roupa, os relatos não diferem muito uns dos outros. Todos vinham à procura de uma vida melhor, e todos acabaram a dormir na rua.

UM NÃO E UMA PROMESSA VAGA

"Estou aqui porque preciso de ajuda: de trabalho, casa, comida, documentos, tudo", diz o senegalês Samba Mbaye, num português hesitante, e logo conta como saiu em novembro de 2021 de Dakar, onde era motorista de táxi, para arranjar um trabalho melhor e ajudar a família.

Com 27 anos, passou dez meses em Espanha, antes de rumar a Beja, porque lhe disseram que "havia muito patrão" no Alentejo. Já trabalhou na apanha da azeitona e da amêndoa, na vinha, no que calhou. É o mais novo de nove irmãos. Sempre que conseguiu um emprego, guardou €150 e enviou aos pais o resto do salário.

Na véspera, ao final da tarde, ouviu mais um não, com uma promessa vaga: "Volta daqui a uma semana." Não valia a pena aparecer na manhã seguinte, à procura de lugar numa das muitas carrinhas que transportam os imigrantes até às explorações agrícolas, nos arredores de Beja. Tinha, por isso, pela frente mais umas noites ao relento.

"Estamos a ajudá-lo, porque deixou passar os prazos do processo de legalização", explica Filipa Duarte, coordenadora do projeto Estou Tão Perto que Não Me Vês, da Cáritas. "Ele quer vingar na vida, é um bom trabalhador."

Além do Estórias, que funciona como um centro *drop-in*, o projeto inclui uma equipa de rua, laboratórios de expressão artística e cultural, e sensibilização da comunidade e empoderamento dos sem-abrigo. A Cáritas tem ainda um refeitório social e gere o CLAIM de Beja, com financiamento comunitário.

A técnica de reabilitação e inserção social também sabe ser fácil um imigrante "desorganizar-se". A expressão é sua e faz todo o sentido quando Zakaria Cahkay conta como bastou ter ficado sem telemóvel para perder o trabalho. Já só era chamado ao dia, e nunca em dias seguidos, mas

"VENHAM CÁ FISCALIZAR"

ESTE ANO, A JUNTA DE BERINGEL JÁ PASSOU 450 ATESTADOS DE RESIDÊNCIA

Manda a lei que, perante a declaração de honra de duas testemunhas, recenseadas na freguesia, os presidentes das juntas têm de assinar os atestados de residência. Na ausência de documentos que comprovem a morada, são as testemunhas que se responsabilizam pela veracidade da informação. "Este ano, já passei 450", sabe de cor Vítor Besugo, presidente de Junta de Freguesia de Beringel, a dez quilómetros de Beja.
Só na última semana de julho, o autarca assinou duas dezenas. "Aqui em Beringel, vemos no sistema que a mesma pessoa já se responsabilizou 180 vezes e outra pessoa, outras 180. E não é só aqui", nota. "Sou coordenador da Associação Nacional de Freguesias (ANAFRE) no distrito de Beja, represento 75 freguesias, e ainda há pouco tempo levantámos esta questão. Venham cá fiscalizar, saiam dos gabinetes e venham ver a realidade."

Apoio "Nem que se levantasse um muro, continuavam a entrar pessoas, todos os dias", diz Madalena Palma, da Estar, associação sem fins lucrativos

o patrão deixou de poder contactá-lo e ele caiu na rua.

Em Melilla, onde nasceu há 31 anos, Zakaria tanto era mecânico de automóveis como estucador. No Alentejo, onde chegou há três anos, trabalhou sempre no campo. Fala árabe, espanhol, francês e português, e já esteve imigrado na Bélgica, Holanda, Alemanha, Luxemburgo e França. "Saí de Marrocos há sete anos. Era um miúdo, queria conhecer o mundo", diz, com um sorriso.

Nessa noite, havemos de voltar a encontrá-lo, talvez já a caminho de "casa". Ultimamente, não tem poiso certo. Dorme ora na rua ora numa casa qualquer que encontre desabitada. "Podia usar a cama de um dos meus amigos que está numa herdade, mas não gosto de dividir quarto com cinco ou seis pessoas, é sempre uma grande confusão", já havia justificado.

Mas no Estórias é "Ziko", sempre prestável, quem ajuda a traduzir a nossa conversa com Rachid Boukarch. O marroquino, de 44 anos, conta que saiu de Errachidia em 2008 e andou um pouco por toda a Europa, a comercializar cristais e outras pedras de coleção, até entrar em Portugal no final do ano passado.

Há oito meses em Beja, Rachid chegou sem nada à Cáritas, ficando logo a aguardar processo de alojamento e refeição. "É muito organizado, mas teve azar", conta Margarida Canudo, assistente social. "Tem um processo na ACT, porque não lhe pagaram no último local onde trabalhou."

Quando o conhecemos, estava ainda a dormir na rua, imaginámos que abrigado num qualquer vão da cidade, mas bastou mostrar-nos um vídeo a fazer elevações na mata de frente para o parque de merendas da cidade para percebermos que pernoitava ali mesmo.

Vamos, então, até um pequeno bosque de casuarinas frondosas q.b., a uns passos do ginásio ao ar livre, onde vemos o saco-cama e o lençol para proteger dos mosquitos, mais o meio garrafão de água para usar após o treino. "Fui *boxeur*, sei como treinar é muito importante para a cabeça", diz, com um ar triste.

Como não nos impressionarmos com as vidas difíceis destes imigrantes que vêm à boleia da agricultura e estão a mudar para sempre o Alentejo? rruela@visao.pt

Pelas ruas de Beja Os bancos da cidade são ocupados por imigrantes, à espera do providencial telefonema de trabalho para mais uma jorna

50 ANOS COMO COMEÇOU O GONÇALVISMO

Há meio século, Vasco Gonçalves iniciava um dos mais polémicos e icónicos períodos da revolução portuguesa. Em 13 meses de poder, a sua aura "pop" foi do céu ao inferno e cunhou a expressão que melhor define o PREC: "gonçalvismo". Saiba como tudo aconteceu

— POR FILIPE LUÍS

LUÍS VASCONCELOS

No dia 5 de julho de 1974, o Conselho de Estado teve a sua primeira dramática reunião, depois do golpe militar que, a 25 de abril desse ano, tinha derrubado a ditadura de Américo Tomás e Marcelo Caetano. Em cima da mesa, uma proposta do I Governo Provisório, que pretendia alterar a Lei 3/74, nada mais, nada menos do que a lei constitucional que, provisoriamente, vigorava no País. O primeiro-ministro, Adelino da Palma Carlos, em acordo com o Presidente da República (que fora nomeado pela Junta de Salvação Nacional, o conselho militar que se formara no dia da Revolução dos Cravos), propunha mudar drasticamente as regras resultantes do programa do MFA. O documento dos capitães de abril preconizava eleições livres no prazo máximo de um ano, para a formação de uma Assembleia Constituinte. No ano seguinte, esta devia elaborar e aprovar a nova Constituição da República. Até lá, o País seria governado por um (ou mais, se fosse caso disso) governo provisório. Naquele dia de julho, porém, além de reforçar os poderes do primeiro-ministro, no quadro do Conselho de Ministros – o que foi aprovado, sem problemas –, Palma Carlos defendia uma eleição presidencial antes de haver nova Constituição, e logo para dali a uns meses (outubro de 1974). Ao mesmo tempo, aprovar-se-ia, em referendo, uma Constituição provisória. Seriam ainda suprimidos os órgãos Junta de Salvação Nacional e Conselho dos Chefes de Estado das Forças Armadas. Em dezembro, realizar-se-iam eleições autárquicas. E as eleições gerais, para a Assembleia Constituinte, só decorreriam lá para novembro de 1976 (em vez de abril de 1975) com uma nova Constituição apenas aprovada em 1977. Até lá, o Presidente eleito – supunha-se que Spínola, numa espécie de plebiscito – teria plenos poderes, numa solução gaulista... Mas sem o contrapeso de uma assembleia de deputados!

Os conselheiros ficaram boquiabertos, a olhar uns para os outros. Depois, uma larga maioria recusou liminarmente estas propostas, apesar dos votos favoráveis de Firmino Miguel (então coronel), Francisco Sá Carneiro e Vieira de Almeida. Em consequência, ainda sem terem completado dois meses de mandato, Palma Carlos e o I Governo Provisório demitiram-se. Para o lugar da chefia do novo executivo, foi escolhido (por influência do MFA) o então coronel Vasco Gonçalves, da ala esquerda do movimento e muito próximo do PCP. Começava ali o "gonçalvismo".

Spínola e Palma Carlos quiseram mudar as regras do jogo. Mas o tiro saiu-lhes pela culatra...

"O VELHO JÁ NÃO MANDA"

O chamado "gonçalvismo", que iniciou o seu ciclo revolucionário, portanto, há 50 anos, apenas conheceria o período áureo no "verão quente" de 1975, depois da guinada à esquerda ocorrida após a intentona de direita do 11 de março. A catadupa de ocupações, saneamentos e nacionalizações só ocorreria, de facto, em 1975, à medida que as relações entre a extrema-esquerda e o PCP, por um lado, e as forças moderadas, por outro, se iam deteriorando. Mas no verão de 1974, Vasco Gonçalves estava longe de ser um mero joguete do PCP: embora próximo de Álvaro Cunhal, ministro sem pasta do II Governo Provisório, Gonçalves sabia pensar pela própria cabeça e revelou mesmo um sentido democrático firme, ao pugnar pela efetiva realização de eleições, em abril do ano seguinte, já contra a vontade de setores mais radicalizados das Forças Armadas e do PCP. Mas a chamada "crise Palma

Contestação O PS liderava, nas ruas, a oposição às políticas gonçalvistas, em especial depois de ter abandonado o IV Governo Provisório

LUÍS VASCONCELOS

Carlos" – ou "golpe Palma Carlos", como preferiram chamar-lhe os comunistas... – saiu pela culatra aos seus ideólogos, a começar por António de Spínola, que seria obrigado a renunciar pouco mais de dois meses depois, na sequência da tentativa de golpe de direita do 28 de setembro. Spínola e Palma Carlos queriam impor a "ordem" no País, reprimir os excessos revolucionários e enveredar por uma descolonização controlada, resistindo ao máximo em conceder as inevitáveis independências. Tendo fracassado nos seus intentos, o País sofreu uma primeira viragem à esquerda, logo na constituição do II Governo Provisório (o primeiro chefiado por Vasco Gonçalves): com efeito, Sá Carneiro abandonou o governo (embora tenha permitido que o seu PPD continuasse representado, nomeadamente, por Magalhães Mota, outro dos ministros políticos, sem pasta). No primeiro executivo, a relação de forças era de nove ministros de esquerda e seis de direita; no segundo, esta relação passou para 12-4. No novo governo entraram, também, seis militares do MFA, o que refletia a súbita fragilidade do Presidente Spínola em contraste com a crescente influência da Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas. E, além de Vasco Gonçalves, também Álvaro Cunhal e o próprio MFA (Melo Antunes tornou-se igualmente ministro sem pasta) passaram a delinear a estratégia da descolonização, antes conduzida por Spínola e Mário Soares. É verdade que Soares se manteve como ministro dos Negócios Estrangeiros e continuou a negociar com os movimentos de libertação, mas era permanentemente ultrapassado pelos homens do MFA em Lisboa e no terreno, tendo depois, injustamente, ficado com o ferrete de ter sido o responsável pela "descolonização exemplar", uma expressão do próprio que acabaria por ser usada contra si. Poderia ter saído, como Sá Carneiro, mas ele concluíra que uma perda de influência sua potenciaria a força dos setores radicais; e tinha a perfeita noção de que a sua presença era decisiva para manter as democracias, e a então CEE, ao lado da revolução portuguesa e que só ele conseguiria desbloquear os empréstimos de que as depauperadas finanças nacionais necessitavam. Tudo isso era prioritário, relativamente às colónias.

Num episódio pouco conhecido, Soares foi enviado por Spínola para conferenciar com a Frelimo, de Samora Machel. Levava a incumbência de ganhar tempo e de falar em possíveis referendos. Com ele, seguia Otelo Saraiva de Carvalho, um antigo discípulo de Spínola, que este enviara para vigiar Soares, em quem o general do monóculo não confiava. Afinal, foi Otelo a "estragar" tudo: quando Soares tentava argumentar com os moçambicanos, o ideólogo do 25 de Abril interrompeu-o: "Senhor doutor, não vale a pena estarmos aqui com conversa de chacha; temos de dar a independência aos homens e mais nada." Aflito, o ministro dos Negócios Estrangeiros suspendeu as conversações para voltar a Lisboa, para consultas. Recebidos no Palácio de Belém, Soares e Otelo ouviram das boas, mas o principal visado pelo PR era o socialista. Foi então que Otelo interveio: "Ó meu general, fui eu que disse isto assim e assado, não foi aqui o dr. Soares..." O general, lívido e surpreso, expulsou ambos do palácio, apelidando-os de traidores. Cá fora, Otelo deu uma palmada nas costas do ministro: "O senhor doutor não se preocupe, que ali o velho já manda menos do que pensa..."

UM ELENCO DE LUXO

O gonçalvismo, antes de o ser, já o era. Vasco Gonçalves tomou posse a 18 de julho, mas antes disso já tinha sido aprovado, no dia 1, o diploma que previa o autogoverno das Forças Armadas – portanto, autónomas do poder civil. A 8 de julho, o decreto-ei 310/74 institui o Comando Operacional do Continente, o célebre COPCON, de Otelo Saraiva de Carvalho, que haveria de ser a autoridade armada máxima do País no ano e meio que se seguiu. E os decretos que nacionalizaram o Banco de Portugal e o Banco Nacional Ultramarino saíram a 13 de setembro, já com Vasco Gon-

UM MONUMENTO À ESPERA

A peça de homenagem a Vasco Gonçalves, da autoria de Siza Vieira, aguarda aval do executivo de Moedas

O monumento a Vasco Gonçalves jaz, inacabado, num armazém na região da Grande Lisboa. Assinada pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira, a peça de mármore de Estremoz, que representa uma figura humana, com os braços apontados ao céu, estava pronta para ser instalada, na Alameda Dom Afonso Henriques, em Lisboa, nos 50 anos do 25 de Abril. Mas, passados quase quatro meses, continua a aguardar "luz verde" da CML, depois de ter recebido o aval de Carlos Moedas. Porém, a oposição do CDS – parceiro da coligação Novos Tempos – terá feito o autarca recuar. "Compreendo a situação", diz, à VISÃO, Manuel Begonha, dirigente da Associação Conquistas da Revolução, que promete "insistir" no projeto "depois do verão". "Enviámos toda a documentação à câmara. O monumento é uma justa homenagem e uma prenda de Siza a Lisboa. Não faria sentido a cidade recusá-la. Esperamos poder instalá-lo até ao final do ano", refere.
— J.A.S

João Abel Manta já tinha feito o desenho da "aliança MFA-Povo", mas fez uma segunda versão para incluir o "companheiro Vasco"

çalves instalado no poder. A nacionalização geral da banca ocorreria apenas depois do 11 de março, mas a conclusão simplista de que esse foi um mero ato revolucionário choca com o facto de que, efetivamente, o Estado tinha de tomar medidas drásticas para mitigar o que se anunciava como uma fuga massiva de capitais...

Do II Governo Provisório fizeram parte nomes muito sonantes da incipiente democracia e cujos estatuto, qualidade e preparação, política e técnica, fazem corar de vergonha muitos dos governos do século XXI. Além dos já citados Mário Soares, Álvaro Cunhal, Melo Antunes e Magalhães Mota, encontramos nomes como Silva Lopes (Finanças), Vítor Alves (sem pasta), Firmino Miguel (Defesa), Almeida Santos (Coordenação Interterritorial), Costa Brás (Administração Interna), Salgado Zenha (Justiça), Rui Vilar (Economia), Vitorino Magalhães Godinho (Educação e Cultura), Maria de Lourdes Pintasilgo (Assuntos Sociais) ou Sanches Osório (Comunicação Social). Nas secretarias de Estado, entre outros, vamos encontrar Vítor Constâncio, Azevedo Coutinho, Nandim de Carvalho, José Torres Campos, José Vera Jardim, Mário Ruivo, Jorge Campinos, Nuno Portas, Gonçalo Ribeiro Telles, Prostes da Fonseca, Avelãs Nunes, Maria de Lurdes Belchior ou Pedro Coelho. Um elenco de que emergiram nomes de capital importância, nos anos seguintes, na política, nas empresas e no pensamento nacionais. Vasco Gonçalves viria a presidir quatro governos, o último dos quais já sem socialistas nem sociais-democratas.

ATÉ AO DISCURSO DE ALMADA

Por volta dos inícios de março de 1975, começou a circular em meios políticos e militares

Tomada de posse A 18 de julho de 1974, Vasco Gonçalves tomava posse, como primeiro-ministro, reconhecendo-se, entre outros, Mário Soares, Melo Antunes e o Presidente Costa Gomes.

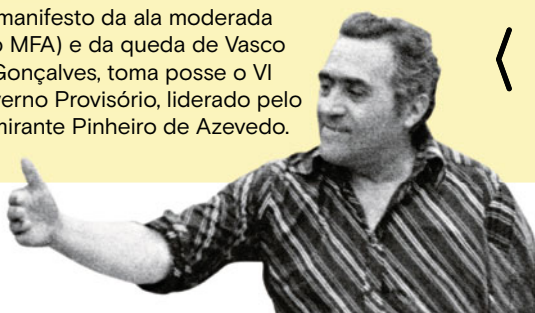
a existência de um projeto para uma alegada "matança da Páscoa", que seria perpetrada pelos revolucionários, contra as "forças da reação". Alegadamente, muitas figuras conotadas com a direita – e mesmo outras moderadas de centro ou centro-esquerda – seriam fuziladas. A ter existido, esta lista servia como isco para fazer sair da toca "a reação", obrigando a ala spinolista a dar o esperado primeiro passo em falso. Isso aconteceu, num golpe de opereta, filmado em direto pelas câmaras da RTP (imagens da RTP Memória disponíveis no YouTube). Um oficial golpista começa a parlamentar, no exterior da porta de armas do RALIS (Regimento de Artilharia de Lisboa, em Sacavém, à entrada da Autoestrada do Norte), com o seu comandante, o conhecido militar da esquerda revolucionária, Dinis de Almeida,

"Companheiro Vasco": quatro dos seis governos provisórios

O gonçalvismo começou há 50 anos e durou pouco mais de um ano. Mas ainda hoje é recordado como um dos períodos mais icónicos e polémicos da revolução portuguesa...

16 DE MAIO DE 1974
Toma posse o I Governo Provisório, liderado por Adelino da Palma Carlos.

18 DE JULHO DE 1974
Vasco Gonçalves chega ao poder e lidera o II Governo Provisório, o primeiro dos seus quatro executivos.

26 DE MARÇO DE 1975
Toma posse o IV Governo Provisório

8 DE AGOSTO DE 1975
Depois do abandono do PS, seguido do PPD, o IV Governo tinha caído. Toma posse o V Governo Provisório, o mais à esquerda até então.

19 DE SETEMBRO DE 1975
Depois do *Documento dos Nove* (manifesto da ala moderada do MFA) e da queda de Vasco Gonçalves, toma posse o VI Governo Provisório, liderado pelo almirante Pinheiro de Azevedo.

25 DE NOVEMBRO DE 1975
A extrema-esquerda militar movimenta tropas, mas as suas ações são anuladas pelos moderados. Acaba o período revolucionário.

D.R.

o "Fittipaldi das chaimites". Tudo perante o microfone do repórter Adelino Gomes, que se movimenta de um para outro dos protagonistas. Dinis de Almeida predispõe-se a lutar, "vamos a isso", mas quer saber porquê. E remata: "Quem dá ordens neste país é o Presidente da República, o primeiro-ministro, o Otelo Saraiva de Carvalho e o chefe de Estado Maior!" No final, os revoltosos – duas companhias de paraquedistas que alegavam ter ordens para ocupar o RALIS – declaram ter sido enganados e os militares há pouco antagonistas caem nos braços uns dos outros. Por essa altura, Spínola foge de helicóptero, em direção a Espanha. No seu lugar de Belém estava, desde outubro, o general Francisco da Costa Gomes, que manterá uma postura hesitante, para alguns, neutra, para outros, mas que será preponderante para garantir, a 25 de novembro, a vitória dos moderados e a normalização da jovem democracia portuguesa.

Vasco Gonçalves acompanha os acontecimentos, reforçando o seu alinhamento com o PCP, mas procurando manter o seu espaço. Com uma imagem "pop" peculiar, é celebrizado em desenhos de João Abel Manta e na música de Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo. Em 1975, regressado de uma reunião com os parceiros da NATO – Portugal já fora, entretanto, afastado do acesso a matérias confidenciais... – declara que o nosso país continua de alma e coração como membro de pleno direito da organização e que cumprirá todos os compromissos com a Aliança Atlântica. No 1º de Maio de 1975, declarara, discursando na tribuna do antigo estádio da FNAT, que, contra todos os boatos alarmistas, o MFA tinha garantido a promessa da realização de eleições (com a vitória, diga-se de passagem, das forças moderadas e a derrota das forças revolucionárias...). E acrescentou, confirmando a viragem na descolonização: "Foi ao vencer-se a crise Palma Carlos que se criaram condições para o reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação e à independência, facto que trouxe de imediato ao povo português e aos povos das antigas colónias o fim da guerra." Estava a ser fiel aos acontecimentos. Mas, no mesmo discurso, procurava estabelecer um rumo original para a revolução portuguesa: "A opção socialista é difícil de trilhar, pois há muitas vezes que conciliar o que parece inconciliável, desfazer contradições que parecem irredutíveis, arranjar unidade onde parece haver desunião. Temos de observar a nossa realidade, descobrir soluções originais. Na História, não há factos repetidos, e o nosso caso é único."

A 6 de outubro de 1974, um domingo, Vasco Gonçalves tinha desafiado o País a oferecer um dia de trabalho à Revolução. A generalidade dos trabalhadores aderiu a essa jornada de trabalho extra, intitulada "Batalha da Produção". Mas a 10 de junho de 1975, feriado nacional, quando quis repetir a iniciativa – era, agora, a vez da "Batalha da Produtividade" –, as praias do País encheram-se de banhistas. Era óbvio que a grande maioria do povo já não estava totalmente com "este" MFA e que a Aliança Povo-Vasco-MFA, celebrizada num icónico desenho de João Abel Manta, estava mesmo por um fio. Numa reunião do PCP em Alhandra, em agosto, Álvaro Cunhal decide que Vasco Gonçalves está gasto, já mais prejudica do que ajuda o PCP, e concorda deixá-lo cair. O canto do cisne do "companheiro Vasco" foi no célebre comício de Almada, a 18 desse mês, onde a sua perturbação mental e a sua falta de "estribeiras" políticas se tornavam evidentes. A revolução devora sempre os seus filhos. V visao@visao.pt

A ÚLTIMA ENTREVISTA

A última conversa com Vasco Gonçalves foi publicada na VISÃO, dois meses antes da sua morte

A 21 de abril de 2005, o general Vasco Gonçalves concedeu à VISÃO uma longa entrevista de vida, conduzida por José Carlos de Vasconcelos. A conversa haveria de ser a última, já que o "companheiro Vasco" morreria poucas semanas depois, a 11 de junho desse ano. Aos 84 anos, o homem que, decerto, mais dividiu opiniões em Portugal (e que, hoje, ainda continua a dividir) mantinha os traços discretos e modestos. A longa conversa decorreu na sala de estar da sua casa, num andar dos anos 50 da Avenida dos Estados Unidos da América, em Lisboa. Na ocasião, Vasco Gonçalves reviveu as três décadas que haviam passado, recordando o período que considerava ter sido "o mais alegre" da sua vida. Ao jornalista, afirmou que "o 'gonçalvismo' nunca existiu", não passando de "uma invenção dos que queriam contrariar o processo revolucionário". Considerou que, "em geral", o processo de nacionalizações e desmantelamento dos grandes grupos económicos "foi correto". Sublinhou nunca ter sido "um marxista radical" e queixou-se das "calúnias e mentiras" de que foi alvo ao longo dos anos. "Gostaria que me lembrassem como um patriota e um homem honrado que lutou pelo bem do povo português", disse. **— J.A.S**

28 DE SETEMBRO

Manifestação da Maioria Silenciosa é anulada. Fracassa a tentativa golpista do PR, António de Spínola, para reforçar o poder. Spínola renuncia ao cargo, pouco depois. É substituído por Costa Gomes.

1 DE OUTUBRO DE 1974

Toma posse o III Governo Provisório

11 DE MARÇO DE 1975

Alegado golpe da extrema-direita militar e política é derrotado pelas forças revolucionárias. A revolução sofre uma guinada à esquerda.

ANTÓNIO ARAÚJO

A historiografia ainda está dominada pelas fraturas que surgiram no pós-Revolução, lamenta o historiador e coordenador do livro de ensaios, a lançar em breve, sobre o Encontro dos Liberais, uma iniciativa organizada em julho de 1973, num momento em que a ditadura estava muito perto do fim

A história do 25 de Abril é muito ideológica. A narrativa dominante ainda é de esquerda

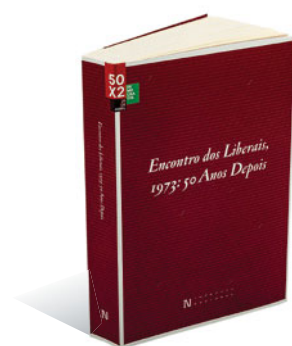
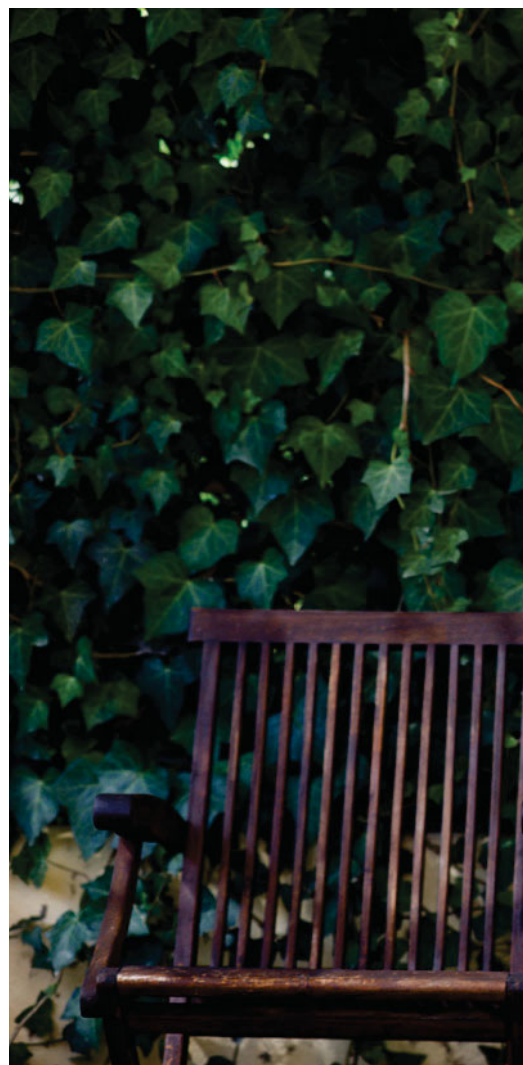
— **POR CLARA TEIXEIRA** TEXTO **MARCOS BORGA** FOTOS

Poucos meses antes do 25 de Abril, a elite liberal portuguesa reuniu-se em Lisboa para discutir a situação política do País. Nesse Encontro dos Liberais, assim chamado por ter sido organizado pelos deputados da Ala Liberal, Magalhães Mota e Tomás Oliveira Dias, e tido como participantes Francisco Balsemão, Marcelo Rebelo de Sousa e Maria de Lourdes Pintasilgo, emitiram um forte sinal do seu desencanto com o marcelismo, dando assim um contributo para a queda da ditadura. No âmbito das comemorações do meio século do 25 de Abril, vai ser lançada, no próximo dia 27, uma coletânea de ensaios coordenada pelo historiador António Araújo, intitulada *Encontro dos Liberais, 1973: 50 Anos Depois*. Nesta entrevista, António Araújo, o curador da obra, caracteriza o ambiente político e social desse tempo e descreve a Ala Liberal como uma "terceira força" ou uma "oposição semilegal" ao regime. A conversa estendeu-se a outros domínios, com Araújo a mostrar-se muito crítico da historiografia que, à esquerda, tenta "romantizar o PREC como um período de grandes conquistas", porque, à direita, há também quem queira "erguer o 25 de Novembro como um anti-25 de Abril".

O que este livro nos ensina sobre a Ala Liberal, um movimento que não era muito organizado nem unânime nas suas posições?

O Encontro dos Liberais tem lugar em 1973, um ano marcado por muitos acontecimentos. Logo no início, a Vigília da Capela do Rato provoca a renúncia ao mandato parlamentar de Francisco Sá Carneiro e de Miller Guerra, duas figuras tratadas neste livro. Depois, é revelado o caso [do massacre] de Wiriamu, continua a intensificar-se a luta armada, realiza-se o III Congresso da Oposição Democrática em Aveiro, são marcadas eleições legislativas para outubro e as forças da oposição, nomeadamente a CEUD, afeta ao PS, e a CDE, mais próxima do PCP e do MDP/CDE, procuram posicionar-se politicamente. O Encontro dos Liberais acontece em finais de julho e, de certa forma, tem como objetivo definir se os liberais, perante o desencanto com a Primavera Marcelista, deviam ou não ir a eleições. Todos estes acontecimentos são indícios do fim do regime, que já nem podia contar com quem tinha contado desde a primeira hora. Falamos dos deputados liberais, mas também dos tecnocratas, como João Salgueiro e outros, que entretanto tinham saído do governo. O que é curioso, no documento saído do Encontro dos Liberais [publicado no livro], é que nele se aborda a questão do Ultramar e faz-se uma crítica forte à Guerra Colonial, mas não tem uma posição favorável às independências ou às autodeterminações. De qualquer forma, não deixa de referir o ponto do Ultramar, que era o nó górdio do regime.

Mas quem eram exatamente os liberais?

O texto de Tiago Fernandes [sobre a atividade política dos liberais] mostra que a Ala Liberal era uma elite jovem, burguesa, oriunda de Lisboa e do Porto, ainda que com ramificações a Leiria ou a Coimbra, composta essencialmente por juristas e economistas com alguma autonomia em relação ao regime. No encontro, essa elite posicionou-se também em relação a tópicos como os direitos dos consumidores, as pequenas e médias empresas, o domínio dos grandes grupos económicos. Era uma linha de pensamento que começava a desenvolver-se com o apoio de duas outras entidades que nasceram nessa altura: a Sedes e o jornal *Expresso*. Apesar da censura e da repressão, que se intensificou com o estertor do regime, começou a haver um espaço público alternativo, nos jornais e em debates. Essa gente vai estar na

O LIVRO

Com prefácio da historiadora Maria Inácia Rezola, *Encontro dos Liberais, 1973: 50 Anos Depois* inclui textos de Tiago Fernandes, Rita Almeida de Carvalho, João Francisco Pereira, Ana Paula Pires, Joana Reis, José Pedro Castanheira e também de António Araújo, curador científico da obra. Esta coletânea de ensaios, resultante de uma parceria entre a Comissão Comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril e a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, estará à venda a partir de 27 de agosto.

< **Soares na Ala Liberal?** Teria sido "uma grande trapalhada", desconfia o historiador

génese do PPD/PSD ou do CDS. Foi aí que se formaram os quadros que ocuparam aquilo que hoje identificamos como centro-direita liberal, moderada, europeísta.

Até que ponto a realização do Encontro, numa época já de desencanto com o marcelismo, legitimou a participação dos liberais no pós-25 de Abril?

O encontro foi fundamental, da mesma maneira que os católicos progressistas foram fundamentais para que a Igreja Católica pudesse apresentar-se com algumas credenciais democráticas no pós-25 de Abril. Sem a Ala Liberal ou o *Expresso*, não teria existido o PPD como o conhecemos. Ao fazer prova de vida antes do 25 de Abril, esse espaço político de centro-direita, que na altura não se intitulava como tal – Sá Carneiro até tentou fazer a adesão do PPD à Internacional Socialista –, pôde afirmar-se no pós-25 de Abril, e isso foi fundamental para o equilíbrio do regime, sobretudo após o 25 de Novembro e a Constituição de 1976. Não foi por acaso que o PPD ficou em segundo lugar nas eleições para a Assembleia Constituinte em 1975, permitindo que o regime não se desequilibrasse excessivamente à esquerda. As pessoas da Ala Liberal não tinham credenciais de oposição violenta, nem de bombas nem de atentados, mas eram aquilo a que Tiago Fernandes chamou uma "oposição semilegal". A grande preocupação era o Estado de Direito, as liberdades fundamentais, a democracia.

> **Os liberais estão na génese do PPD/PSD ou do CDS. Foi aí que se formaram os quadros que ocuparam aquilo que hoje identificamos como centro--direita liberal, moderada, europeísta**

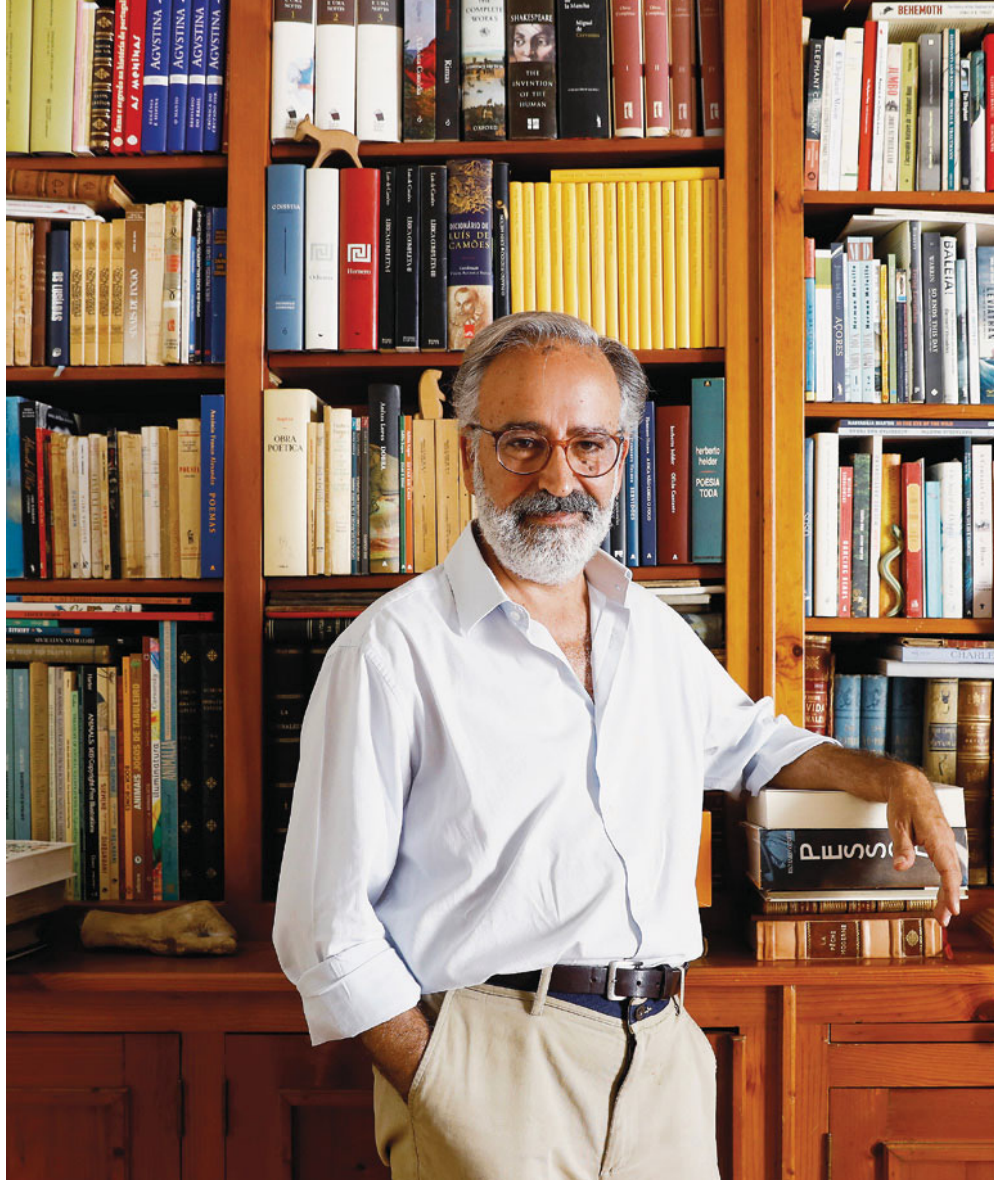
Queriam ser oposição, mas atuando dentro da legalidade?

Sim, notava-se muito a marca dos juristas. A oposição do PCP era marcadamente ideológica, baseada nas massas populares, no campesinato e no operariado, mas esta era uma oposição feita pelas elites e pelos juristas do regime, com o objetivo da liberalização através da abolição da censura, da formação de associações, da constituição a prazo de partidos políticos...

Os liberais eram uma espécie de terceira força entre o regime e a oposição?

Na altura falou-se de uma terceira força à procura de espaço entre o regime e a oposição, mais do PCP. Porém, enquanto o PCP era um partido estruturado, aqui nem sequer existia um partido ou uma associação. Era um grupo de personalidades com conforto e uma segurança, o que lhe permitia ter atividade oposicionista sem os riscos que corria um pobre camponês do Couço. Mas não havia um líder definido, sobretudo depois da morte de José Pedro Pinto Leite, o mais bonacheirão e carismático. Sá Carneiro tinha um feitio mais anguloso, mais de quebrar do que de torcer, mas não se pode dizer que fosse o líder da Ala Liberal, nem ele nem Miller Guerra. Também não havia uma sede onde se pudessem reunir. Sá Carneiro estava no Porto; Francisco Pinto Balsemão e Magalhães Mota, em Lisboa; Mota Amaral, nos Açores. Quando se sentam pela primeira vez no Parlamento, a seguir às eleições de 1969, alguns nem se conheciam. Não entraram como Ala Liberal; foram escolhidos um a um, e muitos tornaram-se oposicionistas ao regime.

Uma das curiosidades deste livro é o papel de José Guilherme de Melo e Castro, presidente da União Nacional, que, em 1969, escolheu, quase que por catálogo, os futuros deputados liberais. Três anos

antes, tinha pedido a Salazar que se retirasse de cena, num discurso comemorativo da ditadura militar...
... Foi um discurso particularmente corajoso. Um homem surpreendente.
Melo e Castro também convidou Mário Soares, mas este recusou. Como teria sido se tivesse aceitado?
Teria sido uma grande embrulhada. Não gosto muito da história virtual, mas vamos especular sobre o que teria acontecido se Soares tivesse pertencido à Ala Liberal. As suas relações com Sá Carneiro não eram fáceis e com Caetano eram péssimas. Marcelo Caetano era um professor de Direito muito rigoroso, muito exigente, e Mário Soares, como se sabe, não se distinguiu como aluno nem como jurista. Caetano desprezava-o desde logo como jurista. Por outro lado, Soares tinha entrado em rota de colisão com o regime. Quando regressa do exílio em São Tomé, lidera a contestação durante a visita do presidente do Conselho a Londres. Soares vinha de uma família de velhos republicanos, das campanhas de Norton de Matos e de Humberto Delgado, tinha mais antiguidade na luta contra o regime. Nenhum dos deputados liberais tinha estado preso, mas ele já havia estado exilado. Por isso, estaria entre os liberais como um peixe fora de água. O mais natural é que tivesse saído ao fim de pouco tempo, desencantado, para fundar o PS, e é improvável que tivesse sido líder dos liberais.
Mesmo assim, foi convidado para as listas da União Nacional, presumivelmente com o conhecimento de Marcelo Caetano...
Claro. Marcelo Caetano pensou fazer uma liberalização progressiva do regime, através dos tecnocratas que levou para o governo, como Rogério Martins, João Salgueiro, Xavier Pintado ou Silva Pinto, e dos liberais que integrou nas eleições de 1969. Melo e Castro não poderia ter decidido sozinho a composição das listas da União Nacional, até porque a tradição, desde o tempo de Salazar, assentava num escrutínio por parte do presidente do Conselho. A ideia acabou por não funcionar devido não só à pressão dos ultras do regime mas também por causa de dois acontecimentos: a revisão constitucional de 1971, que mostrou que o regime não ia tão depressa como a Ala Liberal queria, e a reeleição, em 1972, de Américo Tomás, que é um desencanto completo, e não estamos a falar apenas dos liberais.
Numa altura em que comemoramos os 50 anos do 25 de Abril, considera que há uma historiografia de esquerda e outra de direita, ou o que existe são historiadores de esquerda e outros de direita?
Acho que são as duas coisas. Quando há uma revolução, estabelece-se uma narrativa oficial, e tudo o que foge a essa pauta é logo tido como antirrevolucionário, para não dizer fascista. Depois, surge outra literatura revisionista. A história do 25 de Abril foi feita por um movimento editorial extraordinário, que surgiu logo a seguir à Revolução, mas, depois disso, os inimigos do 25 de Abril produziram a sua literatura. Estamos a falar de pessoas como Jaime Nogueira Pinto e de gente ligada às redes bombistas, que fez literatura antirrevolucionária...
Feita mais à base da memória e da ideologia dos protagonistas do que de um estudo científico?

Faz falta à historiografia um 25 de Novembro. Há um excesso de ideologia, e de interpretativismo, com base em poucos factos. Mas há ainda tanta coisa para saber sobre esse período

Comemorações
António Araújo antevê um "sobressalto" em 2025, quando se falar do 11 de Março e do 25 de Novembro

Sim, não se pode dizer que a literatura a seguir ao 25 de Abril fosse científica. Era literatura de intervenção política, como, por exemplo, *Portugal à Deriva* [ed. 1978], de José Miguel Júdice, ou *Portugal – Os Anos do Fim* [ed. 1976-1977], de Jaime Nogueira Pinto. Do outro lado estavam os protagonistas, como Manuel Duran Clemente [autor de *Elementos para a Compreensão do 25 de Novembro*, ed. 1976]. O choque que o País viveu refletiu-se na produção de textos de intervenção, que têm valor histórico como documentos, mas não são obras de investigação. Mais tarde, devido a iniciativas como as do Centro de Documentação 25 de Abril e a investigadoras como Maria Manuela Cruzeiro ou Maria Inácia Rezola, são entrevistados vários protagonistas, nomeadamente Melo Antunes, Costa Gomes, Vasco Gonçalves. Aí, já foram lançadas as bases para uma historiografia mais objetiva e científica do 25 de Abril. A narrativa dominante ainda é de esquerda, o que é compreensível. Menos compreensível é que muitas vezes se construam mitos. Há dias, discutia a história dos cravos com o meu amigo Jacinto Godinho, grande investigador, professor universitário e jornalista da RTP, alguém que conhece como poucos as imagens do 25 de Abril e que diz que, nesse dia, não encontra nenhuma fotografia ou filmagem com cravos. Só aparecem no dia 26 ou 27 de abril. Mas ai de quem diga que, no dia 25 de abril, não havia cravos, porque passa logo por fascista [*risos*].

Os cravos são o símbolo romântico da Revolução...
Exatamente. Uma vez escrevi que o dia estava chuvoso e nem imagina as críticas que recebi. No imaginário das pessoas, teria de ser um dia de sol radioso, mas não foi. Foi um dia chuvoso, como as imagens mostram. Há também uma historiografia de uma esquerda radical, que tenta romantizar o PREC como um período de grandes conquistas, que, depois, foi sufocado pelo 25 de Novembro e pelo retorno do capital, etc.

Refere-se a quem e a que obras?
As Raquéis Varelas, aos livros sobre as nacionalizações, em que o 25 de Novembro foi uma tragédia. Louvar as nacionalizações, as ocupações de terras, é um território pouco propício a um trabalho historiográfico sério, porque também há uma direita que quer erguer o 25 de Novembro como um anti-25 de Abril. O 25 de Novembro deve ser comemorado, mas não como um anti-25 de Abril, porque foi a concretização e o prolongamento do 25 de Abril. Só a partir do 25 de Novembro, e da correção dos excessos do PREC, é que foi possível lançar as bases para a paz, o pão, habitação, saúde... Só a partir daí é que tivemos estabilidade política. Não nos esqueçamos de que o País esteve à beira de uma guerra civil! Sá Carneiro pediu a Jorge Miranda uma mini-Constituição provisória, para o caso de ter de ser formado um governo no Norte, já para não falar das armas, da linha de fratura em Rio Maior. O Parlamento esteve cercado! São coisas que importa recordar, não para denegrir o 25 de Abril, mas para compreender o processo revolucionário no todo. Apesar de terem passado 50 anos, é triste que, em qualquer abordagem historiográfica, as pessoas ainda tentem saber se o historiador é de direita ou de esquerda. Não faz sentido, porque, quando alguém está a estudar a Idade Média ou o século XIX, não lhe vamos perguntar se é de esquerda ou de direita. A história do 25 de Abril ainda é muito ideológica...

Então ainda não é uma história fechada, acabada?
Devia ser. A Comissão das Comemorações dos 50 anos do 25 de Abril tem feito um esforço nesse sentido, mas a historiografia ainda está um bocadinho dominada pelas fraturas que surgiram no pós-25 de Abril, e é pena. No entanto, começa a haver terreno para se fazer uma verdadeira história do 25 de Abril, através da captação e do registo da memória e da história oral. Começa a haver coisas muito mais objetivas e plurais.

Se a história do 25 de Abril não está acabada, a do 25 de Novembro ainda menos o estará...
Há uma tendência, de uma certa direita, para celebrar o 25 de Novembro contra o 25 de Abril. É óbvio que o 25 de Novembro veio corrigir os excessos do PREC. Mas nos movimentos de extrema-direita e de direta radical, como o Chega, tende-se a politizar as comemorações do 25 de Novembro.

Isso preocupa-o?
É uma coisa que me entristece, porque é uma manipulação da História. Da mesma maneira que a esquerda radical começa a celebrar o PREC, a direita radical começa a celebrar o 25 de Novembro contra o 25 de Abril. De certo modo, faz falta um 25 de Novembro à historiografia [*risos*]. Há um excesso de ideologia, e de interpretativismo, com base em poucos factos. Mas há ainda tanta coisa por saber sobre esse período... Olhe, por exemplo, se houve mesmo cravos no dia 25 ou se só surgiram a 26 ou a 27 de abril.

O que ainda espera das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, que vão durar até 2026?
Não conheço ao pormenor o próximo programa, mas sei que vai, e muito bem, até à Constituição de 1976. Há várias pessoas que, lamentavelmente, morreram sem deixar memórias ou depoimento, mas acho que as comemorações vão ter um sobressalto curioso em 2025, que é quando se vai falar do 11 de Março e do 25 de Novembro. **V**

csteixeira@visao.pt

O CAMINHO DO BRONZE

A medalha de Patrícia Sampaio foi o corolário de uma aposta com quase uma década. Como o judo português descobriu o segredo para os seus atletas subirem ao pódio em três Jogos Olímpicos seguidos

— POR RUI TAVARES GUEDES

O movimento de corpo com que Patrícia Sampaio, já com o tempo a esgotar-se, conseguiu projetar e, dessa forma, vencer a japonesa Rika Takayama, no tapete do Champ de Mars, em Paris, garantiu a conquista de uma medalha de bronze histórica para a judoca, mas representou também o corolário de uma aposta e de um trabalho bem planeado, ao longo do tempo, no judo em Portugal.

O caminho para aquela que é apenas a 29º medalha olímpica do desporto português, em mais de um século de participações nos Jogos, começou, na verdade, a ser trilhado quase uma década antes, e passou pela remodelação da equipa técnica na seleção de judo, ao mesmo tempo que se reforçou a aposta na procura e na deteção de talentos promissores.

Corria o ano de 2015 e, apesar de o judo ter sempre comitivas com um número razoável de atletas (à nossa escala) nos Jogos Olímpicos, alguns deles até com títulos importantes conquistados em campeonatos do mundo e da Europa, como sucedeu com João Neto e Telma Monteiro em Pequim 2008, os resultados teimavam em não aparecer. A medalha de bronze ganha por Nuno Delgado, nos Jogos de Sydney 2000, continuava a ser única do judo português e, ao fim de uma década e meia "em branco", existia já algum desalento e insatisfação por não se ver novamente um português a subir ao pódio. Era preciso mudar qualquer coisa, tentar fazer algo de maneira diferente.

Iniciou-se, então, um novo ciclo assente em dois vetores: procurar obter resultados imediatos – para afogar o desânimo e fazer impulsionar a modalidade – e, em simultâneo, começar a preparar o futuro, criando uma base de seleção nacional mais alargada, através da chamada de jovens promissores para a integrar.

"A Patrícia Sampaio foi pioneira nesse processo", recorda Nuno Delgado, que acompanhou de perto essa pequena revolução na atitude e nos métodos do judo português.

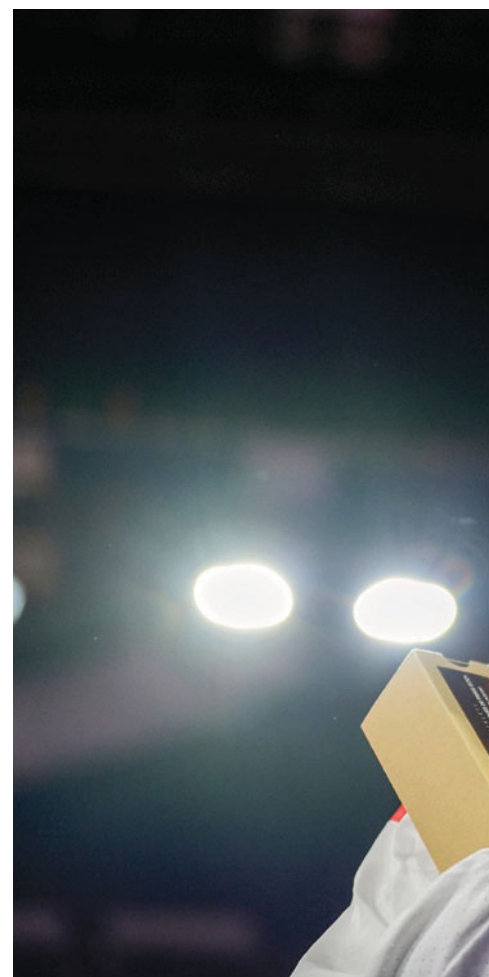
APOSTAR NO FUTURO

Nesse início de caminhada, Patrícia foi uma das primeiras jovens promessas a serem convidadas para se mudarem para o Centro de Alto Rendimento do Jamor e, dessa forma, integrarem os treinos da nova Seleção Nacional de Judo. "Ela tinha apenas 16 anos e, na altura, não foi imediatamente claro que os seus pais a autorizassem a mudar-se para Lisboa e a apostar tanto na carreira desportiva", explica ainda Nuno Delgado.

Nos primeiros tempos na capital, o então único judoca português com uma medalha olímpica foi designado tutor da menor Patrícia Sampaio, que vivia no Jamor, treinava todos os dias no Estádio Universitário de Lisboa e estudava na escola de Linda-a-Velha, que foi uma das primeiras a ter uma unidade de apoio ao alto rendimento, permitindo aos atletas jovens conciliarem o desporto com os estudos.

"Nessa altura, conseguimos encontrar uma fórmula aceitável para todos, que se mantém ainda intacta hoje e que se revelou crucial para o desenvolvimento da Patrícia", acrescenta ainda Nuno Delgado. "É a fórmula que permite que ela viva e treine em Lisboa, com as melhores judocas do País, mas continue a representar o seu clube, a Sociedade Filarmónica Gualdim Pais, de Tomar, onde é treinada pelo seu irmão, Igor Sampaio."

Em 2015, Patrícia Sampaio foi uma das primeiras jovens promessas a serem convidadas para se mudarem para o Centro de Alto Rendimento do Jamor

Patrícia Sampaio
Aos 25 anos, ganhou a quarta medalha do judo português

Nuno Delgado

SYDNEY 2000

O primeiro judoca português a subir ao pódio olímpico, na categoria de -81 kg, em que se tinha sagrado campeão europeu no ano anterior. Recebeu a medalha de bronze, que era então a 16.ª medalha olímpica portuguesa da história, das mãos de Fernando Lima Bello, membro do Comité Olímpico Internacional

HUGO DELGADO/LUSA

Telma Monteiro

RIO 2016
Na sua quarta participação olímpica, depois da estreia promissora em Atenas 2004 e das desilusões em Pequim 2008 e Londres 2012, conseguiu finalmente a medalha mais desejada, na categoria de -57 kg, a juntar aos seis títulos de campeã da Europa e quatro de vice-campeã mundial, entre outros.

Jorge Fonseca

TÓQUIO 2020
Campeão mundial em 2019 e em 2021, foi o terceiro medalhado olímpico do judo, nuns Jogos marcados pela pandemia (e que, por isso, decorreram em 2021...), conquistando o bronze na categoria de -100 kg. Esteve agora em Paris, mas foi eliminado nos oitavos de final. Ambiciona estar, dentro de quatro anos, em Los Angeles 2028.

Dessa forma ficou assegurada a estabilidade psicológica da jovem atleta e foram criadas as condições para que ela pudesse progredir, num ambiente de grande exigência competitiva, mas também com acesso a estágios no estrangeiro, nomeadamente no Japão, com os melhores atletas do mundo. Essa é, aliás, umas das características que distinguem esta modalidade em relação à maioria dos outros desportos: no judo os atletas, mesmo de diferentes países, estão habituados a treinar uns contra os outros, nos estágios que se vão realizando, e em que se reúnem os melhores do mundo, os quais depois voltam a encontrar-se em competição.

Porque foi, há quase uma década, Patrícia uma das escolhidas para este novo ciclo, juntamente com, por exemplo, Maria Siderot? "Conheço a Patrícia desde que ela tinha 10 anos", responde Nuno Delgado. "Já nessa altura ela dava nas vistas porque era muito grande, o que não é muito habitual em Portugal. De início, era até um bocadinho trapalhona, mas já mostrava uma grande resiliência, a mesma que demonstrou agora nos combates decisivos em Paris. Ou seja, ficámos logo com ela debaixo de olho. Depois, em 2015, quando surgiu a oportunidade e precisávamos de escolher alguém com a sua categoria de peso, ela já estava identificada", esclarece.

DAR O EXEMPLO

No entanto, para assegurar o futuro de qualquer modalidade ou desporto é preciso que existam campeões de referência, que possam galvanizar os mais jovens a seguir o seu exemplo. Foi por isso que o plano de 2015 incluía um outro vetor fundamental: obter resultados imediatos. Explicado de outra forma: proporcionar a Telma Monteiro, antes dos Jogos Olímpicos do Rio 2016, todas as condições para ela poder chegar às medalhas.

A aposta foi bem-sucedida, mas exigiu um esforço coordenado e até um forte investimento financeiro. Ao longo da preparação, apesar de continuar integrada na equipa nacional e no seu famoso "espírito de grupo", Telma Monteiro beneficiou do acompanhamento em exclusivo do treinador japonês Go Tsunoda, um mestre da modalidade, com créditos firmados em Espanha e também na seleção olímpica feminina britânica. Depois, em vez de permanecer na confusão da Aldeia Olímpica, a judoca ficou hospedada

OPINIÃO

A gestão de expectativas e o desenvolvimento da cultura desportiva

Tiago Venâncio

— Atleta Olímpico (Atenas 2004, Pequim 2008 e Londres 2012). Doutorando em Ciências do Desporto. Embaixador para a Ética no Desporto

Há uma tendência para criar heróis nacionais e esperar resultados extraordiná-rios, mesmo quando as condições de preparação não são ideais, e este descompasso gera frustração e críticas acirradas quando os resultados não correspondem às expectativas inflacionadas

Os Jogos Olímpicos representam o auge da competição desportiva global, onde atletas de todo o mundo competem pelo prestígio de se tornarem os melhores nas suas modalidades. A participação de Portugal conta com muitos momentos e feitos históricos, mas enfrenta ainda alguns desafios, sobretudo no que diz respeito à gestão de expectativas e ao desenvolvimento de uma cultura desportiva robusta.

Enquanto atleta português, o sonho de uma experiência olímpica implica mais do que uma superação pessoal. Ao mesmo tempo que treinamos incansavelmente para alcançar os mais elevados padrões internacionais, carregamos aos ombros as expectativas de um país que não nos oferece as infraestruturas e os recursos correspondentes. Este ambiente de pressão pode ser tanto um motor de motivação quanto um fardo pesado, e acaba por moldar a nossa cultura desportiva.

Por um lado, inspira-nos a dar o nosso melhor, a buscar a excelência e a representar Portugal com orgulho. Por outro, a falta de investimento e de apoio adequado pode minar o nosso moral e limitar o nosso potencial. Assim, a nossa experiência olímpica reflete as dualidades do desporto português, onde o espírito de resiliência se confronta com as adversidades estruturais, e influencia, de forma complexa, a cultura desportiva dos portugueses.

A gestão das expectativas é uma componente crucial na preparação para os Jogos Olímpicos. Para os atletas, a pressão para atingir o sucesso pode ser avassaladora. O sistema desportivo em Portugal, frequentemente, não oferece os recursos necessários para uma competição em pé de igualdade com os adversários internacionais, desde a falta de instalações de treino adequadas à insuficiência de apoio financeiro, entre outros. Para o público e os média nacionais, as expectativas muitas vezes não estão alinhadas com a realidade. Há uma tendência para criar heróis nacionais e esperar resultados extraordinários, mesmo quando as condições de preparação não são ideais, e este descompasso gera frustração e críticas acirradas quando os resultados não correspondem às expectativas inflacionadas.

Mas a cultura desportiva de um país não se faz só de sucessos. Há que olhar também para a forma como lida com os seus insucessos, falhas e derrotas. Em Portugal, o foco nos resultados imediatos tem, por vezes, obscurecido a importância do desenvolvimento a longo prazo. A pressão para obter medalhas pode desmotivar tanto atletas quanto treinadores, que frequentemente se veem em contextos de trabalhos precários e com recursos limitados.

No entanto, há aspetos positivos a destacar. O esforço e a dedicação dos atletas olímpicos portugueses são uma fonte de inspiração para muitos jovens. As histórias de superação pessoal e o espírito de resiliência demonstrados por estes atletas contribuem para uma mentalidade de persistência e trabalho árduo. Além disso, a atenção mediática durante os Jogos Olímpicos oferece uma plataforma para discutir e promover a importância do desporto e da atividade física na sociedade portuguesa.

Para melhorar a experiência do desporto olímpico em Portugal, há que enfrentar e minimizar os desafios estruturais que limitam o desempenho dos atletas,

implementando soluções a vários níveis. O investimento consistente e a longo prazo em instalações desportivas modernas e acessíveis é crucial para assegurar locais de treino ao nível dos melhores do mundo, bem como o aumento do financiamento para programas desportivos de apoio direto aos atletas, para federações e clubes desportivos. A implementação de programas de formação para treinadores e técnicos desportivos promove o acesso a orientação de alta qualidade, sem nunca esquecer o reforço do apoio psicológico e médico para garantir que os atletas estejam preparados tanto física quanto mentalmente.

A criação de políticas públicas que promovam a prática desportiva desde a infância também permite incentivar uma cultura de participação e de valorização do desporto, as quais podem incluir programas escolares, comunitários e iniciativas de base.

A realidade olímpica portuguesa é, assim, um reflexo das forças e fraquezas estruturais do País. A gestão das expectativas, por parte dos atletas e do público, desempenha um papel significativo na forma como o desporto é percecionado e valorizado. Embora existam desafios consideráveis, as histórias de sucesso e o potencial para melhorias estruturais apontam para um futuro promissor. Ao abordar as necessidades dos atletas de forma holística e ao promover uma cultura desportiva mais sustentada, Portugal pode não só melhorar o seu desempenho olímpico, mas também reforçar a importância do desporto na formação de uma sociedade mais saudável e coesa. V visao@visao.pt

num apartamento, nas imediações do local de competição, com a sua equipa mais próxima.

"Embora todos os atletas tenham tido condições acima da média, em termos de estágios e participações em competições internacionais, no caso da Telma houve uma aposta maior, compreendida por todos, no sentido de poder oferecer-lhe tudo aquilo de que ela necessitasse para a sua preparação", recorda ainda Nuno Delgado. "O seu talento, a sua dedicação, a sua capacidade de superação justificavam esse investimento."

"Para ganhar medalhas nos Jogos Olímpicos não basta treinar muito. Isso todos fazem. É preciso fornecer todas as ferramentas necessárias, investir em todos os fatores do treino", lembra ainda Delgado. "Eu, por exemplo, prescindi da minha credencial olímpica nos Jogos do Rio para dar o meu lugar à parceira de treino da Telma, de modo a que ela pudesse treinar nas melhores condições possíveis."

CRESCIMENTO SUSTENTADO

O plano de 2015 tem dado frutos, mesmo depois de uma pandemia e de um período conturbado no seio da Federação de Judo. A verdade é que, desde então, a modalidade tem ganhado medalhas em todos os Jogos Olímpicos e engrossado o número de atletas federados: dos cerca de 12 mil que existiam há uma década, passou-se para valores próximos dos 20 mil. E quando se olha para os números disponibilizados nos relatórios da federação, também se percebe um crescimento de clubes e de treinadores.

Pelo meio, contam-se ainda diversas medalhas em campeonatos mundiais e europeus de vários escalões, desde os cadetes até aos seniores. E a própria representação da comitiva portuguesa em Jogos Olímpicos sofreu uma alteração significativa: passou a ser mais numerosa e com as atletas femininas em clara maioria. "Isso é fruto do efeito Telma no judo português, há mais raparigas a quererem praticar e a quererem seguir o seu exemplo", diz Nuno Delgado. Em Paris 2024, estiveram presentes apenas dois atletas masculinos e cinco judocas femininas (que poderiam ter sido seis, se não fosse a lesão de Telma Monteiro que lhe estragou as possibilidades de qualificação).

O judo beneficia de uma particularidade quase única: a de não ser só um desporto, mas também uma filosofia de vida

AMBICIONAR O OURO

No entanto, se a estratégia resultou em três medalhas de bronze, Nuno Delgado considera que, a partir de agora, a ambição deve ser maior. "Nós valemos mais do que isso. Temos de continuar o bom trabalho, mas começar a lutar pelas medalhas de ouro."

Para isso, o judoca considera que há um passo fundamental que precisa de ser dado: a criação de uma Casa do Judo, um centro de alto rendimento completamente focado na modalidade, com condições que permitam a presença de mais atletas e até a de outras seleções estrangeiras a fazerem estágios conjuntos. "Com as limitações financeiras que temos, quando vamos de estágio para o Japão só conseguimos levar os melhores atletas. Assim, as segundas figuras ficam sem hipótese de progredir. Com uma Casa do Judo em Portugal podíamos beneficiar da nossa localização geográfica e reunir, com alguma periodicidade, seleções da América do Sul e de África, onde já há judo de grande qualidade. Tudo isso nos ajudaria a crescer", considera Nuno Delgado.

Enquanto esse futuro não chega, o judo vai beneficiando de uma particularidade quase única: a de não ser só um desporto, mas também uma filosofia de vida. O que permite, por exemplo, que muitos dos judocas olímpicos portugueses continuem ligados à modalidade, mesmo depois de retirados da competição, quer como treinadores, quer a dar aulas, quer com os seus próprios clubes. É essa a base que permite o alargamento do número de praticantes. Depois, com boa deteção de talentos e bons exemplos a seguir, as medalhas olímpicas deixam de ser uma miragem. Como provou agora Patrícia Sampaio, em Paris, a nova heroína do desporto português, que não esconde o amor pela modalidade que pratica, como se percebe pelo nome que escolheu, há muito tempo, para a sua conta de Instagram: sampaiolovesjudo. Não poderia ser mais apropriado. V rguedes@visao.pt

O PRESIDENTE E A RAINHA

Como um francês, treinado por um americano, e uma americana, treinada por um casal francês, dominaram as atenções nos Jogos Olímpicos

Depois de ter concluído a sua participação nos Jogos Olímpicos, com quatro medalhas de ouro em provas individuais e uma de bronze numa coletiva, o nadador francês Léon Marchand foi recebido, na segunda-feira, 5, como uma verdadeira estrela no imenso Club France, onde se reúnem os adeptos gauleses no parque de la Villete, às portas de Paris. E os gritos que ouviu, entoados por milhares, não podiam ser mais significativos acerca da adoração de que é alvo bem como do momento político francês: "Léon, Presidente!"

O entusiasmo é mais do que justificado face à proeza alcançada pelo jovem nadador que, em todas as provas, se mostrou imune à pressão que carregava aos ombros, depois de ter assumido o desafio de repetir as proezas lendárias de Mark Spitz e Michael Phelps, os únicos que ganharam quatro títulos individuais numa edição dos Jogos Olímpicos.

O êxito do novo herói do desporto francês, filho de dois nadadores olímpicos e que foi a grande figura da primeira semana de Paris 2024, tem também uma outra marca lendária: a do treinador americano Bob Bowman, o homem responsável por toda a carreira de Phelps e que, desde agosto de 2021, aceitou tentar fazer o mesmo com Marchand.

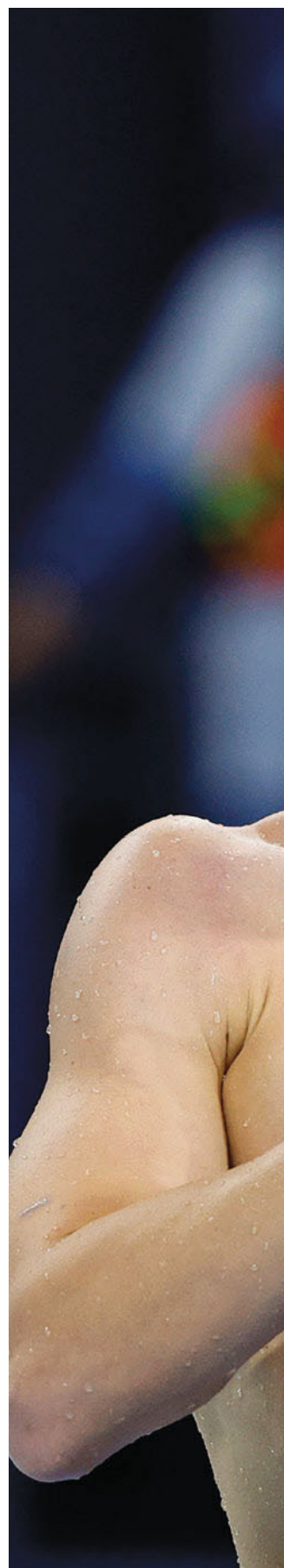
O encontro entre os dois ocorreu da forma mais simples, mas também mais inesperada: Léon, então com apenas 18 anos, foi ao computador e enviou um email a Bowman a perguntar-lhe se poderia aceitá-lo na sua equipa, na Universidade do Arizona. O treinador ficou surpreendido com a proposta, mas aceitou o desafio. E, embora só mais tarde o tenha admitido, logo nos primeiros treinos começou a ver algumas semelhanças entre o francês e Michael Phelps, não só na rapidez com que se movia dentro de água, mas acima de tudo na atitude que demonstrava em cada treino, sempre a procurar fazer melhor e com uma concentração total.

Esse foco ficou demonstrado na piscina da Arena La Defense em Paris. Em especial, no dia 31 de julho, quando ganhou uma final muito renhida dos 200 metros mariposa e, apenas duas horas depois, repetiu o feito nos 200 metros bruços. E em ambos os casos estabeleceu novos recordes olímpicos. Perante essa demonstração de superioridade, Michael Phelps exclamou que tinha acabado de assistir a uma das maiores proezas da história da natação.

RAINHA E REVOLUCIONÁRIA

Se o "Presidente" Léon Marchand pode continuar a sua epopeia olímpica daqui a quatro anos em Los Angeles, já a rainha da ginástica, a norte-americana Simone Biles, terá encerrado, em Paris, aos 27 anos, com mais quatro medalhas, uma carreira sem par, como a mais medalhada da história: 11 medalhas olímpicas e 30 em campeonatos mundiais – a maioria delas de ouro.

No entanto, se os seus números são impressionantes, a sua maior contribuição foi a autêntica revolução que gerou no desporto. E fê-lo através dos muitos exercícios que

Simone Biles revolucionou a ginástica artística feminina, mas também o próprio desporto, em relação à saúde mental

Léon Marchand
O primeiro francês a ganhar quatro medalhas de ouro nuns Jogos Olímpicos

Simone Biles
A melhor ginasta de todos os tempos voltou a encantar nos Olímpicos

FRANCK ROBICHON/LUSA

criou e aperfeiçoou na ginástica artística, mas também na atitude com que encarou as competições. Graças ao seu exemplo, em que não escondia o sorriso nem os sinais de afeto para com as colegas de equipa e até para com as adversárias, as ginastas deixaram de ter a imagem das meninas robotizadas, sempre de olhar compenetrado e a quem não era permitido exibir qualquer sinal de alegria.

Finalmente, Simone Biles protagonizou outra revolução no desporto, quando abandonou a competição, nos Jogos de Tóquio, e alertou o mundo, com essa atitude, para o problema da saúde mental na alta competição.

Nos Jogos de Paris ela foi, novamente, uma das principais figuras das provas, exibindo todos os atributos que a tornaram a ginasta mais admirada do mundo, mas também revelando a sua faceta descontraída, na forma como reagiu aos falhanços nas provas individuais por aparelhos e soube ceder, com elegância, o trono dos exercícios no solo à brasileira Rebeca Andrade.

E se Marchand alcançou a glória com um treinador americano, com Simone Biles deu-se o inverso: Cécile e Laurent Landi, dois ex-ginastas franceses, são o casal responsável pelo acompanhamento diário da ginasta, há sete anos, e tiveram um papel fundamental na sua recuperação, depois da depressão em Tóquio. Conhecidos pela forma aberta com que gostam de treinar os atletas, sem a postura de rigidez que fez escolas, durante décadas, nos países da Europa de Leste, os Landi ajudaram Simone a recuperar o sorriso. E a voltar ser coroada rainha dos Olímpicos.

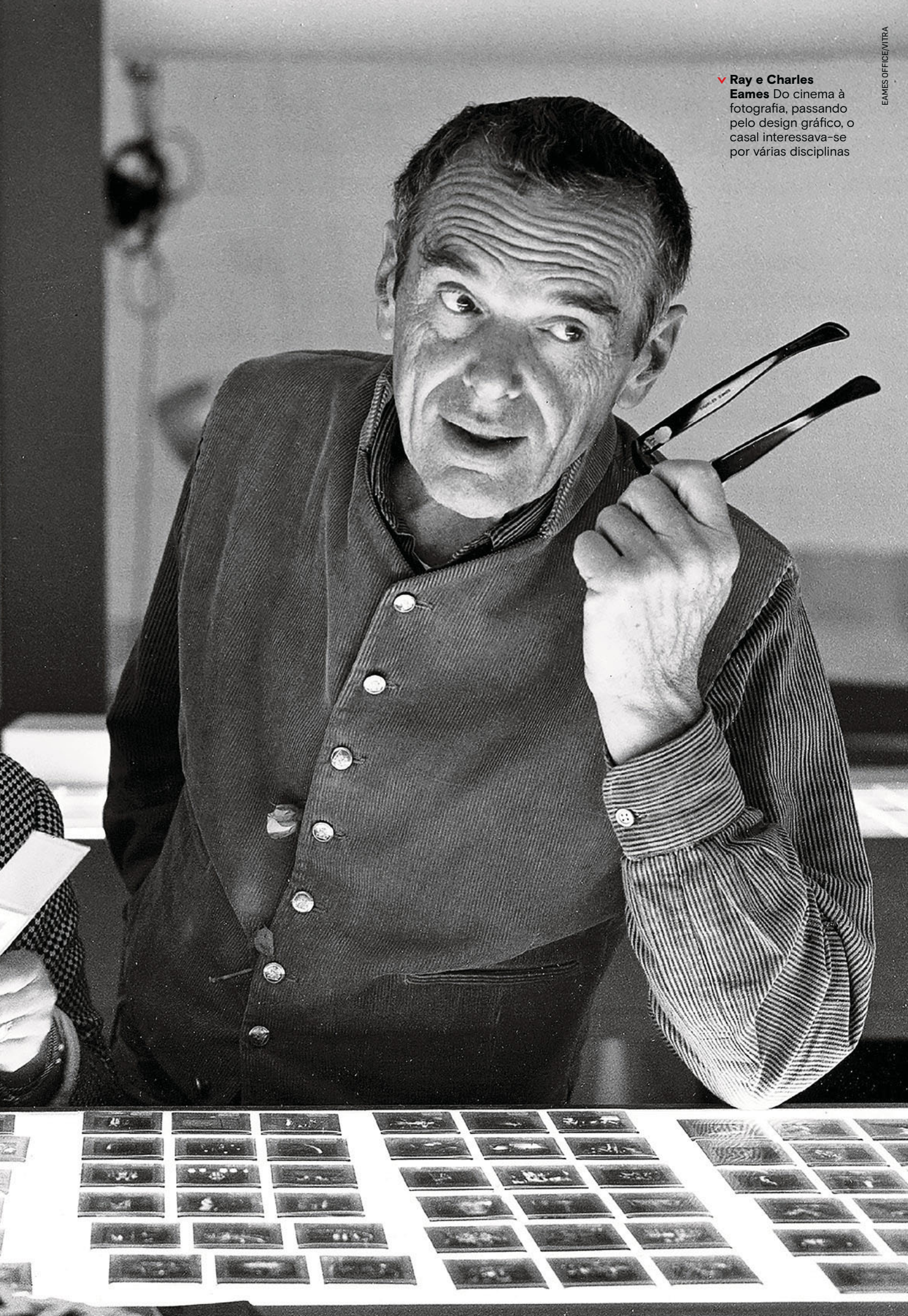
— **R.T.G.** V visao@visao.pt

O DESIGN E A ALEGRIA DE VIVER

Para Charles e Ray Eames, o trabalho era indissociável da vida. Partilhavam ideias, uma maneira de criar, um certo olhar sobre o mundo. O seu apelido está associado ao desenho de algumas das mais célebres peças de mobiliário do século XX, embora, para eles, a função fosse mais importante

— POR SARA BELO LUÍS, EM WEIL AM RHEIN

Ray e Charles Eames Do cinema à fotografia, passando pelo design gráfico, o casal interessava-se por várias disciplinas

EAMES OFFICE/VITRA

Indústria O atelier de Charles e de Ray Eames – conhecido por 901 – trabalhou continuamente durante quatro décadas. Hoje, as suas peças são produzidas pela Vitra (na Europa) e pela Herman Miller (nos EUA)

Mesmo que, muitas vezes, o papel das mulheres continue a ser relegado para segundo plano, a História está cheia de casais de artistas que trabalharam em conjunto. No caso de Charles e de Ray Eames, o preconceito é tal que já houve até quem achasse tratar-se de dois irmãos... Cada um tinha o seu estilo e, por isso, a dupla funcionava na perfeição. Charles adorava edifícios modernistas, linhas despojadas *à la* Frank Lloyd Wright, e tinha a cabeça orientada para as grandes ideias. Ray, por sua vez, estava sempre atenta aos pormenores, cuidava deles, além de ter um apurado sentido da diversão, a noção do impacto da cor.

Mal se casaram, Charles e Ray mudaram-se para a Costa Oeste dos EUA. Na noite de Natal de 1949, foram estrear uma casa – uma casa especial que, hoje, é monumento nacional e acolhe milhares de visitantes por ano. Situada em Pacific Palisades, nos arredores de Los Angeles, EUA, a Eames House é, porventura, o maior exemplo da atitude do casal Eames em relação à vida e ao design.

Começou por ser pensada como uma caixa de sapatos, já alguém observou, simples e austera. Foi construída como um enorme bloco de vidro e aço, rodeado de eucaliptos, com vista para o oceano Pacífico. Depois, Ray coloriu-a ao ponto de, por fora, dizerem que se assemelhava a uma composição do pintor holandês Piet Mondrian. Por dentro, Ray também a encheu de peças peculiares, mil e um brinquedos, pequenos objetos de que gostava – com a *joie de vivre* própria de um gabinete de curiosidades.

Na Eames House, os pormenores foram de tal maneira trabalhados (e subvertidos) que Ray chegou a pendurar alguns quadros no teto: assim, quando se deitavam no chão, os convidados podiam admirá-los plenamente. Demetrios Eames, o neto que atualmente se ocupa da preservação do legado do casal Eames, recorda-se bem do ambiente que se vivia na casa das Pacific Palisades. "Fez parte do meu crescimento", conta à VISÃO, no campus da Vitra, em Weil am Rhein, no Sul da Alemanha, perto de Basileia.

"ANTECIPAR AS NECESSIDADES DOS CLIENTES"

Falamos de arte e, no entanto, não é exatamente de arte de que deveríamos falar. Não esqueçamos que a II Guerra Mundial tinha terminado há pouco e, pelo menos nos Estados Unidos da América, havia todo um novo modo de vida – o célebre *american way of life*, justamente – para implementar.

Nos arquivos da Vitra (que, com a Herman Miller, é uma das duas empresas que continuam a fabricar e a vender peças desenhadas pelos Eames), estão guardados muitos dos protótipos que nunca chegaram a ser produzidos. São "tentativas e erros" que permitem compreender o processo de trabalho do casal Eames, explica Stine Liv Buur, responsável pela secção de clássicos da Vitra. Afinal, a eterna pergunta no que diz respeito ao design: Charles e Ray privilegiavam a função em detrimento da forma? Responde Demetrios Eames: "A perspetiva deles era mais pôr o design a antecipar as necessidades dos clientes."

A verdade é que, uns anos antes, os Eames já haviam respondido às necessidades da guerra. Charles e Ray trabalharam para a Marinha norte-americana ainda antes de 1945: forneciam talas e macas para pernas. Tudo o que aprenderam sobre contraplacado durante esse processo aplicaram-no, depois, às peças que mais tarde desenharam e comercializaram através do atelier.

Com alguma ironia, Charles e Ray chamavam-se a si próprios "o arquiteto

Charles e Ray trabalharam para a Marinha norte-americana, antes de 1945: forneciam talas e macas para pernas

FOTOS: EAMES OFFICE/VITRA

"Eles não se viam como artistas"

Três perguntas a... Demetrios Eames, neto de Charles e de Ray Eames, diretor do Eames Office e autor de livros sobre o legado dos avós

Porque diz que a última coisa em que o casal Eames pensava era no aspeto das suas peças?
Parece incrível, mas, se olharmos para os seus modelos e protótipos, percebemos que era o caso. O primeiro desenho que eles faziam era sempre para definir como o tecido encaixava...
Nesse sentido, não eram "artistas"?
As pessoas chamavam-lhe artistas, mas eles não se viam enquanto tal. Na maior parte do tempo, estavam a desenhar para responder às necessidades dos outros. Essa era a sua abordagem. Esse era, na sua opinião, o papel do design.
O que significa, no seu entender, proteger o legado deles?
É sobretudo tratar do design e da casa [Eames House, em Los Angeles]. E isto significa certificarmo-nos de que compreendemos determinados valores e, inclusivamente, introduzirmos alguns elementos como, por exemplo, sustentabilidade.

e a artista". Mas, sem grandes dilemas e sobretudo com grande pragmatismo, Charles também tinha as respostas na ponta da língua: "Não fazemos arte; nós resolvemos problemas: como vamos do ponto em que estamos para o ponto em que queremos estar?" Para ele, o *works good* ("funciona bem") estava sempre à frente do *looks good* ("é bonito", numa tradução muito livre).

Nascido em 1907, em Saint Louis, no Missouri, Charles chegou a frequentar Arquitetura, na Universidade Washington. Não acabou o curso por, segundo reza a lenda, idolatrar Frank Lloyd Wright, que nessa altura ainda caía mal no gosto clássico de determinados professores. Charles resumiu o assunto de forma divertida: "Forças impõem ao jovem designer um sistema baseado numa fórmula estéril." Por influência do arquiteto finlandês Eero Saarinen, de quem era muito amigo, foi estudar para a Cranbrook Academy of Art. E foi aí que, enquanto professor, conheceu Ray.

Ray é diminutivo familiar. Nasceu Bernice Alexandra Kaiser, em 1912, em Sacramento, na Califórnia. Estudou Pintura em Nova Iorque, com o expressionista alemão Hans Hofmann. Apesar das voltas que a vida deu, nunca achou que tivesse desistido da pintura. "Só mudei a minha paleta", dizia. Como Charles, tinha uma enorme *joie de vivre*. Casaram-se em 1941, depois de Charles se divorciar da primeira mulher.

O neto costuma falar das cartas que Charles e Ray trocavam antes do casamento. "São uma das fontes mais importantes, ajudaram-me a entender quem eles eram", explica. Para Demetrios, os Eames tinham uma visão da vida que não era apenas "romântica",

“Joie de vivre” Nos arquivos da família Eames, estão guardadas fotografias que podem parecer despropositadas, mas que demonstram bem a alegria de viver do casal

O ILUSTRADOR, A CADEIRA E O GATO

Descrevia-se a si próprio como “o escritor que desenha”. Nascido na Roménia, **Saul Steinberg** (1914-1999) tornou-se um dos ilustradores mais conhecidos dos EUA, em particular, pelos trabalhos publicados na revista *The New Yorker* (começou a colaborar em outubro de 1941 e assinou a primeira capa em 1945). Em 1945, fixou-se em Nova Iorque, onde fez amizade com alguns dos nomes da arte norte-americana de então. Foi próximo dos Eames e, por isso, colaborou com o casal em algumas peças – de um nu numa banheira a uma cadeira com o seu célebre gato, da qual, recentemente, a Vitra produziu uma edição exclusiva de 300 exemplares. Chegou a Los Angeles em circunstâncias caricatas: contratado pela MGM para fazer de duplo em *O Americano em Paris*. “Fui contratado – ou, melhor, a minha mão foi contratada – para interpretar Gene Kelly a desenhar e a pintar. Mas Hollywood não era para mim”, contou, mais tarde, com sarcasmo. Aproveitou a estada para captar o ambiente da cidade da Costa Oeste. “Foi a primeira vez que vi uma cidade rodoviária, que serviria de modelo para o resto das nossas cidades. Los Angeles é a cidade vanguardista da paródia na arquitetura e até na Natureza (desfiladeiros e palmeiras). É difícil de desenhar, é uma armadilha, é como desenhar palhaços”, comentou.

D.R.

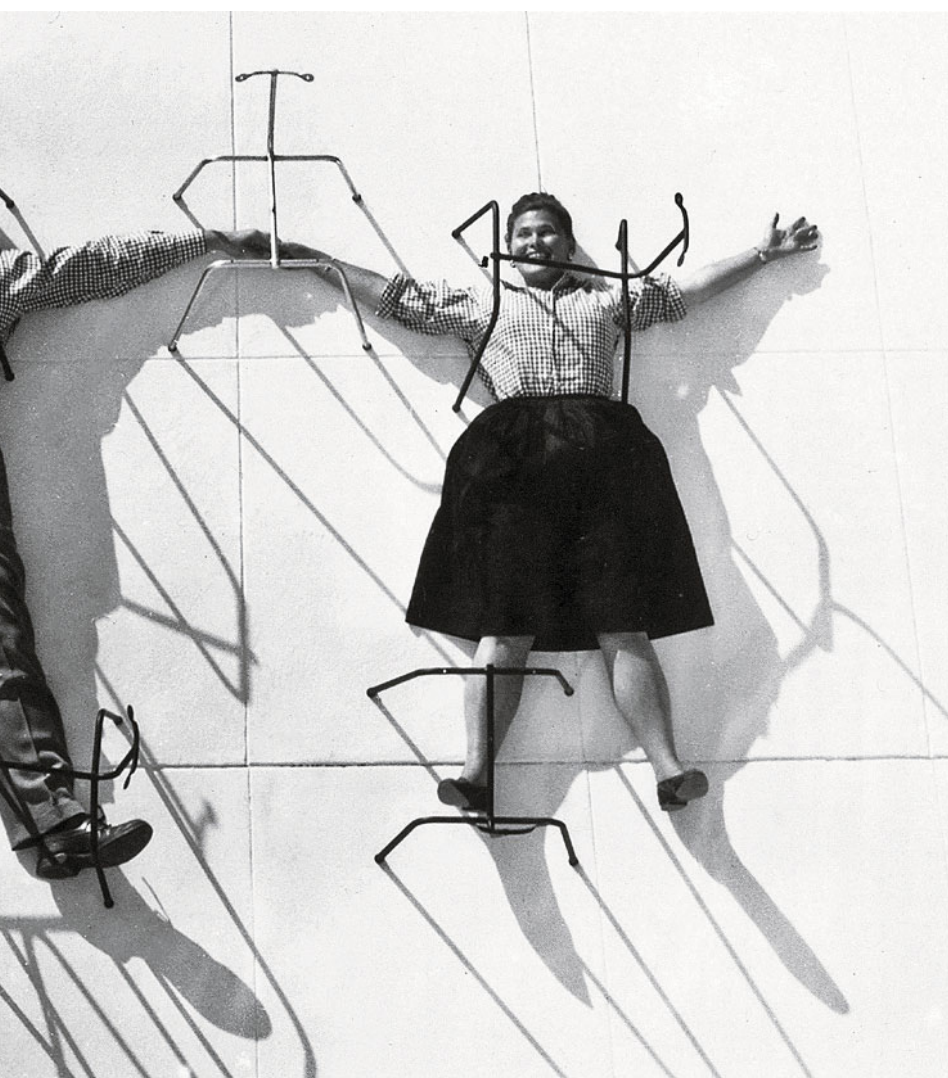
porque também envolvia trabalhar juntos – ou “talvez fosse extrarromântica por causa disso”, acrescenta.

A VIDA EM LOS ANGELES

De Venice Beach a Hollywood, a vida em Los Angeles era, nessa época, bastante intensa. E os Eames não só não se poupavam como tinham os radares bem ligados: estavam atentos e interessavam-se por tudo. Charles acabara de ter contacto com a vida cultural do México, onde passou oito meses a viver de pequenos biscates. Ray, por seu lado, conhecia meio mundo da pintura nova-iorquina, admirava Lee Krasner e Jackson Pollock. Ambos gostavam de cinema. Hollywood era um esplendor de luz e de energia, e eles travaram amizade com algumas figuras, entre as quais, o realizador Billy Wilder, para quem Charles Eames chegou a projetar uma casa (nunca foi construída).

Charles e Ray queriam experimentar os novos materiais, do contraplacado ao alumínio, passando pela fibra de vidro. Não era só a vida que era indissociável do trabalho, era a vida que devia ser levada com prazer. Ainda hoje, nos arquivos da família, existem fotografias que à primeira vista podem parecer despropositadas, mas que demonstram bem essa alegria: Charles, com um ramo de flores nas mãos, a galantear uma mulher desenhada numa cadeira por Saul Steinberg (*ver caixa* O ilustrador, a cadeira e o gato); Charles e Ray presos à parede com os suportes das cadeiras. Nota ao leitor: reproduzimos ambas as fotos no decurso destas páginas, porque não há palavras que substituam uma boa imagem...

Dessa *joie de vivre* vem também o interesse por brinquedos, enquanto colecionadores, mas também en-

PETER STACKPOLE/EAMES OFFICE

EAMES OFFICE/VITRA

Queriam experimentar todos os novos materiais, do contraplacado ao alumínio, passando pela fibra de vidro

quanto designers. Experimentaram ainda outras artes, sobretudo fotografia, cinema e design gráfico (alguns dos seus filmes estão disponíveis no YouTube). Gostavam de documentar tudo aquilo que criavam, explicar todo o processo e, de certa maneira, não se importavam que se vissem as costuras do que depois faziam chegar ao mercado. "Aprender fazendo" – era um dos seus lemas.

PLÁSTICO RECICLADO

O 901, como era conhecido o atelier Eames, na W. Washington Boulevard, em Los Angeles, trabalhou continuamente durante quatro décadas. Ao longo dos anos, passaram por lá alguns dos designers mais importantes: Don Albinson, Harry Bertoia, Annette del Zoppo, Peter Jon Pearce... No total, os Eames terão assinado cerca de 100 peças de mobiliário, sempre numa lógica de, a preços razoáveis, facilitar o dia a dia da classe média norte-americana. Algumas das peças ficaram na história do design do século XX, nomeadamente, a *Low Chair Wood* (de 1946, conhecida pelas siglas LCW e considerada pela revista *Time* como "a cadeira do século") e a *Lounge Chair and Ottoman* (de 1956).

Charles morreu a 21 de agosto de 1978; por uma triste coincidência, Ray morreu exatamente no mesmo dia, dez anos depois. Em 2004, Lucia, a única filha de Charles, nascida do primeiro casamento, haveria de criar uma fundação para preservar o legado. Hoje, a Vitra prepara-se para substituir todos os assentos das cadeiras Eames por plástico reciclado. Nada foi desvirtuado e, no fundo, como explica Demetrios Eames, o que interessa é defender os valores com que Charles e Ray idealizaram as primeiras cadeiras de plástico produzidas com métodos industriais: "Conseguir o melhor para o maior número de pessoas e pelo mínimo possível." V sbluis@visao.pt

A VISÃO viajou para a Alemanha a convite da Vitra

PARLAMENTO

> Nuno Rebelo de Sousa Ouvido à distância, na CPI, o filho do Presidente limitou-se a declarar... que não tinha nada a declarar

CASO DAS GÉMEAS AS PEÇAS DE UM PUZZLE POR MONTAR

Emails desaparecidos que foram encontrados, revelações inesperadas, um Presidente que mantém o suspense e muitas pontas soltas por resolver

— POR MARGARIDA DAVIM

A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) ao caso das gémeas interrompeu as audições até setembro, depois de uma reta final atribulada. Afinal, o que já se sabe e o que falta saber sobre como as duas crianças receberam, em Portugal, um dos tratamentos mais caros do mundo? Vejamos ponto por ponto.

O ESTRANHO CASO DOS EMAILS-FANTASMA

Um momento tenso entre Maria João Ruela e André Ventura. A assessora do Presidente da República para os Assuntos Sociais não conseguia precisar como Marcelo Rebelo de Sousa lhe tinha pedido para intervir no caso das duas gémeas. O líder do Chega insistia na existência de um email que não estava entre a documentação enviada por Belém à CPI e que Ruela admitia poder ter-se perdido nestes cinco anos, que se passaram sobre o caso. “Se não está aí [o email] é porque me foi transmitido por outra via”, exasperava-se a assessora perante a insistência de Ventura, que queria saber como tinha tomado conhecimento do pedido do filho do Presidente.

Ainda a audição a Maria João Ruela decorria e já chegava à CPI um ofício da Presidência, no qual se explicava que o referido email não existia em Belém. “Verificado o dossier, constata-se que, efetivamente, um tal email não existe nem nos nossos dossiers, nem nos dossiers enviados à PGR e à CPI”, dizia

ANTÓNIO PEDRO SAN

o chefe da Casa Civil, Fernando Frutuoso de Melo, nesse texto, concluindo que, se não estava nos arquivos, nunca tinha existido. "Tal só pode significar que o mail de Sua Excelência o Presidente da República terá sido enviado em papel por mim à Doutora Maria João Ruela."

Quase uma semana depois, Belém enviava mais dois emails à CPI. Segundo as notícias da RTP e do *Correio da Manhã*, o email no qual Frutuoso de Melo lhe pedia para intervir, reencaminhando o que lhe havia chegado do Presidente (assim como outro relacionado com o caso), foi encontrado por Maria João Ruela, no dia a seguir à sua audição, na sua caixa de correio e reencaminhado pela Presidência para a CPI.

UMA REVELAÇÃO INESPERADA

A última semana de trabalhos na CPI ficou marcada por uma revelação inesperada. O deputado do PSD, António Rodrigues, teve acesso a documentação relacionada com o processo, que os pais das gémeas moveram à seguradora que cobria as filhas para a obrigar a pagar o muito dispendioso tratamento que à data estava disponível no Brasil para a atrofia muscular espinhal. Rodrigues assegurou-se de que a informação não estava protegida por nenhum sigilo e entregou-a depois à CPI. A entrega evitou que a comissão avançasse com uma queixa-crime por desobediência qualificada contra a mãe das meninas, Daniela Martins, que se recusava a informar o Parlamento sobre a identidade da seguradora. Com essa informação na mão, os deputados entenderam que não havia necessidade de fazer queixa da mãe.

UM MISTÉRIO CHAMADO JULIANA

A confirmação de que as crianças eram seguradas pela AMIL pode ser essencial para se perceber o caso. Isto porque o facto de as gémeas terem sido tratadas em Portugal no SNS levou a seguradora a poupar milhões com o tratamento disponível no Brasil e que obrigava a uma toma anual, durante toda a vida, com um custo de €300 mil por criança por ano.

À data, a AMIL fazia parte do mesmo grupo do que o Hospital dos Lusíadas, onde as crianças chegaram a ter consulta marcada com a Dra. Teresa Moreno, a médica que viria a segui-las no Hospital de Santa Maria. A consulta foi, contudo, desmarcada pouco antes de os pais terem assegurado que as filhas seriam atendidas no Santa Maria.

Ora, a AMIL tem no Brasil uma parceria com a corretora MDS, na qual, segundo o jornal *Eco* (que cita fonte oficial do grupo), a companheira de Nuno Rebelo de Sousa será agente. Na página de LinkedIn de Juliana Vilela Drumond, essa informação não aparece, mas o certo é que Juliana está em CC em todas as comunicações feitas por Nuno Rebelo de Sousa sobre o caso, com um Gmail em que o seu nome aparece ligado à palavra "seguros". Isso mesmo notou o deputado do PSD António Rodrigues, que apresentou um requerimento para ouvir Juliana, aprovado por unanimidade.

PEÇA-CHAVE PARA O PUZZLE

Carla Silva, a antiga secretária do então secretário de Estado da Saúde, António Lacerda Sales, é outra das peças-chave do *puzzle* que é este caso. Carla tinha trabalhado, durante anos, no Hospital de Santa Maria, antes de ir para a Secretaria de Estado da Saúde, e foi ela quem marcou a consulta das gémeas naquele hospital, violando a lei ao fazê-lo, uma vez que as crianças deveriam ter sido, antes, referenciadas num centro de cuidados de saúde primários.

O depoimento da antiga secretária de Lacerda Sales, que marcou, aparentemente de forma irregular, a consulta, pode ser fundamental para se esclarecer alguns contornos do caso

Lacerda Sales negou sempre ter dado ordem a Carla Silva para marcar a consulta, e o depoimento da antiga secretária pode ser fundamental. Carla pediu à CPI para ser ouvida à porta fechada. A comissão terá uma reunião de mesa e coordenadores, no dia 13, para decidir se aceita o pedido feito ao abrigo do Artigo 15º, nº 1, alíneas a) e b) do Regime Jurídico dos Inquéritos Parlamentares, que permite audições à porta fechada "por uma questão de privacidade ou de matérias mais delicadas". Mas terá sempre de ser validado pela CPI.

MARCELO MANTÉM SUSPENSE

Nunca um Presidente da República foi ouvido numa Comissão Parlamentar de Inquérito. Mais: à luz da lei, só o Supremo Tribunal de Justiça pode decidir em casos que envolvam esta figura do Estado. Marcelo começa por lembrar

MARCOS BORGA

Tensão A Comissão de Inquérito foi constituída por iniciativa do Chega, e André Ventura tudo tem feito para "entalar" Marcelo

isso mesmo na resposta que enviou à CPI sobre o pedido de audição, que pode ser por escrito (uma prerrogativa de que gozam também os primeiros-ministros atuais e antigos e os presidentes da Assembleia da República em funções ou não). Feita a ressalva, Marcelo deixa a porta aberta a prestar esclarecimentos, mas só após concluídas todas as outras audições. "No caso vertente, sendo público que um número elevado de cidadãos irá ainda ser ouvido, o Presidente da República, que já se pronunciou publicamente sobre a temática em apreço, reserva a sua decisão quanto a nova pronúncia, para momento posterior a todos os testemunhos, por forma a ponderar se existe matéria que o justifique", escreveu Rebelo de Sousa.

AUDIÇÕES EM AGENDA

António Costa responderá por escrito à CPI. Os deputados têm até ao dia 6 de setembro para elaborar um questionário, que pode conter até 90 perguntas e ao qual Costa terá de responder num prazo de dez dias a contar da receção. Não se conhece nenhuma relação direta entre o então primeiro-ministro e este caso, a não ser o facto de o pedido, feito pela Presidência, ter sido encaminhado por mail (com outros cinco) para o seu chefe de gabinete, que o reencaminhou para o Ministério da Saúde.

Já Augusto Santos Silva, que à data era ministro dos Negócios Estrangeiros, terá de responder sobre se houve alguma irregularidade na forma célere com que foi atribuída a nacionalidade portuguesa às gémeas nascidas no Brasil, o que era essencial para terem direito a serem seguidas no SNS. Até agora, todos os depoimentos têm sido no sentido de se assegurar que os procedimentos foram os normais (mais céleres quando estão em causa bebés filhos de pais portugueses). Ao contrário de Costa, Santos Silva decidiu depor presencialmente e não por escrito. Aos microfones da Renascença, disse ter "curiosidade" sobre as perguntas que lhe serão feitas

Marta Temido, então ministra da Saúde, será ouvida na CPI, no dia 27 de setembro. Paulo Jorge Nascimento, ex-cônsul de Portugal em São Paulo e atual embaixador de Portugal na República Popular da China, vai depor no dia 13 de setembro, por videoconferência.

O SUSPEITO SILÊNCIO DO FILHO

"Pelas razões referidas, não respondo." A frase foi repetida à exaustão a cada pergunta dos deputados a Nuno Rebelo de Sousa, que tinha começado a audição a invocar o "conselho profissional" dado pelos advogados. Constituído arguido no caso, o filho do Presidente tem o direito ao silêncio para não se incriminar. "Sem respostas, todas as hipóteses estão em cima da mesa, desde o altruísmo mais desapegado ao lobismo com contrapartidas", atirou Joana Mortágua, deputada do BE.

João Paulo Rebelo, do PS, também ficou sem resposta, quando perguntou, de forma muito direta, se Nuno tinha recebido ou se esperava receber algum tipo de contrapartida pela intervenção no caso. "Adensa esta teoria de que o Dr. Nuno Rebelo de Sousa é um lobista", advertiu-o o deputado socialista, já depois de António Rodrigues, do PSD, ter ironizado sobre a "história de ficção" de um verdadeiro "Robin dos Bosques da Solidariedade", uma narrativa que considerou ser insustentável face ao "muro de silêncio" em torno do caso.

A OMISSÃO DELIBERADA DE BELÉM

O caso das gémeas chegou ao conhecimento de Marcelo Rebelo de Sousa via email do filho para o seu endereço pessoal. Foi essa mensagem que Marcelo resolveu encaminhar para o chefe da Casa Civil, que, por sua vez, o passou à assessora dos Assuntos Sociais de Belém, para que averiguasse o que se poderia fazer para ajudar as crianças.

Depois de a Presidência ter recolhido informações sobre o caso e depois de Nuno Rebelo de Sousa ter insistido em ter uma resposta, Fernando Frutuoso de Melo acabaria por reencaminhar, por email, todo o processo clínico das crianças para o chefe de gabinete do primeiro-ministro. "Para evitar a habitual interpretação errónea, em particular qualquer tratamento diferenciado, dado o parentesco do peticionário com o Presidente da República, decidi deliberadamente omitir a identificação de quem tinha feito chegar tal solicitação por email à Presidência da República", disse Frutuoso de Melo, na sua audição na CPI.

mdavim@trustinnews.pt

LUCÍLIA MONTEIRO

Quando as visitas se tornam indesejadas

A contestação generalizada ao turismo de massas está ao rubro em Portugal e no mundo, com as autarquias a remendarem as costuras com proibições, limites e regulação

— POR SÓNIA CALHEIROS

Ter à porta de casa dezenas de tuk-tuks a passarem, todos os dias, não é a situação mais agradável para quem, apesar do *boom* do turismo, se manteve a residir nas ruas mais pitorescas de Lisboa, Sintra ou Porto, como se de um privilégio se tratasse.

Os bairros tradicionais, repletos de casas destinadas ao alojamento local, estão com lotação esgotada, gerando o caos no trânsito, a escassez de estacionamento, o excesso de poluição e cacofonia que não preserva o sossego dos moradores.

Condutora de tuk-tuk em Lisboa há uma década, Maria Alfama, 58 anos, sente-se uma verdadeira embaixadora da capital e sabe que muito do que diz e mostra aos seus passageiros é a impressão com que ficam de Portugal e dos portugueses.

"No Miradouro da Senhora do Monte, na Graça, já vi outros condutores a apontarem para a Costa da Caparica e a dizerem que é Sintra ou 'lá para cima é a Nazaré', das *big waves*", denuncia.

Tanto Maria Alfama como a Associação Nacional de Condutores de Animação Turística e Animadores Turísticos (ANCAT) advogam que seja criado um curso de certificação para os animadores antes da inscrição no registo nacional, que "continua a ser uma licença dada às cegas". "É por isso que ninguém consegue dizer quantos tuk-tuks há em Lisboa. Defendemos que tenha de se passar por uma formação, para saber, no mínimo, a História de Lisboa e o mapa de Portugal", acrescenta.

Estas e outras reivindicações já foram ouvidas numa reunião com Filipe Anacoreta Correia (CDS-PP), vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa com o pelouro da Mobilidade, de onde já saíram resoluções.

Em breve, empresários e condutores podem esperar "tolerância zero" nas áreas destinadas ao estacionamento, com operação conjunta de fiscalização a cargo da Polícia Municipal, da PSP e da EMEL.

Passarão a ser obrigatórios a formação dos operadores dos veículos e o seu licenciamento junto da autarquia – e não só do Turismo de Portugal, como acontece até agora –, para que possam estacionar os veículos nas zonas específicas e legais. Haverá também restrição a veículos elétricos em algumas zonas da cidade, ainda a designar.

Contando que existam mil tuk-tuks a circular em Lisboa, o objetivo é limitar para metade (500) os que ficam habilitados a estacionar em 250 lugares autorizados.

Regular a atividade é a forma de colocar um travão à circulação desmesurada de tuk-tuks. Desde 2016, a situação tem vindo a piorar e no bairro da Graça há segunda, terceira e quarta filas de estacionamento, congestionando o trânsito, com táxis que ali ficam bloqueados, com carros que não

LUÍS BARRA

LUCÍLIA MONTEIRO

Sobrelotação Tanto em Lisboa como no Porto, as zonas mais visitadas são junto a grandes monumentos, como o Mosteiro dos Jerónimos (*em cima*), e os respetivos centros históricos

conseguem sair da garagem, com ânimos exaltados. Ao caos do tráfego turístico da Graça juntam-se o do Castelo de São Jorge, o do Rossio, o do Miradouro das Portas do Sol, o de Belém e o do Terreiro do Paço.

MAIS TRANSPORTE PÚBLICO

Há mais de 30 anos, em 1992, a UNESCO alargou as categorias do Património Mundial e acrescentou a de Paisagem Cultural, com esta classificando Sintra três anos depois. Uma paisagem agora adornada com 50 faixas afixadas em diferentes locais das estradas da serra de Sintra, da Estefânia, de São Pedro e de Vila Velha. Nas telas penduradas às janelas e varandas, nos cartazes expostos nas montras de lojas, cafés e restaurantes leem-se mensagens contra o caos provocado pelo excesso de carros, a exigir políticas sustentáveis e lembrando que "Sintra ≠ Disneyland".

Contando que existam mil tuk-tuks a circular em Lisboa, o objetivo é limitar para metade (500) os que ficam habilitados a estacionar em 250 lugares autorizados

Nem os moradores do centro histórico (cada vez em menor número) nem os turistas, portugueses e estrangeiros, beneficiam de um desordenamento tão grande. "Queremos Sintra viva e habitada", "Não ao turismo de massas" ou "Património Mundial sim, parque de diversões não!", são palavras de ordem da QSintra em defesa da vila, a sofrer uma descaracterização acelerada.

Para Madalena Martins, munícipe e membro da direção da associação, a questão é complexa e, por isso, a solução tem de ser ampla e integrada. "Existe a necessidade de uma gestão multidisciplinar. Sintra tem de ser tratada com pinças", alerta.

Para travar o trânsito caótico, Madalena fala numa rede com mais transportes públicos, mais eficientes, de preço acessível ou preferencialmente gratuitos, desencorajando levar o transporte particular para a vila.

Os autocarros turísticos também não deveriam circular em estradas estreitas, porque "basta um automóvel mal estacionado para o autocarro não passar, bloquear a via e, por vezes, chega a haver engarrafamentos de vários quilómetros até Mem Martins. É um perigo também em caso de uma emergência médica, com as ambulâncias a não conseguirem chegar rapidamente à ocorrência".

Madalena Martins considera que os condicionamentos de trânsito, como a proibição da entrada de carros no centro histórico, exceto a residentes, estão pouco e mal divulgados. O que faz com que todos os condutores tentem entrar e tenham depois de inverter a marcha, entupindo as zonas de Colares e de Monserrate.

"Não hostilizamos nem os turistas nem o turismo, não pode é ser fator de destruição e de pandemónio", sublinha a ativista.

Pelos principais monumentos da vila, como o Castelo dos Mouros e o Palácio Nacional, geridos pela Parques

Será turismofobia?

Em Espanha, a luta continua

Embora Espanha não entre no top 10 do ranking feito pela Holidu, tem registado uma série de manifestações de rua com pregões hostis. Depois das ilhas Canárias, foi a vez de Maiorca, nas ilhas Baleares, reclamar alto e bom som: "Maiorca não está à venda", "Nómadas digitais vão para casa", "Não é turismofobia, são números. Somos 1 232 014 habitantes, 18 milhões de turistas". 20 mil pessoas, incluindo as de 110 organizações cívicas, marcharam no final de julho contra os impactos negativos do turismo excessivo, como sejam o colapso social e ambiental, a descaracterização do comércio local, a descida dos salários, a perda de qualidade de vida e o aumento do preço das casas. Na mesma altura, três mil pessoas protestavam por iguais motivos em Barcelona – a capital da Catalunha é a cidade mais visitada de Espanha, recebendo em média 32 milhões de visitantes por ano. Hotéis e esplanadas de restaurantes também encerraram, juntando-se ao protesto. "Queremos que o modelo económico da cidade dê prioridade a outras economias muito mais justas. E para isso consideramos que temos de diminuir o turismo", disse Martí Cusó, da associação Vizinhos do Bairro Gótico, citado pela agência noticiosa Associated Press. No País Basco, a cidade costeira de San Sebastián, tal como Veneza, também limitou a 25 pessoas os grupos turísticos no seu centro histórico e proibiu aos guias o uso de megafone. Em Sevilha, capital andaluza, pode estar para breve o pagamento de bilhete dos não residentes para entrarem na carismática Plaza de España.

Europa à pinha

O problema não é o turismo, é o excesso de turismo. É preciso encontrar o equilíbrio entre as necessidades de quem mora nas cidades, de quem nelas trabalha e de quem as visita

TURISTAS POR HABITANTES

1 Dubrovnik, Croácia — 27,42
2 Rodes, Grécia — 26,33
3 Veneza, Itália — 21,26
4 Heraclião, Grécia — 18,43
5 Florença, Itália — 13,81
6 Reiquiavique, Islândia — 12,10
7 Amesterdão, Países Baixos — 12,09
8 Lisboa, Portugal — 11,14
9 Porto, Portugal — 10,55
10 Dublin, Irlanda — 9,07

A Europa é a região do mundo com mais turistas. França tem o recorde de 100 milhões de turistas a entrar no país, em 2023, e deve-o manter por causa dos Jogos Olímpicos em Paris. Segundo o Eurostat, gabinete de estatística da União Europeia, registaram-se no ano passado 2,92 mil milhões de dormidas em alojamentos turísticos, valor superior aos 2,87 mil milhões de 2019, ano pré-pandemia

FONTE Holidu

RL/VISÃO

de Sintra, passam mais de 3,5 milhões de visitantes por ano. Um valor que levou a edilidade a reduzir o limite de entradas nos monumentos.

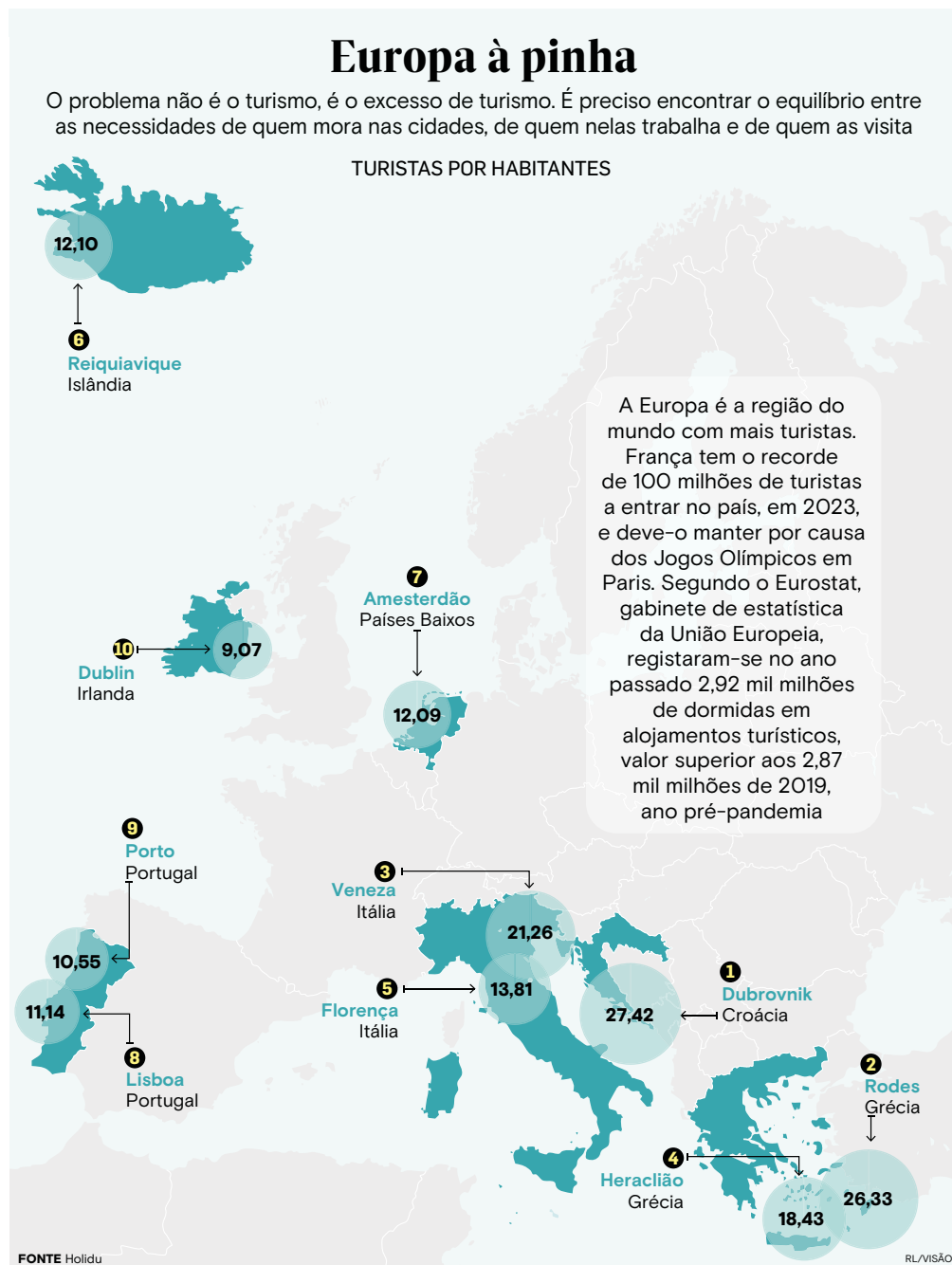
O Palácio da Pena, por exemplo, monumento com maior pressão turística, ao reduzir em cerca de 15% os visitantes diários (seis mil desde o início deste ano), baixou também o total de entradas em 16,5% relativamente a 2023. A mesma medida será aplicada, em setembro, na Quinta da Regaleira, gerida pela Fundação CulturSintra.

Quem mora na principal zona de passagem do fluxo turístico, o eixo que vai do Ramalhão para São Pedro de Sintra, quando sai de casa de manhã, por volta das dez e meia, para ir fazer algo rápido, ao regressar chega a demorar 45 minutos para estacionar o carro.

No que ao trânsito diz respeito, a autarquia construiu um parque de estacionamento periférico na estação da Portela de Sintra, com 550 lugares, mas usados sobretudo por quem trabalha em Lisboa e segue no comboio. Atualmente, há mais dois parques de estacionamento, no final do IC19 e junto à principal entrada de Sintra: Ramalhão 1, para veículos e autocaravanas, e Ramalhão 2, com 500 lugares. A novidade são os *shuttles* previstos para transportar os visitantes até ao centro da vila.

ENGARRAFAMENTOS NO MAR

Os problemas replicam-se também no Porto onde, em 2017, já existiu uma tentativa de regular o transporte turístico na cidade e, em setembro do ano passado, a Assembleia Municipal decidiu que tuk-tuks, comboios e autocarros turísticos só poderiam circular entre as dez da manhã e as dez da noite, uma forma de aliviar a pressão quando o congestionamento rodoviário matinal é maior.

Agora, das novas regras, que poderão entrar em vigor no final de agosto, fazem parte as excursões turísticas que, em vez de estacionarem na Cordoaria ou na Avenida dos Aliados, terão de parar nos terminais das Camélias, da Asprela ou na Alfândega, e fazer o pagamento de taxas.

Da zona da Alfândega à Praça da República e da Rua de Cedofeita à Rua de Dom João IV, só poderão entrar os veículos turísticos licenciados. Apesar de o número estimado de tuk-tuks a circular no Porto, cerca de uma centena, seja apenas 10% do que existe em Lisboa, no máximo está prevista a circulação de 40 tuk-tuks e de 24 autocarros de percursos turísticos. Todos terão de ser elétricos, de utilizar um dístico distribuído pela Polícia Municipal e de ceder o sinal de GPS aos serviços da autarquia.

Não é apenas em terra que o turismo de massas se faz notar. No Algar de Benagil, em Lagoa, um dos bilhetes-postais do Algarve – que recebe um milhão de visitantes, 21% do total de visitantes do Algarve (4 732 165) –, a partir de 13 de agosto há proibições a respeitar.

O acesso às grutas de Benagil, compreendidas entre a Praia do Vale do Lapa e a Praia de Albandeira, inseridas no perímetro do Parque Natural Marinho do Recife do Algarve – Pedra do Valado, não vai permitir o desembarque ou o uso do areal no interior do algar a particulares e empresas, o aluguer de caiaques sem guia nem o acesso a nado ou com

LUÍS BARRA

Concorrida Visitar Sintra tornou-se insustentável, uma vila apinhada de turistas, autocarros turísticos, TVDE, tuk-tuks e charretes

meios auxiliares de flutuação. Enquanto o lado poente fica destinado a embarcações a motor (três minutos), o lado nascente será para caiaques, pranchas e canoas (cinco minutos). No máximo, e em simultâneo, poderão estar três embarcações motorizadas (menos de 12 metros de comprimento) e grupos de seis equipamentos flutuantes, acompanhados por outro com guia certificado (máximo de oito minutos). Todos sem sistemas de amplificação de som de forma a não produzir poluição sonora.

Quem gosta de explorar as profundezas do mar deve saber que é proibido, no interior das grutas e nas imediações, mergulhar com escafandro autónomo ou em apneia, exceto em ações de investigação científica, e fazer pesca submarina e recreativa (apeada ou embarcada).

EUROPA IMPÕE LIMITES

O que tem acontecido em cidades portuguesas é em tudo semelhante ao que se passa no resto da Europa, sobretudo em países como Espanha, Itália e Grécia, onde nos últimos tempos se têm realizado manifestações de rua, com uma atitude que ostraciza os turistas.

O Holidu, portal de reservas para casas de férias, fundado em 2014 e com sede em Munique, na Alemanha, elencou as 36 cidades mais sobrelotadas da Europa. Para tal, usou os dados do Euromonitor International, fornecedor britânico de estudos de mercado, e analisou o número de chegadas a cada cidade, em 2023, em comparação com a sua população.

O resultado é a lista de cidades com o maior número de turistas por habitante. E Portugal lá consta, com Lisboa em oitavo lugar, com 11 turistas por habitante, e o Porto logo a seguir, com dez turistas por habitante.

Dubrovnik, na Croácia, lidera o *ranking*, com 27,42 turistas por habitante – muito graças à euforia gerada por *Guerra dos Tronos*, série ali gravada –, seguida de Rodes (26,33), na Grécia, e Veneza (21,26), em Itália. As cidades menos "invadidas" são Varsóvia (1,37), na Polónia, Istambul (1,33), na Turquia, e Hamburgo (1,05), na Alemanha.

Em Itália, por exemplo, Veneza continua a impor novos limites, que se estendem às ilhas Murano, Burano e Torcello: 25 pessoas, sem contar com crianças até aos 2 anos, por grupo de excursão com guia, sem megafones para proteger a tranquilidade dos residentes; proibido parar em ruas estreitas, pontes ou locais de passagem (exceto visitas de estudo).

No Porto há novas regras: as excursões turísticas terão de parar nos terminais das Camélias, da Asprela ou na Alfândega, e fazer o pagamento de taxas

Em abril, a cidade dos canais já se tinha tornado a primeira cidade do mundo a introduzir um sistema de pagamento, cinco euros, para os turistas que não pernoitassem e residissem fora da região de Veneto. Em 29 dias, ao longo dos três meses que durou a iniciativa, foram arrecadados mais de dois milhões de euros, mas sem o efeito esperado na redução de multidões. Assim, em princípio, em 2025, a taxa regressará mas inflacionada.

Segundo uma análise do jornal *The Economist*, que usa dados macroeconómicos da CEIC Data, de estatísticas governamentais e da consultora Oxford Economics, em termos absolutos de chegadas internacionais, Londres e Tóquio lideraram no ano passado, com 20 milhões de visitantes cada, seguidas por Istambul (17 milhões). No entanto, dividindo os turistas pela população, Amesterdão, Paris e Milão ocupam os três primeiros lugares, com dez, oito e seis chegadas por habitante.

DEIXEM AS GUEIXAS EM PAZ!

O turismo de massas não ignorou o outro lado do globo e o Japão agiu em conformidade. Dia 1 de julho pôs em prática as mais recentes restrições no acesso ao Yoshida, o mais popular e acessível trilho para principiantes para subir ao monte Fuji. No máximo, podem ali circular quatro mil alpinistas por dia, pagando cerca de €12 (dois mil ienes) e o acesso fica vedado entre as 16h e as três da manhã, impedindo a entrada de quem não reservou estada num dos abrigos de montanha.

Em Quioto, no bairro de Gion, desde 2019 é proibido tirar fotografias às gueixas. Este verão, passou a ser proibido aceder às ruas típicas estreitas onde as jovens trabalham e circulam, exceto à principal artéria, arriscando uma multa de cerca de 63 euros. Só assim as autoridades locais e municipais esperam que os turistas parem de filmar, fotografar e tentar tocar nos quimonos das jovens mulheres.

Em breve, a cidade imperial de Osaka poderá vir a cobrar aos turistas estrangeiros uma taxa de entrada para reduzir as hordas de visitantes.

Outra forma de combater o turismo excessivo é não autorizando a construção de novos hotéis, como anunciou o governo local de Amesterdão, nos Países Baixos. Só se fechar uma unidade hoteleira poderá abrir outra e sem aumentar o número de camas.

Entretanto, na Grécia, o presidente da Câmara Municipal de Atenas, Haris Doukas, mandou fazer um estudo sobre a capacidade de carga turística da cidade, isto é, "o número máximo de pessoas que podem visitar um destino turístico ao mesmo tempo, sem causar a destruição física, económica, sociocultural e ambiental e um inaceitável decréscimo da satisfação dos turistas", segundo a definição da Organização Mundial do Turismo. Porque primeiro estão os residentes. V

scalheiros@visao.pt

Proprietária/Editora: TRUST IN NEWS, UNIPESSOAL LDA.
Sede: Rua da Fonte da Caspolima – Quinta da Fonte
Edifício Fernão de Magalhães, n.º 8, 2770-190 Paço de Arcos
NIPC: 514674520.
Gerência da TRUST IN NEWS: Luís Delgado,
Filipe Passadouro e Cláudia Serra Campos.
Composição do Capital da Entidade Proprietária: 10.000,00 euros,
Acionista: Luís Delgado (100%)

VISÃO

Diretor: Rui Tavares Guedes
Subdiretores: Alexandra Correia, Filipe Luís,
Margarida Vaqueiro Lopes e Sara Belo Luís
Conselheiro Editorial: José Carlos de Vasconcelos
EXAME/Economia: Tiago Freire (diretor)
Editores: Carlos Rodrigues Lima, Clara Cardoso (visao.pt) Filipe Fialho (Mundo), Inês Belo (VISÃO Se7e), João Carlos Mendes (Grafismo), Manuel Barros Moura (Radar), Paula Barroso (VISÃO Júnior) e Pedro Dias de Almeida (Cultura)
Grandes Repórteres: José Plácido Júnior e Rosa Ruela
Redação: Clara Soares, Clara Teixeira, Florbela Alves (Coordenadora VISÃO Se7e/Porto), Joana Loureiro, João Amaral Santos, Luísa Oliveira, Luís Ribeiro (Coordenador Ambiente), Margarida Davim, Paulo C. Santos, Rui Antunes, Rui Barroso, Sara Xavier Nunes, Sílvia Souto Cunha, Sónia Calheiros e Susana Lopes Faustino
Grafismo: Paulo Reis (Editor adjunto), Teresa Sengo (Coordenadora), Ana Rita Rosa, Edgar Antunes, Filipa Caetano e Patrícia Pereira
Infografia: Manuela Tomé e Raquel Leal
Fotografia: José Carlos Carvalho, Lucília Monteiro, Luís Barra e Marcos Borga
Copydesk: Rui Carvalho e Teresa Machado
Secretariado: Sofia Vicente (Direção) e Ana Paula Figueiredo
Colunistas: Bernardo Pires de Lima e Pedro Marques Lopes
Cronistas: Dulce Maria Cardoso, José Eduardo Agualusa e Mia Couto
Colaboradores: Luís Ricardo Duarte, Manuel Halpern, Miguel Judas, Margarida Robalo e André Germano (Online)
Ilustração: Susa Monteiro
Redação, Administração e Serviços Comerciais: Avenida Jacques Delors, Edifício Inovação 3.1, Espaço nº 511/512 2740-122 Porto Salvo
Delegação Norte: Margarida Vasconcelos (Gestora de Marca)
Tel: 91 062 43 28 mvasconcelos@trustinnews.pt,
Carla Dinis (Assistente Comercial Porto)
Tel: 91 086 98 33 cmdinis@trustinnews.pt
Marketing e Publicidade: Vânia Delgado (Diretora Comercial e Marketing) – vdelgado@trustinnews.pt
Marketing: Joana Hipólito (gestora de marca) – jhipolito@trustinnews.pt
Publicidade: Telefone 218705000 (Lisboa)
Maria João Costa (Diretora Coordenadora Publicidade) – mjcosta@trustinnews.pt
Mariana Jesus (Gestora de Marca) – mjesus@trustinnews.pt
Rita Roseiro (Gestora de Marca) – rroseiro@trustinnews.pt
Florbela Figueiras (Assistente Comercial Lisboa)– ffigueiras@trustinnews.pt
Elisabete Anacleto (Assistente Comercial Lisboa) – eanacleto@trustinnews.pt
Delegação Norte – Telefone: 220990052
Margarida Vasconcelos (Gestora Marca) – mvasconcelos@trustinnews.pt
Carla Dinis (Assistente Comercial Porto) – cmdinis@trustinnews.pt
Digital e Parcerias Hugo Lourenço Furão (coordenador) hfurao@trustinnews.pt
Branded Content – Carolina Almeida (coordenadora) cmalmeida@trustinnews.pt

VISÃO BS A **VISÃO BS** é a unidade de produção de conteúdos patrocinados para parceiros da VISÃO, com coordenação do TIN Brand Studio.
Produção, Circulação e Assinaturas: Vasco Fernandez (Diretor), Pedro Guilhermino (Coordenador de Produção) Nuno Carvalho, Nuno Gonçalves, Paulo Duarte (Produtores) e Isabel Anton (Coordenadora de Circulação), Helena Matoso (Coordenadora de Assinaturas)
Serviço de apoio ao assinante: Tel.: **21 870 50 50** (Dias úteis das 9h às 19h)
Custo de chamada para a rede fixa, de acordo com o seu tarifário
Impressão: Lisgráfica – Estrada de São Marcos Nº 27
S. Marcos – 2735-521 Cacém
Distribuição: VASP MLP. Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt – Tel.: 808 206 545
Tiragem média do mês de abril: 24 700 exemplares
Registo na ERC com o nº 112 348
Depósito Legal nº 127961/98 – ISSN nº 0872-3540

APOIO AO CLIENTE/ASSINANTE
apoiocliente@trustinnews.pt

Estatuto editorial disponível em **www.visao.pt**

Cartazes para celebrar, em 2024, o espírito, a energia e a alegria do 25 de Abril de 1974

liberdade

diversidade

igualdade

25 abril sempre

Por **Sofia Morais**

Nascida cinco anos após o 25 de Abril, é ilustradora e gravadora. Expõe regularmente o seu trabalho e tem colaborado com diversas publicações e projetos, que levam a ilustração para lá do papel. As suas ilustrações e gravuras entram no profundo da noite, revelam medos e desassossegos, envoltos em cores fortes e vibrantes, que pretendem ser uma resposta de coragem a essa escuridão invisível.
instagram.com/a_sofia_morais/